

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CARLA DA SILVA

**DO “MONSTRO” AO HOMEM:
MOTIVOS DE VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER**

DOUTORADO EM SERVIÇO SOCIAL

São Paulo

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CARLA DA SILVA

**DO “MONSTRO” AO HOMEM:
MOTIVOS DE VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Serviço Social, sob a orientação da Prof.^a. Dra. Maria Lucia Rodrigues.

São Paulo

2020

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução parcial ou total desta Tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Carla da Silva
carla_servicosocial@yahoo.com.br

Sistema para Geração Automática de Ficha Catalográfica para Teses e Dissertações com dados fornecidos pelo autor

da Silva, Carla
Do “monstro” ao homem: motivos de violências contra a mulher / Carla da Silva

-- São Paulo: [s.n.], 2020.

131p; 21 X 29,7 cm.

Orientador: Maria Lucia Rodrigues.

Tese (Doutorado em Serviço Social) -- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, 2020.

1. Violências. 2. Homem Autor de Violência. 3. Motivos. 4. Objetividade. 5. Subjetividade. I. Rodrigues, Maria Lucia. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social. III. Título.

CDD

CARLA DA SILVA

**DO “MONSTRO” AO HOMEM:
MOTIVOS DE VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Serviço Social, área de concentração Serviço Social.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Dra. Sandra Eloisa Paulino – FAPSS

Dra. Patricia Krieger Grossi – PUC RS

Dra. Vanessa Rombola – UEM

Dra. Maria Carmelita Yasbek – PUC SP

Dra. Nome Completo – Sigla da Instituição

DEDICATÓRIA

Ao meu amado Jesus e minha amada Maria
Ao meu pai Carlos que retornou a casa de Deus. Te amo e estou com muitas saudades!
Aos meus amores: Alicia (Mãe) e Richard (filho).

AGRADECIMENTO AO CNPQ

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the National Council for Scientific and Technological Development – Brasil (CNPq) – Finance Code 001.

Número de processo 140217/2018-5

AGRADECIMENTOS

Gratidão ao meu amado Deus, pela oportunidade de ter chegado tão longe, pela concretização do impossível, e pelo carinho dedicado a mim nesse trajeto.

À minha mãe, Alicia; não seria possível chegar até aqui sem você, sem sua visão de águia, sua perseverança, sua coragem e sua fé. Esses foram os elementos que moveram o céu para que esse sonho se tornasse possível.

Ao meu filho Richard, que esteve ao meu lado todos os dias, acreditou e não me deixou desistir.

Ao meu irmão Anderson, que compartilhou comigo as minhas angústias, visualizou esse caminho e estendeu a sua mão para me ajudar.

Ao meu irmão Bruno e às duas grandes riquezas do meu coração – Davi e Ana Alice (sobrinhos) –, que fizeram os meus dias mais alegres, e enxugaram minhas lágrimas de exaustão.

À Professora Mirian Faury, pelo carinho, pela dedicação e principalmente por acreditar em mim. Guardarei suas últimas palavras: “Não desista, você consegue, você é capaz, eu acredito em você!”. Receba minha gratidão aí no céu.

À orientadora e amiga, Profa. Maria Lúcia Rodrigues, pelos ensinamentos complexos, mas transmitido com simplicidade e afeto. Sou muito grata pelo seu olhar, que atravessa as aparências e chega à minha alma.

À minha irmã de coração, Perla, que não mediu esforços para me ajudar, alegrar e consolar. Choramos, literalmente juntas, e fomos consoladas pelo nosso Deus. Peço a Ele que cuide de você e a esconda em Teu coração.

Aos meus amigos Adjane, Maria da Graça (Ninha), Maria da Glória (Dora), Cleonice (Cleo), Sandra e Sergio, que rezaram, intercederam por mim, e acreditaram no impossível.

À Sandra Paulino, que se tornou, para mim, o exemplo de profissional, pesquisadora e amiga. Muito obrigada, pela paciência, pelo cuidado e pela oportunidade de trabalhar com você.

À Profa. Virginia (China), que o tempo todo esteve comigo, nas alegrias e nas tristezas, durante esse caminho.

À Silmara, que me incentivou desde o início, e vibrou comigo todas as minhas conquistas. Muito obrigada, você mora em meu coração.

Às professoras e colegas de trabalho, Vânia, Jeanete, Fabiana e o Prof. Duarcides, que compartilharam comigo seus conhecimentos. Muito obrigada.

Aos meus amigos e minhas amigas que mesmo longe torceram por mim; vocês moram em meu coração.

Às minhas amigas de trabalho da Casa dos Sonhos, Larissa, Arlete, Tatinha, Domingas, Cris, Gal, Otildes e, em especial, à Faty, que sempre estiveram ao meu lado e acreditaram nesse trabalho. Gratidão

Aos queridos amigos que o NEMESS – PUC-SP – me presenteou, pelos quais tenho muito carinho e que para sempre estarão guardadas em meu coração, Nadja, Paola Cordeiro, Lucélia Silva, Marília, Aline, Manoel, Erivaldo, Fátima, Camile e Thais.

Ao Grupo de Estudos sobre Violências, em especial à Dandara, Fabiana, Fernanda, Livia e Milena, que não são somente alunas, mas professoras que, em todos os encontros, me ensinam algo novo. Ao Renan e à Cindy que, assim como as meninas, toparam a loucura de estudar a violência. A vocês, muito obrigada.

À Lívia e a Silmara que eram alunas e hoje são minhas amigas. Obrigada pelas correções e, acima de tudo, por me incentivar a não desistir.

À todas e todos alunos que se alegraram e, também, “quase” choraram comigo nesses quatros anos. Vocês me encorajam a não desistir nunca. Grata a todos!

A todos os homens dessa pesquisa, que confiaram a mim suas histórias de dor, e aos profissionais que acreditam e trabalham por um mundo igualitário.

A todos que lerem essa tese meu agradecimento, e lembrem-se que: “Viver é um rasgar-se e remendar-se”. (Guimarães Rosa).

“Não sou nada; sou apenas um instrumento, um pequeno lápis nas mãos do Senhor, com o qual ele escreve aquilo que deseja. Por mais imperfeitos que sejamos, ele escreve magnificamente.” (Madre Teresa de Calcutá).

RESUMO

O objetivo desse estudo consiste em analisar e compreender as motivações que conduzem os homens às práticas de violência contra a mulher no âmbito doméstico. Tem como prioridade ouvir os homens, permitindo que eles contassem sua versão dos fatos (das violências), seu contexto e realidade, bem como suas análises sobre os motivos que o impulsionaram aos atos, e sua visão “geral” das violências cometidas contra a mulher. Também, ouvimos os profissionais que atendem esse público, com objetivo de refletir sobre o modo de intervenção praticado e sua percepção sobre os motivos que levam os homens a cometerem violência contra a mulher. Entendemos o homem como produto e produtor das relações, portanto, assumimos, nesse trabalho, a terminologia “homem autor de violência”, bem como a desconstrução do homem agressor e dominador para a construção de um homem comum. As experiências com as violências serão apresentadas na perspectiva multidimensional, compreendendo que a realidade e o contexto social são dinâmicos e diversos, assim como a complexidade humana, que transita entre o objetivo e o subjetivo, entre o abstrato e o concreto, entre a razão e a emoção. Para tanto, realizamos uma pesquisa qualitativa, centrada nos depoimentos dos homens autores de violência contra a mulher, e dos profissionais que atuam com esses sujeitos. Os resultados obtidos no estudo apontaram diversos motivos, inseridos no campo objetivo – família tradicional; cultura machista; as histórias vivenciadas com as violências e sua (re)produção – e no campo subjetivo – amor, ódio, ciúme, descontrole –, e que juntos impulsionam os atos violentos, sendo a violência usada como instrumento primeiro na ausência de recursos de afeto e diálogo. Os profissionais apontaram que o grupo de reflexão e a escuta apresentam resultados positivos no discurso dos homens; portanto, os autores de violência não podem ser reduzidos somente aos fatos presentes no Boletim de Ocorrência. É preciso olhar para além dos fatos, considerando o contexto social e os recursos subjetivos envolvidos, e construindo estratégias de intervenção que contemplem os dois campos, objetivo e subjetivo, com recursos não violentos.

Palavras-chave: Violências; Homem Autor de Violência; Motivos; Objetividade; Subjetividade.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze and understand the motivations that lead men to practices of violence against women in the domestic sphere. With the priority of listening to men, allowing them to tell their version of the facts (of the violence), their context and reality, as well as, their analysis of the reasons that drove them to the acts and their “general” view of the violence committed against the woman. We also listened to the professionals who serve this audience, with the aim of reflecting on the mode of intervention practiced and their perception of the reasons that lead men to commit violence against women. We understand man as a product and producer of relationships, therefore, we assume in this work the terminology of the author of violence, as well as the deconstruction of the aggressor and dominator for an ordinary man. The experiences with violence will be presented in a multidimensional perspective, understanding that reality and the social context are dynamic and diverse, as well as the human complexity that moves between objective and subjective, between abstract and concrete, between reason and emotion. To this end, we conducted a qualitative research, centered on the testimonies of men who committed violence against women and the professionals who work with these subjects. The results obtained in the study pointed out several reasons, inserted in the objective field: traditional family; macho culture; the stories experienced with violence and its (re) production and, in the subjective field: love, hatred, jealousy, lack of control, together drive violent acts, violence being used as an instrument first in the absence of resources of affection and dialogue. The professionals pointed out that the reflection group and listening, present positive results in the speech of men, therefore, the perpetrators of violence cannot be reduced to the facts present in the police report, but it is necessary to look beyond the facts, consider the social context and the subjective resources involved. Building intervention strategies that address both fields: objective and subjective, with non-violent resources.

Keywords: Violence; Male Author of Violence; Reasons; Objectivity; Subjectivity.

LISTA ABREVIATURAS

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BO – Boletim de Ocorrência

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CPMA – Central de Penas e Medidas Alternativas

DDM – Delegacia de Defesa da Mulher

GEVID – Núcleo de Combate à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher

HAV – Homem Autor de Violência

OSC – Organização da Sociedade Civil

SOS AMF – SOS Ação Mulher e Família

SPA – Substâncias Psicoativas

TCE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TEDE – Teses e Dissertações

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Levantamento de trabalhos45

Quadro 2: Profissionais entrevistados.....94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Referências Bibliográficas da Introdução	19
 CAPÍTULO I: HOMEM COMUM E A BANALIDADE DO MAL.....	20
1.1. As Violências.....	22
1.2. Os homens e as masculinidades.....	27
1.3. A Subjetividade Social: entre os motivos e as emoções	36
Referências Bibliográficas do Capítulo I	40
 CAPÍTULO II: TRILHA METODOLÓGICA.....	43
2.1. Pressupostos e objetivos	43
2.2. Planejamento da pesquisa	44
Referências Bibliográficas do Capítulo II	53
 CAPÍTULO III: OS CAMINHOS, OS (DES)ENCONTROS E AS HISTÓRIAS	54
3.1. Os caminhos e os desencontros	54
3.2. O encontro dos Sujeitos	56
3.3. O perfil dos Sujeitos	57
3.4. Apresentação dos Sujeitos.....	58
Referências Bibliográficas do Capítulo III	71
 CAPÍTULO IV: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	72
Referências Bibliográficas do Capítulo IV	92
 CAPÍTULO V: OS PROFISSIONAIS E SUAS EXPERIÊNCIAS CONSTRUÍDAS COM OS HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA	93
5.1. O caminho e os Sujeitos	93
5.2. Análise das entrevistas.....	94
Referências Bibliográficas do Capítulo V	103
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
 ANEXOS.....	114
Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	114
Anexo B: Parecer Consubstanciado do Conselho de Ética em Pesquisa – Plataforma Brasil	116
Anexo C: Questionário 1	120
Anexo D: Roteiro 1	121
Anexo E: Questionário 2	122
Anexo F: Roteiro 2	123
 APÊNDICE	124
Memorial	124

INTRODUÇÃO

Historicamente, apresentam-se, no cenário da vida, episódios de guerra e paz. Experienciamos conflitos e consensos, retrocessos e avanços, tristezas e alegrias, vinganças e reconciliações, dor e cura, amor e ódio. São muitas as cenas que vivenciamos ao longo da nossa jornada na terra. Entretanto, às vezes, permitindo ou não, situações nos arrebatam em razão das adversidades do cotidiano; somos invadidos em nosso “íntimo” – lugar de refúgio –, assumindo roteiros em nossas vidas, de longas metragem de suspense e terror, constatadas, por exemplo, em histórias reais de famílias que convivem com agressões físicas, psicológicas, estupros, opressão, maus tratos e assassinatos.

Contudo, muitas vezes é difícil compreender essa trama, em decorrência do vínculo de afeto estabelecido entre os atores, e pela sutileza dos fatos. O “filme real” deixa suas marcas nas vítimas, nas famílias, na comunidade, na sociedade e nos autores dessas violências.

A violência é um instrumento e um recurso utilizado em diversos momentos, ora para legitimar o poder nas microrrelações (pessoais e familiares) e nas macrorrelações (Estado), ora empregado como recurso de descontrole das emoções. Não é simples compreender essa trama, pois a violência é um fenômeno multifacetado, que tem em seu bojo o poder, a dominação, as emoções e os sentimentos, como raiva, vingança e ódio. A interação e a convivência são, geralmente, fatores que permitem e facilitam os atos de violência, segundo os diferentes depoimentos de homens autores de violência e sujeitos desta pesquisa.

O objetivo deste estudo consiste em analisar e compreender as motivações que conduzem os homens às práticas de violência contra a mulheres no âmbito doméstico. Nessa busca pelos motivos¹, priorizamos ouvir os homens que praticaram violência, permitindo que contassem sua versão dos fatos (das violências), seu contexto e realidade, bem como suas análises sobre os motivos que os impulsionaram aos atos violentos cometidos.

Nessa perspectiva, encontramos homens seres humanos; não encontramos

¹ Entendemos motivo como uma formação de sentidos associados a uma ação que integra elementos objetivos e subjetivos. (GONZÁLEZ REY, 2003)

agressores – dominadores, mas pessoas que por vários, e não por um único motivo, usaram a violência como recurso e instrumento para os seus atos. Claro que os motivos levantados estão associados à construção sócio-histórica e cultural do sujeito, de suas condições objetivas e subjetivas, dos sentidos percebidos e das responsabilidades esperadas e legitimadas pela sociedade, conforme o que é considerado como constitutivo de um “homem de verdade”.

Todavia, para chegar nessa conclusão, precisamos retomar o caminho inicial que trilhamos, para compreender essa tentativa de sistematização. Tentativa, pois entendemos que nenhum conhecimento se esgota em si e nenhuma teoria é capaz de compreender o todo. Portanto, esse estudo abre a possibilidade de reflexão e análise, não de finalização.

Nossa motivação para a realização deste estudo tem seu início em 2008, quando ocupávamos o cargo de assistente social na OSC SOS Ação Mulher e Família² e realizávamos o atendimento direto às mulheres em situação de violência. Na medida em que o tempo passava, várias indagações surgiam, durante e após os acolhimentos às mulheres, principalmente sobre as repercussões das intervenções profissionais na vida das usuárias do serviço e em suas famílias. Essas inquietações e o desejo de entender esse fenômeno nos impulsionaram a buscar respostas sobre essa matéria, resultando na realização da dissertação de mestrado: “Uma realidade em preto e branco: as mulheres vítimas de violência doméstica”³, defendida em 2011 pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC São Paulo.

No transcorrer da pesquisa, as mulheres entrevistadas mostraram forte preocupação com a produção e a reprodução da violência doméstica, manifestando apreensão em relação aos seus filhos e também aos homens/companheiros que praticaram atos de violência contra elas. Do ponto de vista dessas mulheres existe urgência em atendimentos dirigidos também aos homens autores de violência, como estratégias de prevenção e de rompimento do ciclo da violência.

(...) minha opinião seria assim, de repente, se conseguisse expandir o atendimento para o lado masculino, e conseguir adaptar uma coisa para ajudar também os homens, que de repente estão em uma situação de vida pior, embora não generalizando. Principalmente divulgar em palestras, quando ele não vai, assim ele ouve, isso pode atingir ele, de repente se

² Organização da Sociedade Civil (OSC) SOS Ação Mulher e Família – foi um dos SOS que nasceu do movimento feminista, em 1980, e, desde então, atua e presta serviços no atendimento direto às vítimas de violência, na cidade de Campinas, SP.

³ SILVA, Carla da. UMA REALIDADE EM PRETO E BRANCO: as mulheres vítimas de violência doméstica. Dissertação de Mestrado, defendida em maio de 2011, pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC São Paulo. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17503>

disser ah, tem um SOS ou um grupo que pode ajudar. Porque o homem é machista demais, ele pode tudo, meu neto pode ter namorada, mas minha netinha não pode. Sabe, então a gente vai acompanhando e até na nossa família a gente vê. Como os homens pensam na sua cabeça, na realidade sobre homem e mulher, o homem manda. Acho que poderíamos sim contribuir um pouco para mudar essa realidade deles sim, às vezes é caráter, outros é a educação que é falha mesmo, que eleva o machão. (Entrevistada: AZUL); (SILVA, 2011, p. 94)

(...) precisa ter um SOS para os homens, seria muito bom, iria mudar muita coisa, principalmente para o casal que não quer se separar. O homem é tão machista que, se tiver um SOS, será preciso que alguém chame assim, um SOS. Seria bom, ia mudar muito a gente (mulher) e o atendimento. (Entrevistada: BRANCA); (SILVA, 2011, p. 94)

(...) o homem tem que ter um suporte mesmo, mas a mulher teria que ter esse suporte também (...) sabe, está mudando essa mentalidade, acho que a gente (mulher), bem estruturada, a gente conseguiria ajudá-lo (homem). (Entrevistada: VERDE); (SILVA, 2011, p. 95)

Esses, entre outros depoimentos, nos incentivaram a estudar o campo das masculinidades e aprofundar nossa compreensão sobre violências. Foi assim que a instituição SOS de Campinas iniciou o atendimento aos homens autores de violência, considerando tal serviço um suporte importante para a compreensão das relações. No decorrer do tempo, e com os estudos e as experiências adquiridas no acolhimento aos homens, pudemos desenhar a presente pesquisa, realizada através de homens que compartilharam suas histórias e suas experiências, tecidas na relação de amor, ódio e dor.

Assim, definimos como protagonista deste estudo o homem que comete violência contra a mulher, procurando reconhecer seus motivos e contextos. Entendemos o homem como fruto de um contexto histórico, social e cultural, que tem como eixo uma sociedade organizada na masculinidade hegemônica, com a capacidade de impor uma definição específica sobre outros tipos de masculinidade, como “[...] projetos que envolvem encontros complexos com instituições (escolas e mercados de trabalho) e com forças culturais (como a comunicação de massa, a religião e o feminismo).” (CONNELL, 1995). Desse modo, a masculinidade hegemônica está enraizada na esfera pública e também na esfera privada, impulsionada pelo discurso de competição, de sucesso e de poder que, por sua vez, é legitimado pela prova constante dessa masculinidade.

Portanto, o homem não nasce pronto para violentar uma mulher, não nasce com “carimbo de agressor” em sua identidade social e individual, mas ao longo da sua vida, aprende a ser “homem” e, nesse caminho, como sujeito singular, ativo e

histórico, altera, modifica ou constrói, ao mesmo tempo, determinado espaço que o transforma, passando a ser, além de produto, também produtor da sociedade; e é nesta relação imbricada e contraditória entre indivíduo e sociedade que se constituem os elementos essenciais para o desenvolvimento humano (GONZÁLEZ REY, 2003). Assim, optamos pela expressão “autor de violência”, compreendendo que não há uma única explicação, mas diversas e diferentes resultado da articulação de uma série de vetores pessoais, situacionais e sociais que conduzem à violência (NASCIMENTO, 2001).

A partir desse ponto de vista, entendemos que a mulher faz parte dessa relação, como sujeita singular, ativa e histórica, ou seja, produtora da sua história de vida que, mesmo com dores, pode ultrapassar os determinismos sociais. Assim, adotamos o conceito “mulher em situação de violência”, acompanhando a mesma lógica de compreensão de contexto sócio-histórico do tema, que abrange a complexidade das dinâmicas que envolvem a violência, sua diversidade de significados, contextos, intensidades e personagens que ocupam esse quadro sócio-analítico (SOARES, 2002).

O propósito desta tese consiste, ainda, em ouvirmos profissionais de diversas áreas do conhecimento, que desenvolvem metodologias de trabalhos diversificadas com homens autores de violência, para refletir sobre o modo de intervenção praticado e sua percepção sobre os motivos que levam os homens a cometerem violência contra a mulher. Organizamos, assim, o trabalho em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, *Homem Comum e a Banalidade do mal*, inspirados pela discussão do livro de Hannah Arendt, “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal”, estabelecemos certo paralelo sobre o julgamento moral e ético entre a violência e os juízos de valor sociais. A proposta central desta tese consiste em dar voz aos homens que cometeram essas violências, não justificando seus atos ou colocando-os em um lugar de privilégio ou de vítima, mas compreendendo a sua história, para “tentar” entender o contexto em que se inseriam e que, de algum modo, favoreceu seu próprio ato. Optamos por não discutir a questão da violência contra mulher neste momento, reservado à compreensão dos motivos masculinos e seus efeitos.

Nessa perspectiva, trataremos em, *Os homens e as Masculinidades*, a masculinidade hegemônica e a multiplicidade de masculinidades em Connell (1995),

assim como a crise da masculinidade em Nolasco (1997), e a perspectiva subjetiva, apoiados em Gonzáles Rey (2003).

O segundo capítulo, *O caminho metodológico da pesquisa*, apresenta os pressupostos, os objetivos, percurso metodológico e as etapas investigativas da pesquisa de campo. Na primeira etapa, realizamos estudos bibliográficos acerca dos temas: violências, gênero e masculinidades, relações de poder, subjetividades e relações afetivas, humanas e sociais. Realizamos, também, um levantamento de trabalhos e teses relacionados com o tema. Na segunda etapa, apresentamos a contextualização das instituições participantes. A terceira etapa é composta pela pesquisa de campo, realizada por meio da entrevista narrativas para coleta dos depoimentos pessoais; e na quarta etapa expomos a análise de conteúdo.

O terceiro capítulo é tecido pelos *Caminhos, os (des)encontros e as histórias* dos sujeitos. Nesse item preferimos trazer os depoimentos na íntegra, bem como a narração dos desafios encontrados para localizar os sujeitos e realizar as entrevistas.

O quarto capítulo, *Análise e interpretação dos dados*, incorpora as reflexões dos homens autores de violência e dos profissionais. Nele apresentamos as análises resultantes de todo o processo de estudo que empreendemos.

Finalizamos a tese com as considerações finais, apontando os desafios de compreender o homem como produto e produtor das relações, elucidando os caminhos apontados pelos sujeitos e pelos profissionais para a construção de estratégias de intervenção no âmbito social, cultural, político e subjetivo, e o necessário investimento em política pública para prevenir, proteger e minimizar os incidentes de violência. Sinalizamos a ausência de estudos e pesquisas no Serviço Social sobre essa temática e a necessidade de ampliar os estudos sobre a mesma para além dos muros acadêmicos.

Referências Bibliográficas da Introdução

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do Mal**. Tradução: José Rubens Siqueira. 25ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Sobre a violência**. ITOKAZU, Ericka Mari.; BERLINCK, Luciana Chauí (orgs). 1ª edição. Belo Horizonte, MG: Autêntica editora, 2018.

CONNELL Robert W. Políticas da Masculinidade. **Revista: Educação e Realidade**, jul- dez, 1995.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. Tradução: Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. (1985/2012). **Acción y ideología: Psicología Social desde Centroamérica** (2ª ed.). San Salvador: UCA Editores.

NASCIMENTO, Marcos Antonio Ferreira do. **Desaprendendo o silêncio: uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher**. Dissertação de Mestrado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2001.

RODRIGUES, Maria Lucia.; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. (orgs). **Metodologias multidimensionais em ciências humanas**. Brasília: Líber Livro, 2006.

SILVA, Carla da. **Uma realidade em preto e branco: as mulheres vítimas de violência doméstica**. Dissertação de Mestrado - PUC São Paulo, São Paulo, 2011.

SOARES, Barbara Musumeci. A Antropologia no executivo: limites e perspectivas. In: CORRÊA. Mariza, (org). **Gênero & Cidadania**. Coleção Encontros Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero UNICAMP, Campinas, 2002. p.31-46.

CAPÍTULO I

O HOMEM COMUM E A BANALIDADE DO MAL

Iniciamos esta reflexão remetendo-nos às contribuições de Hannah Arendt⁴, especialmente a seu relato sobre a *Banalidade do Mal*, escrito derivado do julgamento de Adolf do Eichmann⁵, ocorrido em Jerusalém em 1961. Arendt foi convidada pela Revista The New Yorker para cobrir o julgamento e publicar o relatório de suas análises.

Durante o julgamento Arendt observou que Eichmann dizia a verdade, quando se defendeu como uma pessoa que estava cumprindo ordens e que considerava desonesto não executar ordens, portanto, não poderia ser condenado pelo crime contra humanidade e ser responsável pelo assassinato dos judeus durante a segunda guerra.

A corte não o entendia: ele nunca tinha nutrido ódio aos judeus, e nunca desejou a morte de seres humanos. Sua culpa provinha de sua obediência, e a obediência é louvada como virtude. Sua virtude tinha sido abusada pelos líderes nazistas. Mas ele não era membro da classe dominante, ele era uma vítima. (...) “Não sou o monstro que fazem de mim”, Eichmann disse: “Sou vítima de uma falácia”. (ARENDT, 1999, p. 269)

Os aspectos da personalidade de Eichmann levaram a autora a se convencer: “ele não era um monstro”. Ao contrário, era um homem comum. E o mais assustador: tão comum quanto muitos outros. O problema de Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem

⁴ Hannah Arendt nasceu em uma família judia em Hanover, na Alemanha, no dia 14 de outubro de 1906. Cursou a universidade de Marburg, no curso de filosofia, e foi aluna do filósofo Martin Heidegger. Em 1926, Arendt trocou de universidade, indo para Heidelberg, onde concluiu o doutorado, em 1928. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o governo francês de Vichy colaborou com os invasores alemães e, por ser judia, Hannah foi enviada a um campo de concentração, em Gurs, como “estrangeira suspeita”. Porém, conseguiu escapar e aportou em Nova York, em maio de 1941. Exilada, ficou sem direitos políticos até 1951, quando conseguiu a cidadania norte-americana. Então, começou realmente sua carreira acadêmica, que duraria até sua morte, em 1975.

⁵ Otto Adolf Eichmann nasceu em 1906, na Alemanha, casou-se com Veronika Liebl e teve 4 filhos. Ingressou no partido Nacional Socialista em 1932. Em 1934, foi admitido pela SD, órgão criado para funcionar como Serviço de Inteligência do Partido Socialista, no âmbito de atuação da SS (*Schutzstaffeln*); obteve inúmeras promoções dentro da repartição, chegando a chefe da Seção de Assuntos Judaicos, sendo considerado um especialista na deportação da comunidade judaica da Alemanha, Áustria e Tchecoslováquia, para os campos de concentração. Ao final da Segunda Guerra, fugiu para diversos países, sendo capturado na Argentina, no dia 11 de maio de 1960; foi acusado e condenado de cometer crimes contra humanidade e de guerra. Seu julgamento se deu em Jerusalém, em 1961, sendo enforcado em 1962.

sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais (Cf. Arendt, 1999, p. 299).

A normalidade a qual Eichmann se atribui em julgamento chamou atenção de Arendt, que inicia, assim, uma busca por modelos que explicassem o mal, saindo do determinismo histórico e da distorção ideológica do nazismo, negando as teorias que expressavam o mal como patologia ou possessão demoníaca. “Por trás desta expressão não procurei sustentar nenhuma tese ou doutrina, muito embora estivesse vagamente consciente de que ela se opunha à nossa tradição de pensamento – literário, teológico ou filosófico – sobre o fenômeno do mal” (ARENDT, 1999, p. 5).

Para Arendt, o mal não pode ser explicado como uma fatalidade, mas, sim, caracterizado como uma possibilidade da liberdade humana. Nesse sentido, ela demonstra o descompasso entre a personalidade comum do réu e as dimensões monstruosas do mal por ele perpetrado. Eichmann não era um monstro, ainda que os resultados de suas ações fossem monstruosamente macabros. Segundo psicólogos e sacerdotes que examinaram Eichmann, o seu comportamento não era apenas normal, mas inteiramente desejável, um homem de ideias muito positivas (ARENDT, 1999, p. 37). A percepção de que Eichmann era normal, um burocrata medíocre, um pai de família e um irmão dedicado, deixou-a assustada, pois aquele homem na cabine de vidro, que estava sendo julgado por crime contra a humanidade, era um homem comum, de superficialidade e mediocridade aparentes.

A posição de Arendt frente ao julgamento de Eichmann desagradou a comunidade judaica e até mesmo a científica, afetando seu vínculo de amizade com o historiador judeu Gershom Scholem, que publicou uma carta aberta afirmando que Arendt não possuía “amor pelo povo judeu”. Além disso, viveu certa perda de seu prestígio intelectual na comunidade judaica, na Europa e nos Estados Unidos, o que resultou em vários anos de silêncio e ausência de publicações da autora.

Assim como Arendt, que se impressionou mediante uma interpretação bastante contraditória daquele que havia provocado tanto mal, este estudo busca compreender os motivos que conduzem os homens à prática da violência contra as mulheres. A apreciação mais genérica de que são homens monstruosos é uma tendência socialmente dominante. Mas, se por outro lado, partirmos do pressuposto de que são homens comuns, constituídos de valores morais e de normas definidas pela sociedade, será necessário refletir que resultam dos grupos de poder que

legitimam a violência como instrumento, e da cultura que historicamente emana das relações sociais. Assim como Arendt, a autora deste trabalho também pode não agradar a uma grande parte da sociedade.

1.1. As Violências

As violências serão trabalhadas aqui numa perspectiva multidimensional, compreendendo que a realidade e o contexto social são dinâmicos e diversos, bem como que a complexidade humana transita entre o objetivo e o subjetivo, entre o abstrato e o concreto, entre a razão e a emoção. Nesse entendimento, não há uma única área do conhecimento que explique a totalidade da complexidade do cotidiano da vida, mas é o conjunto de saberes das diversas áreas do conhecimento que se complementam para compreender o todo (Cf. RODRIGUES, 2006, p.17). Nesse contexto, a violência é observada como um fenômeno multifacetado e plural, ou seja, como violências, entendendo que suas manifestações ocorrem na dinâmica da vida coletiva e individual, no trânsito dos espaços públicos e privados, nas macrorrelações e nas microrrelações das diversas configurações da vida humana e social.

Etimologicamente, a palavra “violência” vem do latim *vis*, que significa força. Chauí (2018) destaca cinco sentidos para a palavra violência e força: 1. Tudo o que age usando a força para ir contra a natureza (desnaturar); 2. Contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3. Todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa, valorizada por uma sociedade (violar); 4. As transgressões que alguém ou uma sociedade definem como justas e como um direito (espoliar ou a injustiça); 5. “A violência é um ato de brutalidade sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e pela intimidação; pelo medo e pelo horror”. (p. 35)

A violência se opõe à ética, porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fosse coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos, instrumentos para usos de alguém. Na medida em que ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre, e responsável, trata-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade é tratá-lo não como humanos e sim como coisa, fazendo-lhe violência nos cinco sentidos que damos a essa palavra. (CHAUÍ, 2018, p. 254)

Para a autora, a violência é uma ação que rompe com a ética, entendida como conjunto de noções ou valores que balizam um campo de ação que se considera como ético, sendo este pensado e executado por um sujeito ético, racional, que sabe o que faz, decide e escolhe o que faz, sendo um ser responsável, que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bom e mau, justo e injusto, sendo que esses valores e seus conteúdos variam de sociedade para sociedade. Portanto, uma ação ética só é possível se realizada na natureza racional, respeitando a racionalidade, liberdade e responsabilidade dos outros agentes, porque a ética só existe pela e na ação dos sujeitos individuais e sociais, definidos por ações e formas de sociabilidade criadas pela ação humana em condições históricas determinadas (Cf. CHAUI, 2018, p. 251).

Porque uma ação nascida da força de impulsos, pulsões e paixões não é racionalmente determinada (ainda que possamos compreendê-los e compreendê-las); não é livre porque submete o agente a forças que ele não domina e o dominam; e não é responsável porque não nasceu de uma decisão autônoma (ainda que possamos responsabilizar alguém pelos desatinos cometidos contra si mesmo ou contra outros, mas não se trata de responsabilidade ética e sim psicológica, social e política). (Idem, p. 253)

Assim, a violência é uma ação de desigualdade presente nas criações humanas de relações hierárquicas, de opressão, dominação e exploração, que anula a racionalidade humana, a liberdade e a autonomia dos sujeitos, tratando-os como coisas e não como sujeitos éticos.

Nos estudos de Martin-Baró (1985/2012):

A violência passa a ser definida enquanto um processo histórico, pois o ato violento é efetivado pelo ser humano, cuja natureza é histórica e, portanto, aberta a diversas e contraditórias possibilidades. Cada pessoa expressa os marcos e as possibilidades de uma sociedade concreta. A sua atividade é parte e expressão de forças sociais que facilitam ou não a expressão e a configuração da violência. Assim, a violência é um produto das relações sociais de uma dada sociedade que expressa e canaliza forças e interesses sociais concretos em um marco estrutural que é determinado por conflitos de classes. (MARTÍN-BARÓ, 1985/2012, p. 365)

Para o autor, o fenômeno da violência é diferente da agressão, sendo esta uma forma de violência; uma ação violenta não necessariamente precisa ter intencionalidade e, por isso, é possível falar de uma estrutura social que é violenta e cria condições sociais que forçam as pessoas a agirem de uma dada maneira. A violência pode resultar na manutenção de uma ordem social, onde a minoria comanda uma maioria por meio de um estado violento. A violência está na estrutura da sociedade, “constitutivas das instituições sociais, originando assim, todas as formas de violência, inclusive a do oprimido, que tem sempre suas raízes nas

condições estruturais de injustiça e desigualdade.” (MARTINS; LACERDA, 2014, p. 577)

O autor aborda a violência de acordo com os processos sociais e as circunstâncias históricas, e destaca quatro fatores constitutivos: 1. Estrutura formal – “[...] violência é utilizada de modo instrumental ou como fim em si mesmo e, assim, revela-se se um ato de violência é agressivo ou não.” 2. Aspectos pessoais – características singulares do agressor, que refletem na ação violenta. Destaca-se que é possível eliminar elementos pessoais por meio de mecanismos que possibilitam a despersonalização do ato violento. Exemplo: as instituições militares criam redes hierárquicas que convertem a violência em uma questão mais administrativa do que individual, facilitando atos profundamente destrutivos, como a tortura. Quando um soldado executa tal ato violento, cumpre uma parcela da totalidade do ato, fazendo com que a “responsabilidade pessoal se limite à precisão técnica”. “A violência só é enxergada pelo encadeamento de diferentes atos específicos cuja relação não é imediatamente visível, fazendo com o executor do ato violento não se sinta agente do ato.”; 3. Contexto possibilitador – contexto social, incluindo seus valores, normas, que aceitam ou não a violência; 4. Fundo ideológico – “[...] valores, processos de racionalização e interesses sociais constitutivos do ato violento em uma realidade social configurada por conflitos de classes. Isto significa que certas ações violentas podem ser justificadas de tal forma que podem ser vistas como aceitáveis ou legítimas”. Exemplos ilustrativos sobre a relação entre violência e a ideologia são a aceitação dos crimes em defesa da honra (assassinato de mulheres acusadas de adultério), ou a agressividade exigida das pessoas no mercado de trabalho. (MARTÍN-BARÓ, 1985/2012, p. 375)

O autor ancora suas análises na sociedade capitalista, sendo esta marcada pela violência institucionalizada, que gera outros tipos de violência e de ações necessárias para perpetuação do sistema capital. Sendo assim, a violência é usada como instrumento, sobretudo da classe em conflito, devendo ser analisada pelo seu produto, seu contexto, seu processo, e não pela intenção ou estrutura interna e externa do ato. Por isso, nem toda violência produz desumanização ou humanização.

Em uma linha diferente, Arendt (2019) entende a violência pautada em cinco conceitos: poder, vigor, força, autoridade e violência. “O Poder corresponde a habilidade humana não para apenas agir, mas para agir em concerto. O poder nunca

é de um indivíduo, mas de um grupo, que sua permanência só existe enquanto o grupo se conserva unido.” O Vigor é singular, “uma entidade individual, pertence ao seu caráter, podendo provar-se a si mesmo na relação com outras coisas ou pessoas”. Força, frequentemente utilizada como sinônimo da “violência”, deveria ser reservada na “linguagem terminológica, às forças da natureza, ou à força das circunstâncias, indicando a “energia liberada pelos movimentos físicos e sociais”. Autoridade é o “reconhecimento inquestionável daqueles a que se pede que obedeçam. Nem coerção e nem persuasão são necessárias”. Violência se distingue dos outros elementos pelo seu caráter “instrumental”, aproxima-se do vigor, posto que os implementos da violência, “como todas as outras ferramentas, são planejados e usados com o propósito de multiplicar o vigor natural, até o último estágio de desenvolvimento”, podendo assim, “substituí-lo”. (p. 60-63)

Arendt distingue o poder da violência, colocando a violência como instrumento do poder, ou seja: onde o poder é ameaçado a violência ocorre. Sendo assim, “a violência não depende de números ou de opiniões, mas de implementos da violência, como todas as ferramentas, amplificam e multiplicam o vigor humano.” (idem, p. 69). A autora destaca que a violência pode ser justificada, mas nunca legítima; o poder é legítimo, então, a violência não gera o poder, mas o poder usa a violência como instrumento para a sua legitimação, criando assim, uma engrenagem perfeita.

Em Foucault (1979/2014), a concepção de poder distingue-se da de Arendt, pois compreende o poder não como algo tangível, que se poderia deter ou alcançar, mas que funciona em cadeia, nunca estando localizado aqui ou ali e/ou nas mãos de alguns; assim, o poder circula entre todos os indivíduos que estão em posição de exercê-lo e de sofrer sua ação, uma vez que não se pode conceber um sujeito apartado de relações de poder. Para ele, não existe ausência de poder; todos os indivíduos possuem poder em medidas diferentes, portanto, o poder não parte de uma centralidade, é pulverizado nas relações entre indivíduos e grupos. Por conseguinte, o autor discorda do poder como dominação, pois entende que a dominação é decorrente de um ponto fixo e mutável e, por isso, poderia estar detida exclusivamente em alguns indivíduos e grupos. Assim, reduziria o poder a um lócus central, mesmo compreendendo que há lugares onde o poder é sedimentado, como exemplo, o Estado. Portanto, o poder não é apenas algo coercitivo e negativo, mas também algo produtivo e positivo, produzido na efetividade de suas práticas e

estratégias de manutenção. As práticas para sua manutenção perpassam a disciplinarização dos corpos, tornando-os dóceis e úteis, de acordo com a estratégia de utilização do poder. Dessa forma, os sujeitos são produzidos e induzidos à condutas e contracondutas, construídas pelas relações culturais, econômicas, políticas e sociais que ditam os modos de ser e estar em sociedade, entendendo que onde existe poder também encontramos resistência (Cf. FOUCAULT, 2018).

Cabe destacar que Foucault não discorreu sobre a violência, mas realizou análises das relações pautadas no poder nas quais a violência se faz presente, não como produtora do poder, mas como estratégia de manutenção presente nas microrrelações e nas macrorrelações.

É inegável que, nos tempos atuais, as violências se estabelecem como uma constante em nossas vidas, se adaptando e se comportando de diversas maneiras. No entanto, é irônico perceber que existem poucos estudos que se dedicam a pensar e discutir as violências como fenômeno histórico e em construção, tornando um desafio a tarefa de apresentá-la, até porque, as violências são pensadas ora na fundamentação do poder, como instrumento do poder, justificadas em determinadas ações ou repudias em todas as circunstâncias; ora tratada como racional ou irracional, individual ou como desequilíbrio mental, construída pela sociedade. São muitos os caminhos possíveis de estudos e de compreensão, mas poucos trabalhos que se debruçam a entender como fenômeno histórico e no processo histórico. Arendt (2019) resume bem esse descompasso:

Ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial. (,,,) a violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto negligenciadas, ninguém questiona ou examina o que é obvio para todos, aqueles que viram apenas a violência nos assuntos humanos, convencidos de que eles eram “sempre fortuitos, nem sérios nem precisos”, ou de que Deus sempre esteve com os maiores batalhões, nada mais tinham a dizer a respeito da violência ou da história. (p.23)

O desafio posto neste trabalho, de trazer fundamentos para as violências, perpassou pelas análises. A autora Chauí, que entende a violência presente nas relações desiguais, sendo essas criações humanas que cerceiam a liberdade ética dos sujeitos, tornando-os “coisa”. Isso implica em desconsiderar o sujeito da ação como protagonista da sua história, excluindo a possibilidade de a pessoa repensar individualmente suas ações e reconstruí-las, pois, para a autora, isso só seria possível por meio da reformulação dos valores da sociedade. É legítima a

desigualdade presente nas relações, como fruto da construção da sociedade, mas também é legítimo o sujeito como produto – protagonista da sua história e produtor – da construção coletiva dos valores sociais. As duas dimensões não são excludentes, são integradas e articuladas entre si.

Martin-Baró também entende a violência como fruto das desigualdades de classe, mas avança, colocando a violência no campo psicossocial, que transita nas duas dimensões – social e humana –, como co-produtoras das práticas violentas. Contudo, o autor defende o uso da violência para libertação dos oprimidos, colocando os sujeitos em ações violentas “justificadas” em nome da transformação social. Já em Arendt, suas análises contribuem para o entendimento da violência como instrumento do poder, não sendo capaz de gerá-lo, mas de destruí-lo. Comunga com o autor Martin-Baró na questão da violência justificável, e entende esse recurso como não legítimo. A autora também trabalha com o conceito de poder pertencente a um grupo, de acordo com os interesses que os mantém unidos; portanto, o poder nunca é de um indivíduo, mas de um grupo. Essa concepção difere do conceito de Foucault, que entende que o poder circula pelas relações e, desse modo, todos os sujeitos, em medidas diferentes, são munidos de parcelas de poder, podendo ser agrupado em interesses comuns para sua manutenção.

O poder em Foucault perpassa todas as relações, permitindo, assim, resistir e construir outros tipos de relação. Compreendemos que a violência é um mecanismo do poder que transita nas relações desiguais, presentes nas macrorrelações e nas microrrelações, e subjacente à subjetividade individual e social.

1.2. Os homens e as masculinidades

Pensar os homens e a construção das masculinidades leva-nos a uma pergunta: o que é ser homem (gênero)? A primeira resposta a essa indagação seria uma descrição das características construídas socialmente, tais como: ele é macho, forte, másculo, viril; esses e muitos outros adjetivos seriam usados para narrar o que é ser homem. Entretanto, a resposta não é adjetivada, muito menos fácil e simplista; pelo contrário, é complicada e seus estudos são “relativamente novos”. Para ilustrar a complexidade dessa resposta, podemos utilizar a celebre afirmação de Simone de Beauvoir, quando afirma que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Essa declaração colocou em “xeque” as determinações biológicas, e iluminou as

construções sociais impostas às mulheres. Assim, podemos pressupor que “ninguém nasce homem, torna-se homem”; portanto, são construções sociais e o caminho dos estudos sobre masculinidades consiste em desconstruir essa definição assentada nos aspectos fixos, biológicos, de uma natureza masculina, seguindo uma tendência epistemológica no campo dos estudos de gênero.

Quando nasce uma criança, existem diferenças anatômicas, físicas, biológicas, psicológicas e passamos a identificá-las, inicialmente, como menino/homem ou menina/mulher. A simples observação dos órgãos externos determina a ocupação na organização social, construída nas diferenças sexuais desiguais.

Nesse sentido, os corpos derivam de construções culturais e simbólicas, através das quais aprendemos e “incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina; arriscamo-nos, pois, a recorrer, para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação.” (BOURDIEU, 1999, p. 15)

Para Bourdieu (1999), nossos corpos estão condicionados a pensar e agir sob a visão masculina – androcêntrica -, como algo natural, que não necessita de justificativa.

(O corpo e seus movimentos, matrizes de universais que estão submetidos a um trabalho de construção social, não são nem completamente determinados em sua significação, sobretudo sexual, nem totalmente indeterminados, de modo que o simbolismo que lhes é atribuído é, ao mesmo tempo, convencional e "motivado", e assim percebido como quase natural.) Dado o fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça. (BOURDIEU, 1999, p. 20)

O autor destaca que a dominação masculina está em exercício e é universal há séculos, inserida nas estruturas sociais, nas atividades produtivas e reprodutivas, baseadas na divisão sexual e social do trabalho, na reprodução biológica e na reprodução social, e conferindo ao homem a melhor parte.

(...) portanto objetivamente concordes, eles [homens] funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. Por conseguinte, a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum. (Idem, p. 45)

A dominação é um trabalho histórico, construído e reproduzido pelas instituições família, Igreja e o Estado, como natural e universal, dificultando, assim, o questionamento do senso prático, inibindo ao ser o processo de pensar seus atos e de se afirmar como sujeito, como pessoa pensante.

O poder que a força simbólica tem sobre os corpos, diretamente, age como uma magia que não se controla e paralisa o corpo, que fica sem nenhuma ação diante do “sobrenatural”. Essa força abarca tanto os corpos masculinos como os corpos femininos, ou seja, homens e mulheres são vítimas desse poder simbólico, construído por meio do trabalho incessante da história e legitimado pelas instituições, inculcados na prevalência do pensamento androcêntrico. Contudo, o autor destaca, sutilmente, que a maneira de romper com essa estrutura está em destruir suas raízes de pensamento individuais e coletivos, principalmente das instituições que legitimam esse modo de viver e organizar a vida em sociedade. Em certa medida, o poder exige a cumplicidade do outro, como o autor evidencia na violência simbólica, que para ser exercida precisa do reconhecimento do dominado, isso é, do papel ativo do agente no processo, mesmo para aceitar o poder e a dominação. (BOURDIEU, 1999)

Em Foucault, o poder é entendido como um mecanismo diluído, não é tangível e que se exerce mais do que se possui. Portanto, o exercício do poder sobre os corpos se dá por meio da disciplina, dos mecanismos de domínio sobre o corpo, não para fazer o que se quer, mas para que operem como se quer.

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”. (...) a disciplina fabrica indivíduos; ela é uma técnica de um poder que toma os “indivíduos” ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: olhar hierárquico; a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico o exame. (FOUCAULT, 2011, p. 167)

A disciplina fabrica corpos submissos, corpos “dóceis”, moldados por instituições como família, igreja, exército, escola, entre outras, que utilizam técnicas para manter o poder e o controle.

O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama “disciplina”. Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais de verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção. (FOUCAULT, 2018, p. 189)

O poder – simbólico e disciplinar – é proveniente de “(...) eficientes processos de socialização geradora, no caso de Foucault, de almas disciplinadas e, no caso de Bourdieu, de agentes portadores de um *habitus*⁶ adequado à sua posição social.” (PERISSINOTO, 2007, p. 318). Segundo essa perspectiva, o corpo é construído pela disciplina, dentro das relações de poder, de acordo com os interesses das instituições, embora os indivíduos não sejam destituídos de poder nem completamente submissos e dominados. Cabe-nos, então, avançar nos estudos de gênero, para além da dominação masculina, mas como fruto da construção da sociedade, tendo por suporte o poder relacional e institucional.

A ideia de gênero traz consigo um questionamento que deve ser feito à sociedade: “como mulheres e homens estão sendo definidos, em relação ao outro?” Essa pergunta sugere outras indagações: para quem e para quê, servem os significados impostos sobre as diferenças físicas entre os sexos? Como os indivíduos têm se imaginado, não se encaixando nessa categoria? Quem estabelece as normas regulamentadoras? Como são aplicadas e para quais fins? Pensar gênero “dessa maneira, como um conjunto de perguntas cujas respostas não sabemos de antemão, [significa que] o gênero ainda é uma categoria útil de análise.” (SCOTT, 2013, p.162).

Para Scott:

O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. Além disso, o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (1995, p.75)

⁶ Para Bourdieu, *habitus* é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes.” (2007, p. 191). Como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente.” (ORTIZ, 1983, p. 60).

Na análise da autora, percebem-se duas proposições que são eixos para a compreensão de gênero. A primeira, que “gênero é constitutivo de relações sociais”; e que há elementos que interferem na construção do gênero e do poder, sejam eles: a cultura, a religião, a ciência, o sistema político, o mercado de trabalho, a economia, a identidade subjetiva, entre outros (Idem, p. 86-87), mantendo-se em constante movimento. A autora afirma que a realidade biológica não reflete o gênero, mas constrói o sentido, ou seja, a sociedade constrói símbolos e significados que estão baseados na percepção biológica, sendo mantidos por um conjunto de normas jurídicas, morais e religiosas que acabam determinando e delimitando as práticas de homens e mulheres em diversos contextos. As instituições e a organização social também são influenciadas e mantedoras desses símbolos sexuais, principalmente no campo da família, da educação, no mercado de trabalho, sistema político, entre outros. Portanto, gênero está estabelecido como um conjunto de referências simbólicas, percepções e relações de poder, que organizam a vida social, baseados nas estruturas hierárquicas e nas generalizações das relações pretensamente naturais entre o masculino e o feminino.

A segunda proposição está destacada na “expectativa” de superar o conceito vazio de “homem” e “mulher”, considerando que:

A natureza desse processo, dos atores e das ações, só pode ser determinada especificamente se situada no espaço e no tempo. Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendentais; transbordantes porque, mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas. (SCOTT, 1995, p. 93)

Pensar no poder relacional proposto pela autora nos remete ao caminhar na direção da compreensão das masculinidades e feminilidades como construções sociais de sujeitos históricos, que estão em movimento e que movimentam a vida.

Em afinidade com os estudos de gênero desenvolvidos por Scott, compreendemos que “falar” de gênero não significa tirar o foco da “mulher” ou das “mulheres”, mas tecer as relações entre homens e mulheres, tornando importante, também, discutir o “homem” ou “homens” nessa trama. Como neste trabalho estamos propondo uma leitura dos homens que cometeram atos violentos contra suas companheiras, vamos centrar nossa atenção na masculinidade no campo relacional de construção sócio-histórica.

Antes de adentrar nas masculinidades, cabe-nos elucidar que a categoria gênero emergiu da reflexão feminista, na qual a atenção estava voltada, inicialmente, ao polo feminino e, com o passar do tempo, foi se incorporando o aspecto relacional – poder –, constructo social, incluindo, assim, o polo masculino em suas investigações e ações. O início dessa mudança deu-se nos anos 1970, pelas feministas que iniciaram os *men's studies*⁷. Essas investigações estavam pautadas nas especificidades do gênero masculino como contraponto ao gênero feminino (COUTO; SCHRAIBER, 2005, p. 687). O avanço nas investigações e o amadurecimento no campo relacional proporcionaram desenvolvimentos teóricos próprios das masculinidades, em meados dos anos 1990, tendo como destaque aos estudos de Kaufman (1995), Nolasco (1997), Connell (1995), Almeida (1996).

Para este estudo, entendemos masculinidades, segundo Connell⁸ (1995):

(...) uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de "masculinidades". Existe o perigo, nesse uso, de que possamos pensar no gênero simplesmente como um *pout-pourri* de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas. (p. 185)

Para a autora, a configuração de prática é enfatizar “aquilo que de fato fazemos e não aquilo que imaginamos”; portanto, as práticas são construídas no campo da relação e com um significado histórico. Sendo assim, as masculinidades, no plural, são construídas na relação sócio-histórica.

Falar de posição dos homens significa enfatizar que a masculinidade tem a ver com relações sociais e também se refere a corpos - uma vez que "homens" significa pessoas adultas com corpos masculinos. Não devemos temer a biologia, nem devemos ser tão refinados ou engenhosos em nossa teorização do gênero que não tenhamos lugar para corpos suados. O gênero é, nos mais amplos termos, a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos humanos são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico. (CONNELL, 1995, p. 186)

Ao definir masculinidade como “uma configuração de prática”, Connell resgata os aspectos dinâmico e histórico das relações de gênero, possibilitando contar a história a partir de uma configuração que surge em interação com outras, permitindo

⁷ Para uma revisão da produção da área dos *men's studies*, ver Connell (1995) e Oliveira (1998)

⁸ Raewyn Connell é uma mulher transexual, nascida Robert William Connell, em 1944. No livro *Masculinities* (1995), a publicação aparece como RW Connell e os trabalhos posteriores estão publicados como Raewyn Connell. A autora é australiana, com tradição clínica freudiana, como aportes da psicologia social, bem como das ciências sociais: antropologia, história e sociologia.

compreender os critérios socialmente definidos para a construção da masculinidade. Essa posição se aproxima à esboçada por Scott, que apresenta a masculinidade e a feminilidade no campo relacional, construídos socialmente e historicamente. Portanto, para Scott e para Connell, pensar a masculinidade significa pensar as práticas dos homens inseridas nas relações de gênero e também nas relações sociais (BENTO, 2015, p. 83)

A autora Connell levanta dois aspectos importantes para se pensar masculinidade: o primeiro, que as diferentes masculinidades são produzidas num mesmo contexto social, ou seja, no mesmo espaço há uma forma determinada e hegemônica de masculinidade, em conjunto com outras masculinidades; segundo, que a masculinidade é complexa e contraditória; há presença da feminilidade dentro da personalidade dos homens, e há masculinidade dentro da personalidade das mulheres.

O fato da contradição faz com que seja essencial ter uma definição de masculinidade que não equacione gênero simplesmente com uma categoria de pessoas. Se a "masculinidade" significasse simplesmente as características dos homens, não poderíamos falar da feminilidade nos homens ou da masculinidade nas mulheres (exceto como desvio) e deixaríamos de compreender a dinâmica do gênero. O gênero é sempre uma estrutura contraditória. É isso que torna possível sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias. (CONNELL, 1995, p. 189)

Nessa linha, a autora utiliza o conceito de hegemonia⁹, referindo-se a essa configuração de gênero, construída no contexto sócio-histórico, incorporada pelos argumentos produzidos pelo patriarcado, e legitimados pela posição de dominante do homem e da subordinação da mulher, como ideal de masculinidade hegemônica. Connell (1995) reconhece e pontua que não são todos os homens que praticam esse ideal de masculinidade, entretanto, eles usufruem dos benefícios dessa masculinidade hegemônica.

O interesse dos homens na hierarquia do gênero, definida pelo dividendo patriarcal, é real e grande; mas é internamente dividido e cruzado por interesses relacionais partilhados com as mulheres. Qual desses interesses é realmente perseguido por homens particulares é uma questão de política - política no sentido bastante familiar de se organizar para a realização de um determinado programa de objetivos. (p. 198)

A masculinidade hegemônica tem a capacidade de impor uma definição

⁹ O conceito "hegemonia" é de inspiração gramsciana. Para Gramsci, hegemonia é a capacidade de um grupo exercer o poder sobre o conjunto da sociedade de forma legítima, sem resistência. Mas a hegemonia é sempre provisória, à medida que um grupo que se encontra hegemonizado pode reverter a correlação de forças. Fonte: Dicionário do Pensamento Social do Século XX. Editado por William Outhwaite & Tom Bottomore. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

específica sobre outros tipos de masculinidade, como “projetos que envolvem encontros complexos com instituições (escolas e mercados de trabalho) e com forças culturais (como a comunicação de massa, a religião e o feminismo).” (CONNELL, 1995, p. 190). Desse modo, a masculinidade hegemônica está enraizada na esfera pública e também na esfera privada, impulsionada pelo discurso de competição, de sucesso e de poder, legitimado pela prova constante dessa masculinidade.

Assim, a definição de masculinidade em nossa cultura constitui-se em diversas histórias simultâneas: da busca individual do homem pela acumulação daqueles símbolos culturais que denotam masculinidade, que indicam que ele a alcançou efetivamente; daqueles padrões usados para se evitar que as mulheres incluam-se na vida pública e que sejam remetidas para uma esfera privada desvalorizada; do acesso diferenciado que os diferentes tipos de homens têm aos recursos culturais que conferem masculinidade e de como cada um desses grupos passa a desenvolver modificações próprias para preservar e reivindicar sua masculinidade. Trata-se do poder que estas definições por si só têm para a preservação do poder efetivo que o homem exerce sobre a mulher e que alguns homens exercem sobre outros homens. (BENTO, 2015, p. 91)

A masculinidade hegemônica pode ser caracterizada por um conjunto coerente de ideias que procuram justificar, por meio de construções cognoscíveis e discursivas, as práticas dos homens (CONNELL, 1995). Na nossa sociedade, a masculinidade hegemônica define padrões de comportamento que devem ser seguidos pelos homens, e se estrutura com base em relações assimétricas entre os gêneros. Embora essas construções baseiem-se nos discursos de intenção de subordinar a mulher e desvalorizar tudo o que se refere ao feminino, não são, em seu todo, dirigidas exclusivamente para as mulheres; podem, também, dirigir-se para outro homem, que se coloca como opositor a essa masculinidade (BENTO, 2015).

Connell traça outros tipos de masculinidades: subordinada; cúmplice e marginalizada. A masculinidade subordinada, diz respeito à dominação entre grupos de homens com outros grupos de homens, como é o caso de homens heterossexuais que oprimem e subordinam os homossexuais. A masculinidade cúmplice refere-se a homens que não fazem parte do tipo hegemônico, mas que se aproveitam dos dividendos do patriarcalismo. Esse tipo de masculinidade ignora as desigualdades sociais e se concentra nos problemas psicológicos, aceitando a estrutura hierárquica das relações de gênero. A masculinidade marginalizada, refere-se a uma masculinidade que está marginalizada devido à condição subordinada de raça, etnia ou classe.

A tipologia apresentada pela autora revela a multiplicidade de masculinidade, que pode coexistir no mesmo contexto social, onde ocorre a desconstrução da representação “única” do homem como macho, viril, violento e dominador.

Uma nova política do gênero para os homens significa novos estilos de pensamento, incluindo uma disposição a não ter certezas e uma abertura para novas experiências e novas formas de efetivá-la. No dia em que fotografias com homens carregando armas se tornarem raras e fotografias com homens empurrando carrinhos de bebê se tornarem comuns, aí saberemos que estamos realmente chegando a algum lugar. (CONNELL, 1995, p. 204)

O autor Nolasco (1997), apoia-se na compreensão de que a crise masculina transcende uma abordagem individual e é também parte de uma crise de valores sociais, que estão impressos na socialização, ajustados na formação de “homens de verdade”. O autor realiza uma análise da sociedade contemporânea, assentada em um “vácuo moral”; nessa perspectiva e de seu ponto de vista, valoriza-se:

- o materialismo (busca pelo reconhecimento pessoal, por meio do dinheiro),
- o hedonismo (negação dos ideais e de sentido da vida),
- a permissividade (vale tudo, eliminando a possibilidade de luta por ideias que estejam além do individualismo),
- o relativismo (que se articula com permissividade, predispondo à existência de uma ética da subjetividade em que cada um pode criar sua regra a cada momento), e
- o consumismo, como forma de representação da liberdade.

Essas transformações nos valores sociais têm impactado as relações interpessoais, gerando um sentimento de impotência e, ao mesmo tempo, de valorização do “homem de verdade”.

A crise da masculinidade se define diante dessa transição e pode ser compreendida como uma tentativa, uma possibilidade para os homens diferenciarem-se do padrão de masculinidade socialmente estabelecido para eles. Essa crise representa a quebra do cinismo a respeito da existência de um homem de verdade em torno do qual todo menino é socializado. (NOLASCO, 1997, p. 16)

Para o autor, as relações interpessoais estão sendo mediadas pelo valor material em detrimento do afetivo, sendo estas relações balizadas por jogos de interesse e de poder; marcadas por um cotidiano de autossuficiência e superficialidade, reforçadas pelo papel social de virilidade, conquistador, dominador, violento, forte, herói. As instituições como família e escola reforçam esses papéis na

socialização, legitimados pela representação cultural do que é ser homem.

O ideal de masculinidade presente no patriarcado empobrece o campo de possibilidade de satisfação emocional que pode ser experimentado por um homem. (...) A ideia de homem de verdade carrega em si a negação de qualquer possibilidade de fracasso ou limitação. Fracassar sexualmente é fracassar como homem. (NOLASCO, 1997, p. 25)

O fracasso como “homem” está presente nas relações de afetos para além da relação sexual. O homem que não consegue “manter financeiramente” sua família, por exemplo, é visto como um fracassado, e como o fracasso não é permitido, e a todo tempo o homem precisa provar sua masculinidade, muitas vezes a violência é utilizada como meio de legitimar a força e o poder; não o poder do fracassado, mas o poder construído no imaginário do homem de verdade, mesmo que esse seja inatingível.

(...) a masculinidade torna-se uma eterna busca para se demonstrar sua conquista, para provar aos outros o impossível de se provar. O homem tem medo de assumir inseguranças e dúvidas porque, se o fizer, pode ser julgado como sendo um fraco. (BENTO, 2015, p. 96)

A construção de uma nova masculinidade passa pelo encontro da verdade interna, para além dos genitais; essa verdade é marcada pela história pessoal, que pode ser revelada por intermédio das relações de intimidade, cumplicidade, solidariedade e amor (NOLASCO, 1997).

Entendemos as análises e críticas desenvolvidas sobre o conceito de masculinidades hegemônicas, bem como a crise masculina; entretanto, elas iluminam nossa reflexão sobre as práticas violentas que ocorrem no campo concreto e no campo da subjetividade humana. Juntas, impulsionam os atos violentos; ou seja, o homem que cometeu violência contra a sua companheira dentro da relação de afeto (objeto de estudo deste trabalho) foi socializado para executar um conjunto de comportamentos que exclui as emoções e os sentimentos da relação. Ao mesmo tempo, a sociedade, em suas condições objetivas, legitima a masculinidade hegemônica como modelo ideal, que deve ser perseguido a qualquer custo.

1.3. A Subjetividade Social: entre os motivos e as emoções

A subjetividade social não tem características estáticas universais; é um conceito com suficiente maleabilidade e flexibilidade para caracterizar os processos de produção, de sentidos e de significados, gerados nas diversas áreas da vida social. Sendo assim, as configurações são, para o autor González Rey um conjunto

de experiências organizadas no processo de construção da personalidade de cada sujeito singular e concreto; trata-se de um sistema gerador de sentidos subjetivos, na medida em que o sujeito atribui sentido às ações desenvolvidas em dado contexto histórico e social, de modo que, nessa complexa inter-relação, vão se definindo novos sentidos.

Portanto, os processos de subjetividade social e individual não mantêm uma relação de externalidade, mas se expressam como momentos contraditórios que se integram de forma tensa na constituição complexa da subjetividade humana, que é inseparável da condição social do homem. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 206)

A ideia de sujeito, para o autor, recupera o caráter dialético e complexo do homem que, de forma simultânea, representa em si uma singularidade e também uma perspectiva do ser social, inclusive em sua genericidade (Marx, Heller, entre outros). O autor revela que essa relação não é uma determinação externa, mas trata-se de uma relação recursiva em que cada um está simultaneamente implicado na configuração plurideterminada na qual se manifesta a ação do sujeito. A concepção do sujeito é incompatível com o determinismo mecanicista, tendo vista que sua ação é imprevisível. O autor reitera que, no entanto, "o momento atual é constituinte da configuração subjetiva da ação que tem lugar neste momento" (González Rey, 2003, p. 224).

O conceito de prática social é essencial para compreender a ideia do sujeito. O sujeito é o indivíduo comprometido de forma permanente em uma prática social complexa que o transcende, e diante disso tem de organizar sua expressão pessoal, o que implica a construção de opções pelas quais mantenha seu desenvolvimento e seus espaços pessoais dentro do contexto dessas práticas. O sujeito tem uma função autorreguladora (Morin, 1980), que eu vejo não só na organização de sistemas de informação, mas também na produção de sistemas de estratégias que lhe permitam integrar "zonas diferentes" de suas práticas sociais, zonas estas que se expressam em diferentes espaços sociais e que coexistem em tempos diferentes. (Idem, 2003, p. 239)

Assim, o sujeito não é apenas produto do meio social, na medida em que sua subjetividade só se define nas relações sociais do contexto histórico e cultural em que está inserido; através de sua ação como sujeito singular, ativo e histórico, altera, modifica e/ou constrói ao mesmo tempo, passando a ser, além de produto, também produtor; e é nesta relação imbricada e contraditória entre indivíduo e sociedade que se constituem os elementos essenciais ao desenvolvimento humano. (GONZÁLEZ REY, 2003)

O sentido subjetivo está na relação inseparável dos processos emocionais e simbólicos, produzidos nas mais diferentes esferas da sociedade e da vida, não sendo reduzidas a uma causa única, mas à superação da visão linear e determinista de causa e efeito.

O sentido subjetivo é a forma pela qual a multiplicidade de elementos presentes na subjetividade social, assim como todas as condições objetivas de vida do mundo social, se organizam numa dimensão emocional e simbólica, possibilitando ao homem e a seus distintos espaços sociais novas práticas que, em seus desdobramentos e nos processos emergentes que vão se produzindo nesse caminho, constituem o desenvolvimento humano em todos os seus aspectos, dentro dos novos contextos de organização social que, por sua vez, participam da definição desses processos e se transformam no curso dos mesmos. (GONZÁLEZ REY, 2007, p. 171)

Sendo assim, “as emoções são registros complexos que com o desenvolvimento da condição cultural do homem passam a ser uma forma de expressão humana ante situações de natureza cultural [...]” que aparecem nas relações e nas práticas sociais. Porém, essa condição não exclui a capacidade de registros somáticos e fisiológicos, mas, em relação com os anteriores, definem o “[...] sentido subjetivo da emoção, que representa um momento essencial de sua definição subjetiva.”. Logo o “[...] sentido subjetivo da emoção se manifesta pela relação de uma emoção com outras em espaços simbolicamente organizados, dentro dos quais as emoções transitam [...]”, sem que um desses momentos seja “reduzido” ao outro, o simbólico e o emocional. Assim se define o sentido subjetivo. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 243).

Nesse processo, o autor define ‘motivo’ como configurações subjetivas que permitem compreender a razão, a causa da integração de sentidos subjetivos de diferentes procedências, não como determinante intrapsíquico, mas como formação psíquica geradora de sentido, presente em toda atividade humana. Essas atividades não têm motivos específicos, universais, que atuam como causa; os próprios motivos se organizam de uma forma única no contexto da atividade, fazendo parte do processo de produção de sentido, que tem caráter plurimotivado.

Os motivos estão constituídos na personalidade e participam de maneira direta ou indireta na formação de sentidos subjetivos que acompanham as mais diversas atividades e práticas do sujeito. Os motivos apresentam definições relativamente estáveis de sentidos subjetivos associados a certas atividades, representações e sistemas de significação do sujeito. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 247)

A partir dessa compreensão, podemos articular os motivos da violência praticada pelos homens, sujeitos dessa pesquisa, contra suas companheiras. O primeiro motivo está associado a um conjunto de elementos de sentidos subjetivos, referentes à história individual de cada sujeito; o segundo, relacionado ao contexto sociocultural.

Dessa forma, compõem os motivos a moral, o corpo, o gênero e os padrões emocionais da relação. Todos se integram e definem o sentido subjetivo da violência para o sujeito concreto. O motivo é inseparável dos elementos de sentido que se geram pelas necessidades do sujeito dentro do contexto, do espaço de relação; ou seja, a ação pode ser mudada mediante a construção de novos sentidos.

Pensando no processo de construção das múltiplas masculinidades, que ocorrem mediadas pelo contexto social, cultural e histórico, é possível afirmar que os processos de socialização, neste caso dos homens, ocorrem carregados de sentidos subjetivos, que são refletidos na subjetividade individual, que geram um conjunto de comportamentos e práticas, que podem ser mantidos ou transcendidos.

Assim, os sujeitos ora estão subordinados à realidade social, ora atuam sobre ela; como indivíduos ativos, criam, questionam e geram alternativas sobre a vida social dominante, produzem processos de socialização e novos conhecimentos. (Cf. GONZÁLEZ REY, 2003)

Portanto, nossa concepção de *sujeito* acolhe a perspectiva da constante inserção nos espaços da subjetividade social, na permanente tensão produzida pelas contradições sociais e individuais; nossa concepção de *emoção* desdobra-se desse eixo, como registro complexo de desenvolvimento da condição cultural, histórica e afetiva que passam a ser uma forma de expressão humana; os *motivos* ocorrem como configurações subjetivas, maneira direta ou indireta de produção dos sentidos subjetivos que acompanham as mais diversas atividades e práticas do sujeito. O desafio está em retirar toda essa compreensão da perspectiva disciplinar para uma multivisão transdisciplinar, procurando ocultar o menos possível a complexidade do real. (Cf. MORIN, 1997)

Referências Bibliográficas do Capítulo I

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução: José Rubens Siqueira. 25ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Tradução: André de Macedo Duarte. 10ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. 2ª ed. Natal, RN: EDUFRRN, 2015.

BLAY, Eva Alterman. **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher (orgs). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**; 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Sobre a violência**. ITOKAZU, Ericka Mari.; BERLINCK, Luciana Chauí (orgs). 1ª edição. Belo Horizonte, MG: Autêntica editora, 2018.

CONNELL Robert W. Políticas da Masculinidade. **Revista: Educação e Realidade**, Porto Alegre, RS, jul- dez, 1995.

CONNELL, Robert. W. **Masculinities**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1995. Tradução: ARTIGAS. Irene Ma. Masculinidades. 1ªed. em espanhol. Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

CONNELL, Robert. W.; MESSERSCHMIDT James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 21, jan- abr, 2013.

COUTO, Márcia Thereza; SCHRAIBER, Lilia Blima. Homens, saúde e violência: novas questões de gênero no campo da saúde coletiva. In: MINAYO, C. S.; COIMBRA JR, CEA., (orgs). **Críticas e atuantes**: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005, p. 687-697. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/w5p4j/39>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 39ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8ªed. (org) Roberto Machado, Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e terra, 2018.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. Tradução: Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Revista Psicologia da Educação**, São Paulo, 24, 1º sem. de 2007, p. 155-179.

LEMONS, Fernanda. Entrevista com Joan Scott. **Revista: Mandrágora**, v.19. n. 19, 2013, p. 161-164. Tradução: Emmanuel Ramalho de Sá Rocha.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. (1985/2012). **Acción y ideología**: Psicología Social desde Centroamérica (2ª ed.). San Salvador: UCA Editores.

MARTINS, Karina Oliveira; LACERDA JR., Fernando. A Contribuição de Martín-Baró para o Estudo da Violência: uma apresentação. **Psicologia Política**. Vol. 14. Nº 31. p. 569-589. Set. – Dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300010. Acesso em: 10 de out. de 2019.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Princípios ou simplesmente pontos de partida fundamentais para uma leitura feminista de gênero sobre os homens e as masculinidades. In: BLAY, Eva Alterman. **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher (orgs). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 55-75.

MORIN Edgar. **Meus demônios**. São Paulo: Bertrand Brasil; 1997.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NOLASCO, S. (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995

NOLASCO, S. Um homem de verdade. In: CALDAS, Dario. (org). **Homens**. São Paulo: Editora Senac, 1997, p. 13-31.

ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática 1993.

PERISSINOTTO, R. História, sociologia e análise do poder. **Revista: História Unisinos**, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 3, p.313-320, 2007.

RODRIGUES, Maria Lucia; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. (orgs). **Metodologias multidimensionais em ciências humanas**. Brasília: Líber Livro, 2006.

ROSA, Tiago Barros. O poder em Bourdieu e Foucault: considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. **Revista: Sem Aspas**, Araraquara, SP, v.6, n.1, p. 3-12, jan./jun. 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, RS. v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan. Entrevista com Joan Scott realizada por Fernanda Lemos. **Revista Mandrágora**, São Paulo, v. 19, n. 19, p. 161-164, jan./dez. 2013.

URRA, Flávio. Masculinidades: a construção social da masculinidade e o exercício da violência. In: BLAY, Eva Alterman. (orgs). **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p.117-139

CAPÍTULO II

TRILHA METODOLÓGICA

Os estudos sobre mulheres vítimas de situação de violência iniciados no mestrado¹⁰ foram os geradores de novos e contundentes questionamentos em torno da temática: o homem autor de violência se reconhece como agente que cometeu violência? Tem ele clareza ou consciência do ato cometido? Como se percebe na sociedade? Quais os motivos que o conduziram aos atos de violência? Como compreende a mulher? Qual o entendimento de violência? Será que já a experimentaram em sua vida? Há atendimento aos homens autores de violências?

Essas indagações abriram caminho para este estudo, estabelecendo como objeto de pesquisa os motivos que conduzem os homens a praticar violência doméstica. Inicialmente, realizamos vários diálogos com profissionais que trabalham com homens autores de violência, professores e pesquisadores da área de masculinidade e feminismo, visando maior aproximação com esse território ainda pouco explorado por nós.

2.1. Pressupostos, objetivos e percurso metodológico.

Partindo do pressuposto de que as violências são fenômenos complexos e multifacetados, percebemos que as motivações para os homens cometerem os atos de violência contra as mulheres não estão pautadas somente na reprodução da cultura machista, mas também nas relações sociais, humanas e afetivas.

Considerando a natureza de nossas indagações e da própria temática, a pesquisa se pauta na abordagem qualitativa e crítica, de caráter multidimensional, centrada nos depoimentos dos homens autores de violência contra a mulher e nos depoimentos dos profissionais que atuam com esses sujeitos. Assim, estabelecemos como objetivos:

- Geral: Analisar e compreender as motivações que conduzem os homens às

¹⁰ A dissertação, concluída em 2010, teve como título “Uma realidade em preto e branco: as mulheres vítimas de violência doméstica”, e abordou a repercussão das ações desenvolvidas pelos serviços de atenção OSC SOS Ação Mulher e Família e Centro de Referência e Apoio à Mulher – CEAMO –, na dinâmica de vida da mulher vítima de violência doméstica. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17503>. Acesso em: abr. de 2020.

práticas de violência contra a mulher no âmbito doméstico.

- Específicos: Estudar o contexto de realidade dos homens que praticam violência contra a mulher; conhecer os acontecimentos que podem gerar as motivações para a violência; refletir sobre o modo de intervenção dos profissionais que atuam com os homens autores de violência contra a mulher.

A abordagem qualitativa permite o contato direto e aprofundado do pesquisador com o ambiente e ou situação investigada, centrando-se na apreensão do contexto e das relações. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 42), a investigação qualitativa possui características que nos permitem acessibilidade à fonte direta de dados e ao ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; é de natureza descritiva; importa ao pesquisador mais o processo do que simplesmente os resultados ou produtos; as análises dos dados e das informações ocorrem de forma indutiva e compreensiva; e o significado tem uma importância primordial.

Essas características ajudam o pesquisador a compreender e a interpretar criticamente o objeto em observação, realizar sua descrição e compreensão, com a finalidade de entender seu contexto, significado, contradições, possibilidades; também foca o caráter subjetivo do objeto analisado, permitindo uma análise mais ampla.

Para a autora Minayo (2008), a abordagem qualitativa possibilita estudar e ouvir as narrativas dos sujeitos no seu mais puro discurso, tornando suas falas visíveis e concretas, sendo um meio de tornar pública suas experiências, as histórias vivenciadas e construídas no bojo das relações, além de provocar, nos sujeitos, entrevistados e leitores, novos questionamentos, reflexões e movimentos acerca do tema estudado. A pesquisa qualitativa, através de narrativas dos integrantes do estudo, permite aproximação ao significado e à intenção da ação dos sujeitos investigados.

Deste modo, eleger a pesquisa qualitativa foi de extrema importância para transitar entre o campo objetivo e subjetivo, com o propósito de compreender os motivos que levaram os homens a cometer atos de violência contra as mulheres.

2.2. Planejamento da Pesquisa

Desenvolvemos a pesquisa em quatro etapas, construídas ao longo do processo de investigação.

- **Primeira Etapa**

Realizamos um estudo bibliográfico acerca dos temas: violências; gênero; masculinidades; relações de poder; subjetividades e relações afetivas, humanas e sociais. Iniciamos com o levantamento de teses relacionadas ao tema, defendidas entre 2008 e 2018, em território nacional. A pesquisa se concentrou nas bases de publicações de Teses e Dissertações: TEDE¹¹ (PUC SP); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES¹²); Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD¹³); e no portal de publicações científicas OASISBR¹⁴.

Quadro 1: Levantamento de trabalhos

Título da Tese	Autora (o)	Programa e Universidade	Ano
NEM ANJOS, NEM DEMÔNIOS: HOMENS COMUNS: narrativas sobre masculinidades e violência de gênero.	Elizabeth Gómez Etayo	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ UNICAMP	2011
OS DISCURSOS MASCULINOS SOBRE AS PRÁTICAS VIOLENTAS DE GÊNERO.	Valdonilso Barbosa dos Santos	Antropologia/ Universidade Federal de Pernambuco-UFPE	2013
A PENA QUE VALE A PENA: alcances e limites de grupos reflexivos para homens autores de violência contra a mulher.	Paula Licursi Prates	Programa de Pós- Graduação em Ciências/ Universidade de São Paulo	2013

¹¹ TEDE: Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/>

¹² CAPES. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

¹³ BDTD. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>

¹⁴ O Portal brasileiro de publicações científicas em acesso aberto – OASISBR – é um mecanismo de busca multidisciplinar que permite o acesso gratuito à produção científica de autores vinculados a universidades e institutos de pesquisa brasileiros. Disponível em: <http://oasisbr.ibict.br/vufind/>

HISTÓRIA DE VIDA E CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE DE AGRESSORES CONJUGAIS: um olhar psicanalítico.	Gabriela Quadros de Lima Stenzel	Programa de Pós-Graduação em Psicologia/ PUC Rio Grande Sul	2014
“ELA NÃO PRECISAVA CHAMAR A POLÍCIA...”: anestésias relacionais e duplo-vínculos na perspectiva de homens autores de violência conjugal.	Fabício Lemos Guimarães	Programa de Pós-Graduação em Psicológica Clínica Cultural/ Universidade de Brasília	2015
“SE VOCÊ NÃO FOR MINHA, NÃO SERÁ DE MAIS NINGUÉM”: a violência de gênero denunciada na DEAM/Vitória-ES (2002 a 2010).	Mirela Marin Morgante	Programa de Pós-Graduação em História/ Universidade Federal do Espírito Santo	2015
VIOLÊNCIA CONJUGAL E A EXPERIÊNCIA JURÍDICO-POLICIAL: vivência de homens em processo criminal	Gilvânia Patrícia do Nascimento Paixão	Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/ Universidade Federal da Bahia	2016
COMO DIALOGAR COM HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHER? Etnografia de um grupo de reflexão	Jan Staislan Joaquim Billand	Faculdade de Medicina/ Universidade de São Paulo	2016
“COM O DIABO NA CABEÇA”: um estudo sobre as ressignificações do masculino e do feminino no contexto da lei Maria da Penha.	Janaína Sampaio Zaranza	Sociologia/ Universidade Federal do Ceará	2016
VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO: o acompanhamento ao homem autor de violência	Anne Caroline Luz Grüdtner da Silva	Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina	2016
“- MAS TEM GENTE QUE NÃO ENTENDE ASSIM.” // “- É. É POR ISSO QUE A GENTE TÁ AQUI.”: a sessão de grupo socioeducativo para homens autores de violência contra a mulher e a (re)construção discursiva de	Vanessa Arlésia de Souza Ferretti Soares	Programa de Pós-Graduação em linguística/ Universidade Federal de Santa Catarina	2018

masculinidades.			
CIVILIZAR A CULTURA: questões de modernização e a afirmação da dignidade entre homens acusados de violência doméstica e familiar contra a mulher	Marco Julián Martínez-Moreno	Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/ Universidade de Brasília	2018
A MASCULINIDADE NO BANCO DOS RÉUS: um estudo sobre gênero, sistema de justiça penal e a aplicação da lei Maria da Penha	Érica Verícia Canuto De Oliveira Veras	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2018

Fonte: Elaborado pela autora.

Para essa consulta, utilizamos os códigos: homens autores de violência; motivos das práticas violentas dos homens contra as mulheres; agressores de violência contra mulher.

Percebemos que os estudos estão alocados nas áreas das ciências sociais e humanas, e nos diversos campos do saber, mostrando que a temática é interdisciplinar.

Analisando os trabalhos percebemos que os estudos se concentram nas discussões grupais sobre a reprodução da cultura e das masculinidades, por meio dos grupos de reflexão e de responsabilização, para homens autores de violência, pautados na avaliação dessa técnica como mecanismo de mudança nos discursos e na masculinidade hegemônica. Somente quatro teses estão pautadas nas narrativas e nos discursos individuais dos homens autores de violência, e trazem suas análises centradas no comportamento dos homens e na naturalização da violência. Entretanto, esses trabalhos não abordam, especificamente, os motivos que levaram os homens a cometer violência; esses aparecem nas discussões dos grupos e em algumas narrativas, mas não são tratados com profundidade, apenas citados. Desse modo, esse trabalho é único na especificidade de estudar e levantar os motivos, concretos e subjetivos, que levaram os homens a cometer violência contra as mulheres, avançando nas concepções culturais e comportamentais.

- **Segunda Etapa: das Instituições aos sujeitos**

Essa etapa foi construída ao longo do processo, sendo necessário um levantamento das áreas e instituições que atuam com esse público, com essa temática, seguido de um estudo dessas instituições quanto às suas distintas formas de intervenção. O importante era verificar aquelas que nucleavam informações ou ações pautadas nas motivações que conduziram os homens a praticar a violência. Seguem as instituições relacionadas aos nossos objetivos.

a) Programa Tempo de Despertar: executado pelo Tribunal de Justiça de Taboão da Serra/SP, o projeto “Tempo de Despertar” nasceu de uma iniciativa do Núcleo de Combate à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (GEVID), do Ministério Público de Taboão da Serra, no ano de 2014. Devido aos excelentes resultados, em janeiro de 2018 tornou-se programa do Tribunal de Justiça através da Lei Nº 16.659, com o objetivo de “prevenir e combater a violência doméstica, reduzindo a reincidência”, com a finalidade de “conscientizar os autores de violência doméstica sobre a situação de violência contra a mulher” (Lei Nº 16.659, 2018).

O programa é destinado aos autores de violência contra a mulher que estejam com inquérito policial, procedimento de medidas protetivas, de prisão em flagrante e/ou processos criminais em andamento – com exceção de agressores que estejam com sua liberdade cerceada; crimes sexuais; dependentes químicos com comprometimento; portadores de transtornos psiquiátricos; e autores de crimes dolosos contra a vida. Os homens são intimados pela Justiça, a pedido do Ministério Público, e a frequência é obrigatória; como benefício, há a possibilidade de atenuação da pena. São realizados oito encontros quinzenais, com palestras proferidas por especialistas, seguida de roda de conversa, discussão, reflexão e debates.

b) SOS Ação Mulher e Família: Organização Não Governamental – OSC. A primeira instituição de Campinas e região a ofertar atendimento às mulheres em situação de violência. O SOS iniciou suas atividades em 1980, com profissionais e mulheres militantes do movimento feminista; desde então, atua e presta serviços no atendimento às famílias em situação de violência. Atualmente compõe a rede de proteção especial de média complexidade, na execução do SESF (Serviço Especializado). Cabe destacar que inicialmente o SOS atuava somente com mulheres em situação de violência, com a prestação de orientações jurídicas, psicológica e social, mas, com o passar do tempo, o SOS observou a importância de

ofertar atendimento aos homens autores de violência, entendendo-os como parte da relação violenta que precisa ser ouvida e cuidada. Hoje fornece atendimento psicológico e terapia de casal aos homens autores de violência, e estão sendo construídos métodos para atendimento grupal aos HAV.

c) Projeto Íntegra: tem como objetivo viabilizar uma política pública que gere celeridade, efetividade e acesso à Justiça, através de metodologia de mediação interdisciplinar, especialmente desenvolvida para a atuação em atmosferas de relações afetivas continuadas. Atua no Fórum Regional de Santana, em São Paulo.

d) Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde: Organização Não Governamental, que desenvolve, desde 1981, um trabalho com especial foco na atenção primária à saúde das mulheres, a partir de uma perspectiva feminista e humanizada. Desde 2006, atua com grupos reflexivos de homens, que têm como objetivo conhecer, debater e possibilitar o aprendizado de masculinidades que respeitem e promovam os direitos humanos das mulheres e dos homens.

e) Defensoria Pública: presta atendimento à população de “baixa renda” quanto a processos jurídicos de competência da Vara da Família e da Vara do Foro Central de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher. Para este estudo, a defensoria participante está alocada no Complexo Judiciário Ministro Mario Guimarães – Fórum Criminal da Barra Funda, SP.

f) Projeto Programa “E AGORA, JOSÉ?”: trabalha com grupos socioeducativos, compostos por homens autores de violência doméstica contra as mulheres, desenvolvido na cidade de Santo André, SP. Trata-se de uma parceria da Secretaria de Políticas para as Mulheres com o Tribunal de Justiça – Comarca de Santo André –, e a Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania da Secretaria Estadual da Administração Penitenciária. O trabalho com cada grupo de homens se dá em 20 encontros, onde buscam questionar os papéis sociais de gênero, que têm legitimado as desigualdades sociais e a violência contra as mulheres, por meio do processo socioeducativo, de ações que propiciem a reflexão, e de uma pedagogia que conduza à responsabilização do autor de violência¹⁵.

g) Rede Pessoal: integramos a Rede Intersetorial de Campinas e atuamos por 10 anos na rede de atenção às mulheres em situação de violência; nessa trajetória, mantemos alguns contatos com pessoas e famílias que vivenciaram ou

¹⁵ Disponível em: <https://flaviourra.wordpress.com/masculinidade/programa-e-agora-jose/>

vivenciam situações de violência, e que foram convidadas para compor a amostra da pesquisa.

- **Terceira Etapa: depoimentos**

Para alcançar os homens autores de violência, optamos por realizar entrevistas narrativas e, através de seus depoimentos pessoais, obter suas histórias, procurando chegar aos motivos que possam ter gerado os atos violentos. O importante na narrativa é procurar compreender a extensão do contexto e os fatores que condicionaram tal atitude. O depoimento pessoal difere da história de vida como técnica de pesquisa. Segundo Queiroz:

(...) difere da história de vida na forma específica de agir do pesquisador, o qual, no depoimento pessoal, dirige diretamente o colóquio; concentrado sobre um lapso de tempo mais reduzido, permite aprofundar o número de informações e de detalhes a respeito desse espaço preciso. (1988, p.21)

No depoimento pessoal, o pesquisador conduz e orienta o narrador de acordo com objetivo da pesquisa, retomando as experiências vivenciadas no tempo, podendo ser coletada em um único encontro. Nessa técnica é possível conciliar com outros instrumentos de coleta de dados para complementar a narração e as informações pertinentes à pesquisa.

A entrevista narrativa consiste em um diálogo de troca entre pesquisador e narrador, mediada por um roteiro de questões abertas de cunho social, objetivo e subjetivo, individual e coletivo.

As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos; (...) visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. Tendo como base a ideia de reconstruir acontecimentos sociais a partir do ponto de vista dos informantes. (MUYLAERT; et al., 2014, p. 194)

A utilização da entrevista narrativa aliada ao depoimento pessoal, neste trabalho, possibilitou aos pesquisados a liberdade para “narrar” suas experiências de forma livre de pré-julgamentos. Para isso, construímos um roteiro (anexo) composto por perguntas abertas, referentes a: trajetória de vida (da infância até a situação de violência cometida); fatos ocorridos e de significado ao sujeito; visão dos papéis de homem, de mulher e de “outros” autores de violência; e o sentimento despertado ao falar sobre a sua história. Também utilizamos um questionário com perguntas abertas e fechadas, direcionadas a traçar o perfil dos homens, contemplando: idade, profissão, escolaridade, quantidade e tempo dos relacionamentos amorosos,

violências cometidas. Interessou, também, saber se respondem judicialmente pelos atos.

A mesma técnica, depoimento pessoal em entrevista narrativa, foi utilizada com os profissionais que atuam com homens autores de violência, em diversos contextos e saberes. O roteiro foi direcionado aos motivos de violência que esses profissionais puderam observar em suas experiências de intervenção profissional com os homens autores de violência. O roteiro (anexo) continha perguntas abertas referentes aos motivos, linha e repercussão do trabalho com os homens autores de violência. O roteiro também foi composto por perguntas fechadas para traçar o perfil relacionado a gênero, idade, profissão, instituição e/ou local de trabalho, tempo e formas de abordagens (grupal ou individual) utilizadas com os homens autores de violência.

A escolha dos sujeitos e os contextos em que as entrevistas foram realizadas estão descritas no capítulo IV.

- **Quarta Etapa: análise de conteúdo**

Para interpretação dos depoimentos, utilizamos a análise de conteúdo, procurando compreender as características, estruturas ou modelos que estão nas mensagens e por trás dos fragmentos das mensagens.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis) destas mensagens. (Bardin, 1977, p. 31)

O esforço para analisar é, então, duplo: entender o sentido (motivos) do que é comunicado e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outras mensagens. A análise de conteúdo apresenta duas funções: uma que se refere à verificação de hipóteses e/ou questões, através do conteúdo, das indagações formuladas. A outra, diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. As duas funções, na prática, se complementam e podem ser aplicadas a partir de princípios da pesquisa quantitativa ou da qualitativa (MINAYO, 1994).

A análise de conteúdo ocorreu de acordo com a seguinte dinâmica: transcrição das entrevistas e organização do material; exploração das narrativas realizando leitura exaustiva e agrupando os conteúdos relacionados; novas leituras

para realizar a categorização dos conteúdos; interpretações e articulações dos conteúdos obtidos.

Referências Bibliográficas do Capítulo II

BARDIN. C. **Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70. 1977

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação** – uma introdução à teoria e aos métodos. Coleção ciências da educação, Porto Editora, Portugal, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec. 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa Social** – teoria, método e criatividade. Coleção Temas Sociais, 21ª edição. Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 1994.

QUEIROZ, M. I. P. **Relatos orais**: do "indizível" ao "dizível". In: SIMSO, O. M. Experimentos com histórias de vida. São Paulo, Editora Vértice, 1988.

MUYLAERT C. J.; JÚNIOR V. S.; GALLO P. R.; NETO M. L. R.; REIS A. O. A.. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 2014. p. 193-199. Disponível em: www.ee.usp.br/reeusp/. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

CAPÍTULO III

CAMINHOS, (DES)ENCONTROS E HISTÓRIAS

Neste capítulo apresentamos os caminhos que percorremos para encontrar os homens autores de violências, compreender a ambiência vivida pelos sujeitos, bem como obter as versões dos fatos, das histórias familiares, de suas motivações e seus sentimentos com relação às violências cometidas.

3.1. Caminhos e Dificuldades

O processo de construção da pesquisa foi sendo desenhado ao longo de três anos, sofrendo mudanças e se transformando conforme os desafios colocados. O maior deles foi responder à questão: “como chegar aos homens autores de violência?”. Pensamos inicialmente em coletar os dados no programa “Tempo de Despertar”, executado pelo Tribunal de Justiça de Taboão da Serra/SP, destinado aos autores de violência contra a mulher com processos julgados e/ou em fase de inquérito. São intimados pela Justiça, a pedido do Ministério Público, para frequentar os grupos de responsabilização ofertados pelo programa, com possibilidade de atenuação da pena.

Com a definição do campo de pesquisa, a questão inicial estaria respondida e a segunda providência seria somente delinear as estratégias de abordagem com esses sujeitos. Entretanto, os contratempos institucionais com o programa “Tempo de Despertar” e a necessidade de atender à sugestão da banca de qualificação para alargar o universo da pesquisa com a escuta de homens autores de violência que ainda não haviam recebido atendimento das instituições de atenção à violência, dificultaram bastante o caminho para chegar aos homens autores de violência. Nesse processo, vários foram os reveses nos contatos com a Vara de Violência Doméstica de Campinas; os serviços de responsabilização de homens autores de violência em São Paulo, Sorocaba e em outras cidades; o Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS. Todas essas instituições mantêm contato e/ou trabalham com os homens autores de violência, mas todos negaram indicar ou mesmo “perguntar” aos homens se queriam participar da pesquisa.

Alegaram sigilo profissional e judicial aos seus usuários, além das diversas exigências burocráticas, que inviabilizava a pesquisa.

Fizemos contato, também, com oito mulheres que viveram situações de violências, atendidas e indicadas pelo SOS AMF¹⁶, com intuito de nos aproximarmos dos homens que cometeram violências. Porém, as mulheres se recusaram a indicá-los, por medo ou por não terem mais relações com os autores de violência.

Para atender às sugestões da banca de qualificação, realizamos contato com a Delegacia de Defesa da Mulher – DDM –, com a Central de Penas e Medidas Alternativas – CPMA –, e com a Vara de Violência Doméstica, todos em Campinas. Constatamos que a burocratização para acesso aos sujeitos tornaria a pesquisa inviável.

Os caminhos foram possíveis mediante o contato com Defensoria Pública de Campinas, que informou a impossibilidade de indicar os HAV¹⁷, devido à recente implantação da Vara Especializada de Violência Doméstica de Campinas. Entretanto, indicaram profissionais da Defensoria Pública na Vara da Violência Doméstica de São Paulo¹⁸, um advogado de defesa, que explicou a rotina do serviço no atendimento prestado às vítimas e aos autores de violência.

O contato com os sujeitos da ação muitas vezes ocorre minutos antes da audiência, portanto não há vínculo institucional estabelecido. Diante dessa informação, construímos uma estratégia junto ao defensor público, que liberou nosso acesso às dependências do fórum, permitindo que aguardássemos a finalização das audiências para, posteriormente, realizar a entrevista. Mediante a indicação e a abordagem pré-estabelecida pelo defensor público, essa estratégia resultou em duas entrevistas. As instituições SOS AMF, localizada em Campinas/SP; Programa “Tempo de Despertar”¹⁹, em Taboão da Serra/SP; Projeto Íntegra²⁰, em São

¹⁶ SOS Ação mulher e Família: Organização Não Governamental – OSC (SOS AMF). Presta atendimento às mulheres e suas famílias em situação de violência. Oferta, também, atendimento psicológico para os homens autores de violência. As informações sobre as instituições estão no item “Contextualização das Instituições.”

¹⁷ HAV – Homens Autores de Violência

¹⁸ Defensoria Pública na Vara da Violência Doméstica de São Paulo, alocada no Complexo Judiciário Ministro Mario Guimarães – Fórum Criminal da Barra Funda, em São Paulo.

¹⁹ Programa “Tempo de Despertar”: é executado pelo Tribunal de Justiça de Taboão da Serra, SP. O programa é destinado aos autores de violência contra a mulher que estejam com inquérito policial, procedimento de medidas protetivas, de prisão em flagrante e/ou processos criminais em andamento. Trabalha com grupos de responsabilização. As informações sobre as instituições estão no item “Contextualização das Instituições”.

Paulo/SP; Coletivo Feminista²¹, em São Paulo/SP e, ainda, nossos contatos pessoais possibilitaram a inclusão dos demais sujeitos da pesquisa.

Assim, e mesmo diante de muitas dificuldades, pudemos compor nosso universo de pesquisa.

3.2. O encontro com os Sujeitos

Compreendemos, ao longo dessa trajetória, que mesmo com os contatos e as indicações dos sujeitos, seria necessário ultrapassar as dificuldades da distância, da disponibilidade de data, de horário dos sujeitos, entre outros. Realizamos, então, um novo planejamento para a coleta de dados, utilizando recursos virtuais do WhatsApp e do Skype para a concretização das entrevistas.

Os convites e o primeiro encontro se deram por mensagem de texto no WhatsApp para nove homens. O conteúdo da mensagem destacava a possibilidade de poderem contar a sua versão sobre as violências cometidas e pelas quais eram julgados. Essa estratégia, de (re)contar sua trajetória, provocou grande motivação e todos responderam positivamente sobre participar da entrevista. Apesar disso, alguns homens não se sentiram confortáveis em falar sobre esse assunto pessoalmente; para esses, propusemos a entrevista por WhatsApp e Skype. Essa estratégia foi acolhida por quatro dos nove sujeitos, que indicaram a disponibilidade de dia e horário. As entrevistas virtuais ocorreram, em sua maioria, aos finais de semana e à noite, após as 22:00h. Todas as conversas virtuais foram gravadas, mediante autorização dos sujeitos.

As entrevistas face a face ocorreram na cidade de Campinas/SP, em espaços públicos: Museu Estação Cultural, OSC SOS AMF, e nas dependências da Universidade PUC Campinas. Esses locais foram escolhidos por nós e pelos sujeitos.

Para os encontros com os sujeitos na Defensoria Pública na Vara da Violência Doméstica de São Paulo, foram necessários três dias alternados com uma espera

²⁰ Projeto Íntegra atua no Fórum Regional de Santana, na cidade de São Paulo. Oferta mediação interdisciplinar desenvolvida nas relações afetivas continuadas. As informações sobre as instituições estão no item “Contextualização das Instituições”.

²¹ Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde: Organização Não Governamental. Oferta grupos de reflexão para homens autores de violência, encaminhados pela Vara de Violência Doméstica. As informações sobre as instituições estão no item “Contextualização das Instituições”.

de 4 horas²², resultando em duas entrevistas em dias diferentes. Nesses três dias foram marcadas e realizadas sete audiências; três homens não compareceram, dois não aceitaram participar e dois aceitaram. Os sujeitos entrevistados haviam acabado de ser condenados e estavam muito emocionados, disponibilizando somente 30 minutos de entrevista; um deles não autorizou a gravação do áudio, mas permitiu as anotações.

Todos os participantes foram orientados sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), autorizando as entrevistas e as gravações em áudio (anexo). Para as instituições, foram apresentadas a autorização do Comitê de Ética, emitida pela Plataforma Brasil.

3.3. Perfil dos Sujeitos

Para a realização das entrevistas, utilizamos um questionário composto de perguntas semiestruturadas (anexo), entregue e preenchido livremente pelos sujeitos. O questionário mantinha dois blocos temáticos.

Bloco A - Questões de perfil: idade, profissão, escolaridade, cidade ou região de nascimento e de vivência quando criança e/ou adolescente. As questões relativas à região de nascimento e de convivência tiveram como propósito perceber as influências culturais que poderiam ser geradoras das violências cometidas. Entre eles, seis nasceram, cresceram e viveram na mesma cidade; um na Bolívia, mas já há dez anos no Brasil; dois não responderam. Também levantamos o atual estado civil e a duração das relações com as parceiras: oito sujeitos declararam-se casados, informando que foi essa relação amorosa que culminou em violência. Os relacionamentos duraram entre 2 e 16 anos de convivência, e a separação se deu em decorrência das violências. Todos os participantes que foram casados têm, em média, dois filhos. Atualmente, cinco homens casaram-se novamente, e os outros quatro declararam não manter relacionamento amoroso no momento.

Bloco B - Violências Cometidas: esse bloco compreende questões relativas ao tipo de violência cometida e se esses sujeitos respondem ou responderam judicialmente pelo ato de violência.

²² O tempo estabelecido de permanência no fórum, de 4 horas, deu-se pela pesquisadora, que reside em outra cidade e precisava retornar à sua cidade dentro do horário comercial.

No primeiro contato com os participantes foi explicado que os dados obtidos pela pesquisa não seriam confrontados com o histórico institucional ou com os documentos oficiais (Boletins de Ocorrência, inquéritos policiais, processos judiciais, etc.), assegurando-os que o objetivo principal consistia em conhecer a versão dos fatos pelo seu autor.

3.4. Os Sujeitos e seus depoimentos

Para entender e compreender os motivos que conduziram esses homens a cometerem violências contra suas companheiras, optamos em apresentar suas narrativas na íntegra, respeitando sua versão dos fatos e a expressão dos sentimentos envolvidos em suas histórias. Segundo Muylaert et al (2014), “as narrativas combinam histórias de vida a contextos sócio–históricos”, ao mesmo tempo, que “revelam experiências individuais e podem lançar luz sobre as identidades dos indivíduos e as imagens que eles têm de si mesmo”, tendo como objetivo não apenas reconstruir a história dos fatos, mas compreender os contextos em que foram “construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos informantes.” (p. 196)

Dentro desse contexto, o sujeito é um ser histórico, se constrói no cotidiano, é produto e produtor de sua cultura familiar, social e econômica; portanto, seu relato requer visibilidade, para podermos compreender a versão de seus motivos.

Como medida de proteção e sigilo dos depoentes, optamos por estabelecer nomes fictícios, como meio de preservação de suas identidades.

• INÁCIO

Inácio tem 35 anos, cursou o Ensino Superior, trabalha como técnico e reside em Guarulhos, SP. A entrevista se deu por Skype e foi uma indicação do Programa “Tempo de Despertar”. No relato, informou que foi condenado por tentativa de homicídio e que frequentou o grupo de responsabilização para homens autores de violência do programa que o indicou.

Eu, na minha cabeça, tinha uma família tradicional. Minha mãe não sai de casa para nada, mal vai ao mercado e na feira, ela é do lar. Meu pai sempre foi o provedor da casa; essa era minha referência de família. Meus pais têm 70 anos e são de outra geração. Com 28 anos eu engravidei uma menina e casei. Eu não tinha nenhum sentimento por ela, mas não poderia deixar meu filho passar por humilhação. Os meus pais estão casados há 43 anos,

essa é a estrutura que eu tenho. Casei sem amor e foi um relacionamento muito conturbado, tinha muitas brigas. Apesar do meu uso constante de crack, eu nunca deixava faltar nada dentro de casa, achava que eu sendo o provedor do lar eu tinha o direito de usar drogas. Ela começou a trabalhar e nunca ajudou em casa, eu tinha que por tudo dentro de casa; aquilo me irritava, porque se a pessoa não trabalha é uma coisa, agora, se trabalha é para ajudar o companheiro, nossas brigas eram por causa disso. Fui internado em uma clínica de tratamento para dependente químico e quando saí, não lembro qual foi o motivo, começamos uma discussão; eu agredi ela, coloquei fogo no colchão e nas roupas dela. Eu não me lembro de muita coisa, tinha tomado muitos remédios, estava alcoolizado e tinha usado drogas. As coisas que eu vou falar, eu sei por que estão no boletim de ocorrência e no processo, porque não lembro. Segundo o relato dela, eu fui para cima dela com uma faca, não para matá-la, mas para cortar o cabelo dela; daí ela foi se defender e acabou machucando o braço, ferimento pequeno. Ela chamou a polícia e eu fui preso em flagrante. Não nasci para estar em uma cadeia, não tenho educação para estar em um lugar daquele (prisão), mas foi ótimo porque eu consegui abrir meus olhos e largar as drogas. Depois fui convidado para participar do Projeto Tempo de Despertar²³, e hoje eu faço parte da equipe técnica. Eu acreditava sinceramente que eu cometi violência porque usava drogas, mas durante o grupo fui descobrindo que não era só o meu uso de droga, era o meu comportamento, porque eu era machista. O principal motivo da violência que eu cometi foi porque eu estava drogado, e a falta de conhecimento. Tudo foi se acumulando e levou à agressão; fui condenado por isso, e achei justo. Se você for ver, não foi só uma agressão física, foram 2 anos de agressão psicológica. Ela tinha que aceitar o meu jeito, ela tinha que ser submissa a mim; então a agressão física foi a gota que faltava para transbordar o copo de água. A falta de conhecimento leva à violência, não é desculpa isso, eu não justifico nada do que fiz, foi muito grave, eu paguei. Acho assim, têm homens que tem vários fatores na vida deles, vários casos de agressões e episódios de violência. No meu caso não, foi uma agressão, foi um episódio e eu estava drogado. Eu poderia usar isso como desculpa, mas, sei lá, eu não tinha conhecimento de tudo. Tem um peso grande tudo isso, eu não consigo me enxergar como esse monstro, porque se você pegar os meus processos, parece que é um monstro que está ali e eu não sou aquele cara; é difícil. Ao mesmo tempo, eu gosto de estar participando dos grupos (reflexão de autores de violência), para eu me sentir bem e alertar os outros, para não chegar ao ponto que eu cheguei. Eu quero ver a mudança na sociedade, quero que minha mulher possa ir no mercado, com a roupa que ela quiser, e se sentir segura, sabendo que ninguém vai assobiar ou vai fazer piadinha sem graça. Não por ciúmes, não é essa questão, por respeito a ela. Na minha relação tem ciúmes, mas é controlado, não é doentio, até porque, se não houvesse isso, não é amor. Eu quero que o meu filho saiba que quando ele entrar em um relacionamento precisa valorizar as coisas que eu não valorizava. Eu venho buscando conversar com as pessoas, porque quero muito ver mudança na sociedade. Não é só violência física ou psicológica, por exemplo, meu pai é machista; eu sei que não vou desconstruir o meu pai e nem tem necessidade, porque se meu pai deixar de ser quem ele é até minha mãe vai achar estranho. Eu acho que falta um pouco de abordagem, porque na rodinha de amigas-mulheres sempre tem um lado afetivo, desabafo; nas rodas de homens não, porque o cara nunca quer se diminuir e ele não fala do lado afetivo. O homem tem essa armadura e ele não pode tirar essa armadura, mesmo com os amigos ele não vai falar: “olha, estou tendo umas discussões com a minha mulher”, “olha, fico chateado porque as vezes eu xingo ela”, homem não tem esse tipo de conversa, mas ele precisa

²³ “Tempo de Despertar” é um programa do Tribunal de Justiça de Taboão da Serra/ SP, que desenvolve grupos de atividades de responsabilização e reflexão aos homens autores de violência.

desabafar e não tem ninguém. Acho ruim que apenas esse tipo de assunto só tem debate quando acontece o pior e é difícil convencer um homem a participar dessa conversa. Hoje eu falo da minha experiência; por pior que tenha sido, posso tirar um proveito para melhorar a sociedade, pelo menos esses que estão ao meu redor, e se esses aprenderem alguma coisa, repassar para os outros. Nós temos que fazer alguma coisa antes da violência acontecer, esse é o caminho. Eu não tenho como criticar um agressor, porque eu também fui um e cometi um crime, eu agredi as mulheres, sou um deles. Não querendo me fazer de vítima, mas eu vejo muito a culpa da criação que a gente tem, não por pai e mãe, mas da sociedade, porque ela dita o comportamento. O homem não pode ser submisso à mulher; homem tem que ser o machão em um relacionamento, eu acho que é a sociedade. Agora eu também vejo a religião, extremamente cruel. A bíblia é extremamente machista; eu acho que esse livro é tão arcaico que legitima os agressores. Eu já vi e ouvi relatos de caras que batiam nas mulheres para tirar o demônio do corpo, tem muita coisa que precisa ser desconstruída na raiz, desde a criação dos nossos filhos até o respeito às mulheres. Tem caras que falam que bateu na mulher porque a mulher chifrou ele, se chifrou ele é porque o relacionamento não está bom. Claro, no calor do momento falta controle, mas bater não! Hoje eu sei que não tenho capacidade de bater em ninguém. Mas isso veio hoje. Agora, quando eu estava com as minhas droguinhas e a cachaça na cabeça, eu era agressivo. Hoje eu não bebo, sou uma pessoa totalmente diferente, busquei essa melhora e qualidade de vida, então é meio complicado eu falar, em um contexto geral, do agressor, porque cada um tem uma desculpa, ou um motivo, ou uma justificativa, embora eu acredito que não tem justificativa. A agressão verbal, tortura psicológica, pode até ser falta de conhecimento; agora, agressão física é o calor do momento. Acho que cabe aos dois ali conhecer o limite um do outro, sair fora quando a discussão fica mais pesada, porque discutir é normal, precisa ter conhecimento para saber o limite dela e dele.

• FRANCISCO

Hoje com 29 anos, Francisco cursou o ensino técnico e reside em Campinas/SP. O contato veio da OSC SOS AMF, onde buscou e passou voluntariamente por acompanhamento psicológico. A entrevista ocorreu no espaço da instituição e presencialmente.

Minha infância foi assim: minha mãe se separou do meu pai eu não tinha um ano, porque meu pai era alcoólatra crônico, ele chegou agredir minha mãe e não levava nada para dentro de casa; minha mãe acabou largando dele. Uma vez os vizinhos escutaram eu chorando e eles foram lá, e minha mãe estava desmaiada de fome; eles nos levaram para a casa da minha avó, ficamos morando lá. Quando eu tinha 2 anos minha mãe conheceu o meu pai e é a pessoa que ela está casada até hoje. Ele que me criou, eu tive a melhor educação possível e nunca passamos fome. Lembro que uma vez teve uma agressão, eu era pequeno, estava brincando com minha mãe e ela me derrubou sem querer, e ele bateu nela. Eu fui e dei um tapa nele, e ele foi e me deu um tapa no meu rosto. Eles discutiram e minha mãe pegou o carro e saiu comigo, e capotou o carro. Ela teve traumatismo craniano e um pouco de perda de massa encefálica. Na escola eu era bastante problemático, passei por psicólogo. Eu acho que pelo fato do meu pai beber e eu era estranho. Eu lembro que ele (pai) foi uma vez na porta da casa da minha avó, era 5:30 manhã; ele era açougueiro, meu padrasto tinha saído

para comprar pão, ele ficou chamando minha mãe. Quando ela saiu, ele estava bêbado, pegou o canivete e cortou a perna dela. Meu padrasto chegou e bateu nele, isso meio que me traumatizou; toda vez que eu ia visitá-lo ele estava bêbado, então parei de vê-lo quando tinha 15 anos. Logo depois ele morreu de câncer e eu não fui vê-lo, porque estava com raiva e ele bebia. Eu comecei a beber e usar drogas logo depois. Quando eu tinha 16 anos, casei com minha ex-esposa. Na época ela tinha 14 anos, temos 4 filhos juntos. Saí da casa da minha mãe e fui pagar aluguel, deixei de andar de skate e fui trabalhar, ficamos juntos 10 anos. Desde 16 anos eu fumo cigarro e bebo; aos 19 anos eu comecei a usar drogas, cocaína, eu fiquei uns 6 anos fazendo isso, bebendo e usando droga, só que era normal, porque eu não deixava de trabalhar, pagava o aluguel, fazia as coisas em casa. Eu tinha me tornado o que o meu pai era. Larguei da cocaína e da minha mulher, faz dois anos que eu conheci a mulher que eu sou casado hoje. Na verdade, eu não fui casado no papel com a minha primeira mulher, nada oficializado. Eu conheci minha atual mulher ainda estava junto com a outra, mas eu não tinha mais nada com ela, fiquei na casa, porque ela nunca tinha trabalhado e era eu que levava comida e as coisas. Depois eu fui morar com minha mulher, em pouco tempo eu percebi que estava feliz, ela me tratava muito bem, não existia briga e nunca passou pela minha cabeça de chegar ao ponto de agredir ela. Eu não acredito no que eu fiz, eu não entendi por que eu fiz aquilo, fiquei com medo porque, se eu tivesse bêbado ou tivesse drogado, teria uma justificativa, mas não, eu não estava, entendeu? Eu me descontrolei, saí do normal, mas não foi de graça, não justifica o que eu fiz, mas explica um pouco. Eu cresci em um mundo onde homem pega 10 mulheres e é o garanhão; a mulher fica com 10 e é puta. Idiota da minha parte pensar assim; esse é o meio que eu cresci, não foram minha mãe e meu pai, eles não me ensinaram isso, foi o meio pessoal que eu cresci. Sei que foi uma atitude machista. No dia que tudo aconteceu, eu cheguei em casa do trabalho, era meia noite e pouco, a gente começou a discutir, ela estava dando 'mama' para o meu filho (filho desse novo relacionamento), ele tinha 2 meses, ela ficou falando as coisas para mim, eu falei que iria embora e ela pegou e falou assim: "vou arrumar outro mesmo, vou dar pra outro mesmo, seu corno". Nessa hora, eu não sei o que aconteceu comigo, eu voltei e dei um soco nela, o queixo dela encostou na testinha do bebê e afundou. Eu fiquei sem saber o que fazer, peguei e fui para casa de uns amigos, na verdade eu queria até tirar minha vida, porque eu estava acreditando no que eu tinha feito, eu tinha machucado o meu filho. Hoje eu enxergo que foi o que ela falou, eu não traí ela, eu nunca esperei escutar aquilo dela, eu não sei se foi isso que motivou, mas não justifica o que eu fiz. Depois disso, ela não quis largar de mim, me desculpou e voltamos. Não aconteceu nada com o meu filho, não teve que fazer cirurgia e nem teve sequelas, mas como foi uma agressão e envolveu uma criança indefesa, o hospital comunicou algum órgão público e eles tiraram o meu filho de mim e dela. Mandaram ele para uma família acolhedora, ficou um mês e 20 dias nessa família. Esse foi o pior momento da minha vida; eu tenho 6 filhos e nunca fiz isso, sei que não foi correto, mas ela mesmo fala que causou isso, porque ela não deveria ter falado que iria me trair. Depois disso, eu já bebia, ficou pior, porque comecei a beber todos os dias até eu cair. Devolveram o meu filho e nunca mais teve uma briga, eu parei de beber porque fiquei com medo disso acontecer de novo, porque aconteceu isso e eu estava consciente, imagina se eu estivesse bêbado, ou drogado, teria tomado uma proporção muito pior. Eu nunca tinha parado para falar sobre isso, não me sentia à vontade em me expor, eu tinha vergonha; não tem como eu apagar o que eu fiz, mas eu sei que eu posso mudar o meu jeito, minha forma de pensar, de agir. Eu estou buscando ajuda para isso acontecer. Alivia falar e, além disso, ajuda outros caras, para não fazer nada, porque não é legal. Aos poucos eu estou entendendo, que foi ela que me feriu, eu sou homem, tenho orgulho, eu não queria escutar aquilo, eu não sabia que ela poderia me ferir sem colocar a

mão em mim. Se ela falar aquilo novamente pode acontecer de novo, então nós aprendemos, não vamos falar isso para ninguém. Jamais foi a minha intenção fazer aquilo, por isso que eu estou procurando ajuda. As pessoas falam que é uma doença, eu acho que não é doença (cometer violência), na hora ali é falta de controle. Acho que a maioria das mulheres apanham por ciúmes ou pelo cara achar que ela está traindo; isso é o que mais motiva e leva os caras a matar a mulher. Eu sempre fui assim de falar para ela: "olha, você pode fazer qualquer coisa pra mim, mas não me trai, porque esse seria o único jeito de eu ter coragem de por a mão em você". Eu falava para ela assim e eu acabei pondo a mão nela por outro motivo. Hoje, se ela me trair, eu acho que não ponho a mão nela, eu pego minhas coisas e vou embora, mas eu conto para família inteira dela. Agora, eu não sei se pegar no ato (da traição), não sei minha reação. Tem muito nego que não é doente, o cara é surtado mesmo, o cara tem ciúmes, mas eu acho que os caras que é desse jeito... Eu vejo muita coisa. Esses dias o homem espancou a mulher com fio e a criança também, por causa do ciúme; eu jamais teria coragem de fazer isso. Às vezes é o cara que trai a mulher, e a mulher não traiu, mas ele fica com aquilo, porque ele fez ela também vai fazer. Aí eles prendem a mulher, não deixa ela sair com qualquer roupa e nem de casa. Eu nunca fiz isso com ela; ela pode se vestir da forma como ela quiser, ela pode fazer o que ela quiser, eu nunca falei nada referente a isso. No meu caso foi uma questão de orgulho ferido. Ela me chamou de corno na minha cara e falou que iria arrumar outro, acabei explodindo, foi coisa de momento, poderia ter evitado, mas aconteceu; às vezes uma coisa acontece para você enxergar e compreender. Se eu falar que minha vida melhorou, que não tem briga, é mentira, eu sou um ser humano e ela também. Nós discutimos ao ponto de um xingar o outro, mas é só isso, eu não deixo ir além disso, eu evito.

• AMBRÓSIO

Ambrósio tem 45 anos, completou o ensino superior e reside em Campinas/SP. A OSC SOS AMF o indicou para entrevista, pois estava em acompanhamento psicológico voluntário. A entrevista ocorreu em um espaço público, na praça da cidade, presencialmente. No decorrer da conversa informou que responde por ameaça e tentativa de homicídio.

Minha infância, não foi muito boa; meus pais brigavam e nessa época teve uma separação e fomos morar na casa da minha avó. Eu fui o cara que cuidava dos meus irmãos, para minha mãe trabalhar na colheita de café. Passado um tempo, eles voltaram, meu pai bebia, saía com outras mulheres, brigava e tinha muitos ciúmes da minha mãe, sempre achava que ela estava traindo ele. Sofremos muito, e cresci no meio disso; eu fui o primeiro que o enfrentou, ele bateu na minha mãe e eu a defendi, apanhei dele e depois eu saí de casa. Ele continuou brigando e até pegou uma faca para agredir ela e os meus irmãos. Depois ele teve um derrame e percebeu que ninguém mais o respeitava como pai, e decidiu sair de casa. Logo conheci a mulher dos meus filhos; não casamos, mas tivemos três filhos. Antes de a minha filha nascer, a mãe dela me traiu e como gostava dela, acabamos ficando juntos, mas acabei perdendo meu respeito por ela. Nessa época eu morava com minha sogra e ela ficava mentindo para os meus filhos, dizendo que eu estava traindo minha mulher; sabe, eu deixei de ser fiel por causa dela, já que eu tinha sido traído e ela me acusava de traição, eu traí. Conheci outra mulher, a que estou até hoje; nós ficamos juntos, mesmo eu sendo casado. Quando meu segundo filho nasceu nos

afastamos, e no terceiro ela me abandonou. Anos depois nos encontramos, eu já tinha me separado e logo fomos morar juntos. Nós saíamos e eu bebia, cheguei a usar drogas, cocaína, e nós dois não se respeitava; brigamos e separamos várias vezes. Saímos juntos de novo, nisso ela abriu o celular na minha frente, querendo mostrar alguma coisa, eu peguei o celular dela e li as mensagens, os caras falando queria transar com ela. Começamos a brigar, falei para ela que eu tinha me arrependido e queria voltar. Nisso eu fui falar com o cara que ela estava saindo, fiz besteira, devia não ter feito; o cara falou que não saiu com ela, mas eu não acreditei, mandei a minha sobrinha olhar eles e a minha sobrinha viu ela com o cara. Fui tirar satisfação e percebi que não era o mesmo que eu tinha falado, era outro. Nesse dia não sei o pânico que o cara deu nela e no outro dia ela fez medida protetiva contra mim, falou que eu queria matar ela e o cara; eu não ameacei o cara. Quando eu vi o boletim de ocorrência eu fiquei até para baixo, porque eu não esperava que ela fizesse um BO. Eu posso ter falado tudo aquilo, mas nunca falei na maldade. Passado uma semana ela ficou ligando para mim, chorando, arrependida, e nós voltamos. Eu gosto dela. As pessoas falavam que eu tinha um sentimento de posse, mas não é verdade. Nós brigamos e eu joguei meu tape na cara dela, ela foi e fez outro BO, mas eu deveria ter ido fazer um BO também, porque ela me agrediu com palavras; o homem erra, mas ele também é agredido, têm homens que não estudam e se sentem envergonhado de ir na delegacia, porque não somos ouvidos, e têm situações que a mulher força você encostar a mão nela; ninguém aguenta elas falando. No primeiro (BO) eu havia feito noitada, não dormi em casa, ela começou a me dar chutes e eu revidei com força; ela ficou marcada, eu não fiquei marcado; ela fez esse BO, ela poderia ter ficado quieta, eu podia ter me controlado; eu apanhei muito na cara, essas coisas a sociedade não enxerga, não que eu fui santo, mas fui agredido e a agressão foi para me defender e ninguém me ouviu. Pior foi ela ter colocado no facebook que era feminicida, eu tinha essas coisinhas babacas de ciúmes, mas não mataria. O importante para mim seria eu me amar e faz tempo que eu estou lutando para isso. Isso evitaria não passar mais por essas situações. No início da relação ela sabia que eu tinha um abismo, que era o álcool, um abismo chama o outro; minha relação foi tumultuosa e turbulenta, por causa do meu envolvimento com álcool e com as drogas. Além disso, tinha uma competição entre eu e ela. Ela só pensava nela e eu em mim, eu era totalmente dependente dela, eu peguei ela para ser minha mãe e cheguei a acreditar nisso. Eu não sou mais dependente dela; hoje eu trabalho, sei colocar minha roupa na máquina de lavar. Eu estava assistindo televisão e saiu no noticiário que um cara tinha matado uma estudante aqui no bairro, porque ele achou que ela estava traindo. Eu fiz um comentário assim: “que cara babaca, porque ele vai atirar na mulher e depois se matar?”. Eu estava me sentindo mal porque estava passando pela mesma situação de traição. Era só ele ter largado dela e ter pego outra mulher, pegaria poucos anos de cadeia. Falei essa merda eu fui muito julgado por isso, fui condenado como feminicida. Não sou feminicida; só acho que ele deveria pagar sofrendo e não se matando.

• JOÃO

Com 49 anos e pós-graduado em finanças e gestão, João reside em Campinas/SP, e também foi indicado pela OSC SOS AMF, onde buscou atendimento psicológico, desligando-se logo nos primeiros encontros. A entrevista ocorreu pelo WhatsApp, por desejo do sujeito.

Eu sou de uma família de cinco irmãos, tivemos vários problemas na infância. Meu pai bebia e minha mãe teve muitos momentos difíceis para nos criar. Tivemos algumas sequelas, mas já superamos. Hoje nós somos todos formados, com os nossos esforços e somente depois de adulto, porque nossos pais não tinham recursos, mas sobrevivemos. Hoje estou em um relacionamento há trinta anos, tenho um filho de 17 anos; como todo casamento, tem os seus momentos conturbados. A minha companheira é uma menina explosiva ao excesso. Às vezes não agimos com a razão, agimos com a emoção, e a emoção deixa você em uma temperatura alta, ao ponto de você não saber o que você está fazendo. Perdemos totalmente o controle; depois, quando cai a ficha, “porque que eu fiz isso?”. Bate um arrependimento. Mas são vários fatores, a influência do desemprego, da baixa da autoestima e de várias coisas. Dentro de casa não temos instrução para mensurar esse tipo de problema, então qualquer assunto que não temos conhecimento e disposição para cuidar gera conflito; são pequenas coisas, e foi isso que aconteceu. Os conflitos viram violências, isso é muito ruim. Eu fui militar e tive uma disciplina muito conservadora; eu vivi um momento que eu falei assim: “não, preciso falar com alguém sobre isso, os conflitos e as violências”. Busquei ajuda com profissionais para entender. Eu não tenho amigos para desabafar, preciso conversar com profissionais para me orientar a agir da maneira correta. Minha companheira é uma menina muito vaidosa, desde quando eu conheci. Ela era uma pessoa gordinha, tomava remédios para emagrecer e até fez bariátrica; depois fez plásticas e as vaidades só aumentaram. Ela posta fotos nas redes sociais e faz lives o tempo todo, e não fica com a família; esse distanciamento da casa, dos procedimentos domésticos e o abandono, isso me pegou e isso me fez buscar orientação. Penso que a violência é desnecessária, uma boa conversa dura em uma temperatura alta pode haver, mas quando se parte para o lado agressivo de um empurrão, eu acho desnecessário. Quando há uma tentativa de ambos os lados, de agressão, é um sinal amarelo, porque acontece uma vez, a segunda, a terceira, e vai aumentando; quando isso acontece é melhor cessar, cada um para um lado, cada um vai cuidar da sua vida. Eu acho que não temos preparo, é um despreparo em lidar com algumas situações de conflitos.

• ANTÔNIO

Antônio tem 33 anos, completou o ensino fundamental, trabalha como motorista de Uber e reside na cidade de São Paulo. A entrevista foi realizada pessoalmente, no espaço da Defensoria Pública, no dia do julgamento e da condenação pelos crimes de violência física e psicológica contra sua companheira. Esse sujeito não passou por nenhum atendimento grupal, social ou psicológico.

Fui uma pessoa bem-educada pelo pai e pela mãe, nunca levei um tapa do meu pai, da minha mãe não posso falar, porque mãe é mãe. Minha mãe e meu pai nunca brigaram dentro de casa; eu não tive irmão pelo motivo de eu ser uma pessoa agressiva, mas brinquei bastante, minha infância foi de uma criança normal. Quando jovem, conheci ela e logo fomos morar juntos, passamos seis anos juntos. Nos últimos seis meses, as condições financeiras pioraram; eu era taxista e, com a crise, estou fazendo Uber, mas estava difícil financeiramente. Resolvemos cada um morar em uma casa, “eu volto para casa da minha mãe e você volta pra casa da sua”; fomos morar separados. Com o tempo a mãe dela começou a encher as paciências dela, pediu para ela ajudar dentro de casa, porque tinha nossa

filha. Eu ajudava no que eu podia. Ela pediu para eu ajudá-la a arrumar um emprego, eu ajudei. O gerente da lanchonete, meu amigo, arrumou um emprego para ela; eu levava e buscava, como um marido. Deixava ela em casa, em segurança, e ela estava me traindo no serviço, e eu perdoei. O gerente ficou sabendo e despediu, ela ficou um tempo sem falar comigo; ela achou que eu que o mandei demiti-la. Passou um tempo, ela voltou a falar comigo, pediu novamente para ajudar ela a arrumar um emprego. Consegui um emprego para ela em uma padaria. Sempre fui um homem presente na vida dela, até levei ela para abrir conta, por mais que a gente estava morando separados, estávamos juntos. Menos de três meses, ela me traiu novamente dentro da padaria, eu descobri. Eu levava ela para o serviço de manhã, buscava a tarde, e depois eu ia trabalhar. Tudo começou quando ela começou a querer ir de ônibus e brigar comigo; estranho a mulher ter uma comodidade de ir sentada, dormindo, brigar para ir de ônibus. Combinei com ela que não iria levá-la, mas fui até estação de trem para ver como ela iria. Ela chegou lá e entrou no carro do cara; foi a hora que eu peguei eles dois juntos. Eu não aguentei, xinguei ela, ele saiu correndo achando que eu ia bater nele, mas não, ela veio pra cima de mim com o celular e batendo o celular na minha cara, e eu segurei ela pelo pescoço, mas foi isso, não foi nada de tirar sangue, não. Imagina: eu fui atrás de emprego para ela, fiz tudo, e ela cometeu novamente o ato de traição? Qualquer homem em sã consciência, no calor da emoção, acaba fazendo besteira, como também tem muitos que não ouviram a história e julga sem saber. Eu tenho uma filha com ela, foram seis anos juntos, fomos morar só eu, ela e os colchões, conseguimos tudo trabalhando; éramos duas pessoas unidas até o momento em que ela começou a virar a cabeça contra mim e abandonou a família. Hoje ela largou a filha dela comigo e foi morar com o marido dela no morro. Na verdade, não foi nem motivo de eu ser agressivo, porque ela me traiu duas vezes. Hoje eu não gosto dela, mas no dia que aconteceu os fatos, sim. Eu perdoei uma vez e na segunda vez eu não aguentei, só isso. Eu não agredi ela. Mentiras e traição, o que mais me motivou, e também ela ter vindo para cima de mim. Não foi o caso de ter pego os dois juntos, até porque o rapaz falou que era casado e saiu de perto, deixou ela lá. Eu queria agredir somente com palavras, porque, na verdade, ela está errada. Se ela quisesse ficar com alguém, ela terminasse, não ficasse me iludindo, ou ficasse fazendo com que eu amasse ela. É difícil para qualquer ser humano amar e não ser correspondido. Você não quer ser correspondido, sai de perto, vai viver sua vida, cada um vive a sua, não fica traindo. É muito ruim falar sobre isso, porque eu me arrependo de tudo, poderia muito bem ter virado as costas, saído andar, saído de lá e deixar eles dois juntos. Não era isso que ela queria para vida dela? Acabar com a família dela para ter um relacionamento passageiro? Porque ele era casado e ela descobriu que ele era casado, então ela não se aprofundou na história dele para depois querer ter algo com ele. Ela foi errada, eu fui errado e me sinto culpado. Mas nada justifica o que eu fiz pra ela e nem o que ela fez para mim, acabar com a família por causa de uma aventura, isso é ruim. Hoje eu me arrependo, de verdade, porque ainda gosto dela, ela é mãe da minha filha, ela é uma pessoa boa, não é uma pessoa ruim. Mas fazer o que? Aconteceu. Eu deveria ter me segurado.

• AGOSTINHO

Com 30 anos, cursou o ensino fundamental, nasceu e viveu na Bolívia, faz 10 anos que chegou ao Brasil, atualmente reside na cidade de São Paulo. A entrevista foi realizada pessoalmente no espaço da Defensoria Pública, no dia do julgamento e da condenação pelos crimes de ameaça e tentativa de homicídio, cometidos contra

sua esposa. Esse sujeito não passou por nenhum atendimento grupal, social ou psicológico.

Meus pais nunca se separaram, vivem bem na Bolívia; tenho 8 irmãos. Agora, a família dela, os pais são separados e os irmãos são divorciados. Eu acho que isso é coisa de família, porque para mim casamento é para sempre. Hoje é impossível ter família; a esposa tem igualdade, tem que trabalhar e cuidar dos filhos, essa é sua obrigação. Faz 10 anos que cheguei ao Brasil, para dar uma vida melhor para meus filhos. Faz um tempo, consegui abrir um espaço para costurar e morar; eu trabalhava o tempo todo e ela cuidava dos filhos. Para ela não estava bom morar na fábrica, então mudamos e fomos pagar aluguel, e ela foi trabalhar comigo na fábrica. O negócio ficou ruim, pensei que fôssemos ganhar dinheiro e não ganhamos, perdi tudo. Começamos a brigar, porque estava faltando as coisas dentro de casa. Nesse momento eu peguei o celular dela e vi as mensagens e as fotos nuas, enviadas para homens, e tinha conversas no celular assim: “o que podemos fazer na noite?”. Ela saía com eles, bebia e brigava. Fiquei com raiva e ciúmes. Ela tem 3 filhos, além disso, não estava fazendo nada dentro de casa. Eu nunca bati nela, só a peguei forte pelos braços e dei 2 tapas; eu nunca bati nela bêbado, eu não bebo. Ela só ficava em casa, eu não quero uma esposa assim; ela tinha tudo, tinha uma vida boa, eu trabalhava muito para ela ficar em casa. Ela não cuidava da casa, fazia dois meses que estávamos brigando por causa disso; ela não fazia minha marmita, ela não acordava mais cedo para arrumar o café para mim, não lavava as minhas roupas, a casa estava bagunçada, essa é obrigação dela. Eu não quero uma esposa assim, ela não se arrumava para mim; agora, para os homens ela se arrumava, passava batom e saía bonita para os outros. Eu via ela com outros homens, e minha casa abandonada e meus filhos também. Foi só isso que aconteceu, ela saiu de casa com os meus filhos e eu não posso vê-los. Eu perdi tudo.

• ANSELMO

Este entrevistado tem 30 anos e residia em São Paulo, mas mudou-se para outro Estado. A entrevista ocorreu pelo WhatsApp e só foi possível por intermédio do Projeto Íntegra, que o atendia juridicamente. O sujeito não passou por nenhum atendimento grupal, social ou psicológico.

A relação com meus pais graças a Deus foi boa. Somos em 7 irmãos, duas falecidas. Eu não tive infância, porque comecei a trabalhar aos 11 anos de idade na carvoaria. Meus pais são vivos e estou na casa deles, nunca tive problema nenhum com ninguém da família. Fui casado, não por muito tempo, graças ao mesmo motivo que esse acabou: ciúmes. A pessoa via coisa onde não existia; ninguém aguenta ser julgado por uma coisa que você não cometeu e nem está cometendo. Talvez quem esteja do outro lado me ouvindo vai falar que é para me defender, mas eu não consigo mentir. Meus relacionamentos sempre foram assim: a pessoa quer me ter como ela quer, não posso conversar com ninguém e sou a pior pessoa do mundo. A gota d'água não foi uma vez, foi uma somatória. Eu aguentei tantas coisas que me perguntava: “como eu aguentava viver assim?”. Cansei de falar que não aguentaria, chegou num momento que eu não vi nada, não enxerguei nada, cheguei num limite de humilhação, provocação, calúnia e coisa que eu nem sei explicar. As pessoas falavam porque eu não saí antes de tudo acontecer, mas o arrependimento só vem depois. Eu acabei perdendo tudo,

perdendo a razão, perdendo minha liberdade, perdendo amizades, perdendo meu lar, e o mais importante, ficando IOSCe da minha filha. Tem aquele sentimento de arrependimento, coisa de um segundo que poderia ter sido evitado para não estar nessa situação. Não tinha conversa, quando eu ia conversar, falar a verdade, ela partia para o lado de ofensa, vinha com ofensas pessoais e familiares, isso era um dos motivos; infelizmente, parece que eu entrei na provocação. Ela começou a levar as coisas na delegacia, coisa que nunca aconteceram; eu não aguentava mais, ficava imaginando o que fiz pra merecer tudo isso. Agora para eu agredir psicologicamente uma pessoa, colocar para baixo, isso nunca fiz, nunca foi meu forte, graças a Deus. O irmão dela me falou: “cara, eu sei o que você está passando, porque aquela ali (irmã dele) é a ovelha negra da família, sempre trouxe problema para família”, ele falou com essas palavras. Ela não foi criada pela família dela, pra mim ela confessou que já brigou com umas 3 tias dela e que jogou uma tia no chão e bateu na cara dela. Ela queria ficar com a casa e por isso fez vários BO contra mim. Teve um dia que eu e o meu vizinho pegamos ela e levamos para hospital, porque ela tinha várias escoriações pelo corpo, que ela fez. Depois ela fez um BO dizendo que fui eu que a machuquei; não fui eu e o meu vizinho está de prova. Eu não aguentei mais, eu machuquei ela, eu não lembro de nada; eu peguei a faca e agredi ela, não lembro aonde eu agredi ela, sei que foram várias vezes. Eu aguentei muito até esse momento, não sei por que eu fiz isso, infelizmente é a realidade. Falar sobre isso é como tentar explicar para mim mesmo o que eu fiz. Não tenho culpa sozinho; eu deveria ter me expressado, ter falado o que eu estava vivendo antes de tudo. Se puxar meu histórico, de qualquer lugar e de qualquer situação, você vai ver que não tenho histórico de má convivência e nem de briga com ninguém, nem com a família, parente, amigo, graças a Deus. Preciso desabafar, porque alguém que não me conhecia antes pode olhar o que aconteceu e me culpar sozinho; não é só minha culpa. Talvez você não acredite ou ache que estou falando somente para me defender, para jogar a culpa nela, essa não é a verdade. Eu sei pelo que eu tenho culpa, eu sei o que eu fiz, sou culpado sim. Falar sobre isso me deixa mais aliviado, mas é difícil de explicar como me senti, principalmente para quem me conhece. Agora, pra quem não me conhece eu sou um assassino, um psicopata a sangue frio. Só que não me vejo assim, não me sinto assim, só quem já passou sabe o sentimento; eu estou arrependido. Tem umas pessoas que nascem para fazer o mau e tem outras que nascem para fazer o bem. Às vezes aquelas que a gente mais faz o bem são as que vão nos machucar. Quando eu vejo esse tipo de reportagem de violência contra a mulher, eu não tenho a mesma opinião que tinha antes. Hoje, não que eu acho certo, mas eu não vou condenar, julgar os homens como fazia antes, aquele merece isso, aquele aquilo, isso não é uma coisa de se fazer, porque nunca se sabe o que se passa dentro de quatro paredes com uma pessoa, ou até fora de quatro paredes. Cada um tem uma forma diferente de pensar e uma forma diferente de agir.

• GREGÓRIO

Este entrevistado tem 30 anos, completou o ensino superior e reside em Santos/SP. Participou do grupo de reflexão para homens autores de violência, por determinação judicial, na OSC Coletivo Feminista, e durante o grupo foi convidado pelo técnico a participar da pesquisa pelo WhatsApp.

A minha infância foi normal, fui bem-criado, meus pais sempre trabalharam e sempre fomos da classe média, não tenho do que reclamar. Me apaixonei por ela na faculdade, namoramos 10 meses e separamos. Foi muito difícil,

era muito apaixonado. Depois de um ano a gente voltou a se relacionar; na época o meu pai estava com câncer e quando ela descobriu se afastou de mim, quando ele morreu ela voltou. Percebi que quando ela não tinha atenção dos outros ela procurava um ex-namorado e ela estava fazendo isso comigo. Por causa disso a gente teve uma discussão, eu tentei ir embora da casa dela, mas ela não deixou. Eu fui reativo, reagi às agressões, tanto verbais quanto físicas, que ela estava fazendo na hora. Ela era uma pessoa egoísta e eu também. Ela era uma feminista extremista; por um lado isso foi positivo, ela me mostrou várias questões sobre o machismo que não era claro para mim, embora a forma que ela propunha era meio violenta, tanto o diálogo como a relação. Era uma guerra e eu me sentia um pouco inimigo dela. Tenho um posicionamento igualitário, não consigo ver elementos de machismo ou de misoginia em mim. Eu vi que eu estava passando por um momento complicado e uma pessoa me levou ao extremo, foi um momento de destempero, mesmo assim eu questiono a parte da agressão, eu apenas estava me defendendo, eu usei mais da minha força, Não estava tão equilibrado, e em qualquer outro momento da minha vida eu não teria feito, mas qualquer pessoa que estivesse, naquele momento, ouvindo o que foi dito, recebendo atos físicos, teria a mesma reação de proteção. Pior foi ela se posicionar na mídia social, e isso me prejudicou bastante, profissionalmente e socialmente. Eu não tenho nenhum histórico de violência, muito pelo contrário, se você pegar todas as mulheres que se envolveram comigo elas vão dizer que é um absurdo essa situação, mas infelizmente aconteceu. O pior disso tudo foi ninguém me ouvir, fui totalmente excluído, ninguém quer ouvir o cara. A própria Lei Maria da Penha como é construída deixa o cara sozinho, sem nenhum auxílio, ele é rotulado, julgado, excluído e recebe a sentença, independente se você foi ouvido ou não sobre a sua parte na história. Nunca é fácil contar essa história, porque ela remete a muita coisa, muita particularidade, principalmente em relação à morte do meu pai e tudo que aconteceu depois, a repercussão antes, durante e depois, é uma faca de dois gumes, meio catártico e um pouco de liberação, é bom falar, é bom uma autorreflexão para entender algumas coisas, acho necessário. O curso²⁴ foi muito importante, porque não focava somente nessa questão da violência; partia do machismo, talvez o machismo seja o problema principal em muitos dos casos, mas também não excluía outras coisas, como outros sentimentos e ações que nos rodeiam, que precisam ser trabalhadas. Eu sempre acho que a exclusão é o que mais acontece, é como se tivéssemos lepra e precisássemos ser excluídos. Passar pelo grupo foi importante, porque tem um movimento natural do homem e há um lugar meio misógino. Depois da repercussão social que aconteceu comigo, eu me peguei tendo pensamentos misóginos; não pensamentos práticos, mas do tipo: tratar as mulheres como objeto, desqualificar a luta feminista e a luta pela igualdade, isso era um processo natural de raiva e rancor, nisso o grupo me ajudou. Eu não sou essa pessoa, eu apenas estou machucado e chateado, e ninguém entende. Os homens precisam de um espaço onde possam falar, homem com homem, falar sobre suas inseguranças, medos e das coisas que levam o homem a tomar atitudes como essa, de violência. Então, não é só o machismo, porque só isso fica raso e não resolve o problema, mas é o todo, tudo que nos relaciona. Eu acho que é preciso ouvir o outro lado da história, do homem, ninguém quer ouvir o cara, ninguém quer ouvir a versão do cara. Há um lugar onde a violência é levada por um caso de misoginia e um caso de machismo; eu discordo um pouco, porque, por exemplo, no meu caso em específico, eu não me considero um feminista, porque eu acho que isso é uma ideologia; eu ainda tenho minhas questões, e são várias vertentes, e eu entendo que ainda existem muitas vertentes, então é difícil. Eu sou a favor da igualdade.

²⁴ O entrevistado remete-se ao grupo de reflexão para homens autores de violência, que participou na OSC Coletivo Feminista, Sexualidade e Saúde, em São Paulo, SP.

• **CIRILO**

Com 44 anos, completou o ensino médio e reside em Campinas/SP. Tínhamos conhecimento anterior desse sujeito, que aceitou nosso convite para participar da pesquisa e marcou a entrevista pessoalmente em um local público. Nunca passou por nenhum atendimento grupal, social, psicológico ou jurídico especializado.

Minha infância foi muito legal. Morávamos no interior, na roça, e na roça desde pequeno a gente já começa a ajudar os pais. Acho que tenho muito dos meus pais, e essa convivência foi legal com os pais. Hoje a gente vê muitos casos, que os pais nem podem reclamar com os filhos, que eles já falam que vão ligar para a polícia. Os pais ficam muitos sigilosos, por conta das próprias leis. Antigamente os pais corrigiam os filhos, dava uma surra quando precisava e ninguém ficou diferente; pelo contrário, os pais corrigiam da maneira correta. Hoje os pais que fizeram isso vão até presos. Graças a Deus, meus pais vivem bem. Eu casei e tenho 4 filhos, vivemos juntos há 16 anos, mas fazia tempo que a convivência com minha esposa estava ruim, chegando ao ponto de estarmos separados dentro de casa. Decidimos separar, só que ela queria que eu pagasse minhas coisas e saísse de casa; não vou fazer isso, porque do mesmo jeito que a gente casou, vamos separar na justiça. Ela queria me tirar de dentro de casa de qualquer forma, eu sabendo das consequências, inclusive da Lei Maria da Penha, eu evitava o máximo discutir com ela. Mas ela é uma pessoa muito agressiva. O objetivo dela sempre foi conquistar a casa; daí houve um dia que tivemos uma discussão, eu iria sair com a minha filha mais nova, ela negou que a menina viesse comigo. Nesse dia houve uma quase disputa corporal, porque a menina queria vir e eu queria trazer, e ela não queria deixar a menina. Na disputa eu puxei a menina, ela puxou também, não teve luta corporal, não teve nada disso. Passado alguns dias, chegou o promotor de justiça em casa, com uma carta para eu sair de casa, e deu alguns minutos para eu retirar minhas coisas e sair. Eu questioneei o motivo, ele disse que tinha um boletim da Lei Maria da Penha, por agressão física contra a esposa e violência contra os filhos. Acho legal que exista a Lei Maria da Penha para proteger as mulheres que realmente sofrem a violência, mas não faz um exame de corpo delito, não pede uma testemunha dos fatos, simplesmente ela foi lá, fez o BO e me tirou de casa. Saí de casa e entrei com uma ação para provar que não houve essa situação; acho complicada essa situação sobre a Lei Maria da Penha, que não pede provas. Têm muitas mulheres que realmente sofrem violências, mas tem homens que também sofrem violência das mulheres, mas que tem vergonha de ir lá fazer o boletim de ocorrência. Ele sofre pressão psicológica, ele sofre violências. Eu fui fazer um boletim de ocorrência contra a minha esposa que me agrediu, o delegado tirou sarro da minha cara: “o senhor está apanhando da mulher? O que é isso, homem apanhar de mulher?”. A minha esposa pegou a faca para mim, colocou na minha barriga e queria me furar, eu poderia ter botado fogo nela, mas meu Deus do céu! Eu fico indignado porque não precisava me tirar de casa daquela maneira covarde, através de uma mentira; ela aproveitou da situação e a Lei Maria da Penha deu cobertura para a mentira. Hoje eu posso expor a minha verdade, porque as pessoas passam por essas situações e não tem oportunidade de falar, e às vezes eles não cometeram esse erro. Não sinto pesar, eu pago pensão direitinho, tenho o direito de ficar com a minha filha menor, porque os outros são maiores e não querem sair comigo. Mas a mãe fica proibindo ela de sair comigo. Agora, se a guarda fosse minha e eu proibisse, ela rapidamente faria alguma coisa contra mim. Tem essas

coisas, se a gente não tiver uma cabeça feita e não for positivo, acaba fazendo besteira. Quando você me pergunta o que leva ao homem a praticar a violência, há diversos motivos, eu acredito que há um descontrole. Por exemplo, esse homem que colocou fogo na esposa e acabou morrendo junto com ela, analisando essa pessoa, ela está muito distante de Deus. O fato é que a pessoa desprovida de religião está sujeita a isso; ele perdeu a cabeça. Porque, tipo assim, ele acha que não é filho de Deus, que aquilo que ele está passando é o fim. Graças a Deus eu sou da igreja, e quando uma pessoa tem uma religião, tem mais força e comunhão com Deus, ele até pode passar por uma situação delicada e difícil, mas evita perder a paciência e agredir a esposa.

Referências Bibliográficas do Capítulo III

BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo; NOGUEIRA, Joanna Ribeiro. Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógica. **Revista Dimensões**, v. 36, jan.-jun. 2016, p.12-30. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/13864/9817>. Acesso em: 20 de mar. de 2020.

BUTLER, Judit. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 5. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SANTOS, Maria do Carmo G; Soares, GOMES, Amanda Teresinha. Era uma vez: os contos de fadas e as relações de gênero na perspectiva das professoras. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, PE. Brasil, Ano 1, v.1, nº 3, set/dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/>. Acesso em: 20 de mar. de 2020.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Formam-se a mente e o sentimento pelas conversações; corrompem-se a mente e o pensamento pelas conversações.

(BLAISE PASCAL)

Neste capítulo realizamos a análise e interpretação dos depoimentos a partir das narrativas advindas do processo de entrevista, e da compreensão que fomos construindo sobre o tema, especialmente sobre as dimensões subjetivas que envolvem as experiências dos sujeitos. Dos estudos que realizamos sobre o tema e de intensas leituras dos depoimentos, destacamos 4 tópicos que vão concentrar as análises. São eles:

-  **Violência cometida**
-  **Família**
-  **Motivos**
-  **Do outro lado da razão**

Importante lembrar que o conteúdo analisado são versões dos sujeitos autores da violência e podem não corresponder aos processos judiciais ou boletins de ocorrência. Nosso propósito, como já indicamos, era ouvir o sujeito – homem que cometeu atos de violência – em sua perspectiva social e humana, para além dos rótulos herói e monstro, vítima e agressor, dominado e dominador.

• **VIOLÊNCIAS COMETIDAS**

Referem-se aos tipos de violências praticadas, bem como seus rebatimentos na vida. Organizamos as violências cometidas por semelhanças e gravidade das ações. O participante Inácio foi o único que, diretamente, declarou que, no ato de violência, estava sob efeito de remédios controlados, drogas e álcool.

Não lembro qual foi o motivo, começamos uma discussão, eu a agredi, coloquei fogo no colchão e nas roupas dela eu fui para cima dela com uma faca, não para matar lá, mas para cortar o cabelo dela, daí ela foi se defender e acabou machucando o braço, não foram só uma agressão física, foram 2 anos de agressão psicológica. Agora quando eu estava com as minhas droguinhas e a cachaça na cabeça eu era agressivo. (INÁCIO)

Percebemos, nesse relato, a gravidade da violência psicológica e física, elevada até a tentativa de homicídio. Inácio foi preso em flagrante e respondeu processo judicial; também participou do Grupo de Ressocialização para homens autores de violência do Programa “Tempo de Despertar”. Hoje estão separados e em um novo relacionamento conjugal.

A gente começou a discutir ela falou: “vou arrumar outro mesmo, vou dar pra outro mesmo, seu corno” eu voltei e dei um soco nela e o seu queixo encostou na testinha do bebê e afundou. Eu não acredito no que eu fiz e fiquei com medo porque se eu tivesse bêbado ou tivesse drogado. (FRANCISCO)

Francisco respondeu judicialmente ao processo, perdendo a guarda da criança por dois meses. Fazia uso de substâncias psicoativas, mas declarou que na hora da agressão não estava sob efeito de drogas ou álcool. Manteve relacionamento durante e após o ocorrido, e seu filho retornou aos seus cuidados. No período da coleta de dados (2019), encontrava-se em atendimento psicológico na OSC SOS Ação Mulher e Família.

Começamos a brigar e ela fez medida protetiva contra mim, falando que eu queria matar ela e o cara, eu posso ter falado tudo aquilo. Brigamos e eu joguei meu tape na cara dela, ela começou a me dar chutes e eu revidei com força, ela ficou marcada. Minha relação foi tumultuada e turbulenta, por causa do meu envolvimento com álcool e as com droga. (AMBRÓSIO)

Foram vários boletins de ocorrência de ameaças, agressão física, psicológica e perseguição. Ambrósio não informou que respondeu ou responde judicialmente pelos crimes. Atualmente, o casal mantém o relacionamento e ele estava em acompanhamento psicológico na OSC SOS Ação Mulher e Família.

A gota d'água não foi uma vez foi uma somatória, eu aguentei tantas coisas, eu machuquei ela, eu não lembro de nada, eu peguei a faca e agredi ela, não lembro aonde eu agredi ela, sei que foram várias vezes. Agora para eu agredir psicologicamente uma pessoa, colocar para baixo, isso nunca fiz. (ANSELMO)

Anselmo responde por violências psicológica e física, elevadas à tentativa de homicídio. Até o momento da entrevista (2019) não havia se apresentado à polícia e, considerado “foragido”, estava recebendo orientação remotamente, pelo projeto Íntegra.

(...) eu não aguentei, xinguei ela e veio pra cima de mim, com o celular e batendo o celular na minha cara e eu segurei ela pelo pescoço, mas foi isso, não foi nada de tirar sangue. Eu queria agredir somente com palavras, porque na verdade ela está errada. (ANTÔNIO)

Antônio foi condenado pelo crime de atentado à vida e, até o final da entrevista, não mantinha contato com a ex-companheira e sua filha. Antônio não passou por nenhum acompanhamento psicossocial ou grupo de reflexão para autores de violência, e recebeu somente orientação jurídica ofertado pela Defensoria Pública do Estado de São Paulo. O encontro para a entrevista aconteceu no espaço do Fórum da Barra Funda em São Paulo, logo após a audiência de condenação.

(...) eu peguei o celular dela e vi as mensagens e as fotos nuas, enviadas para homens e as conversas no celular, ela saía com outros homens. Eu nunca bati nela, só a peguei forte pelos braços e dei dois tapas, eu nunca bati nela bêbado. (AGOSTINHO)

Esse sujeito respondeu criminalmente e foi condenado por violência física e psicológica. Não vinha obtendo informações sobre sua ex-companheira e seus filhos; não passou por nenhum acompanhamento psicossocial ou grupo de reflexão; recebeu somente orientação jurídica pela Defensoria Pública do Estado de São Paulo e no momento da entrevista estava saindo da audiência de condenação.

Quando ela não tinha atenção dos outros homens ela procurava um ex namorado e ela estava fazendo isso comigo, por causa disso, gente teve uma discussão, eu fui reativo, reagi às agressões, tanto verbais, quanto físicas que ela estava fazendo na hora. (GREGÓRIO)

Respondeu criminalmente pelos crimes de injúria, difamação e agressão física, todos cometidos contra sua namorada, o que, pela gravidade dos atos, resultou em medida protetiva. Gregório participou do Grupo de Reflexão para homens autores de violência na OSC Coletivo Feminista.

Ela queria me tirar de dentro de casa de qualquer forma, eu sabia das consequências, daí houve um dia que tivemos uma discussão, eu iria sair com a minha filha mais nova, ela negou que a menina viesse comigo, nesse dia houve uma quase disputa corporal. Na disputa eu puxei a menina, ela puxou também, não teve luta corporal, não teve nada disso. (CIRILO)

Cirilo nega a violência física e psicológica, entretanto, responde criminalmente pelos atos, e sua ex-esposa tem medida protetiva contra ele. No momento da entrevista, tramitava o pedido de divórcio em fase final. Cirilo não estava sendo acompanhado por nenhum serviço público; seu advogado é particular.

Às vezes não agimos com a razão, agimos com a emoção e, a emoção deixa você em uma temperatura alta ao ponto de você não saber o que você está fazendo, uma boa conversa dura em uma temperatura alta é necessária. (JOÃO)

João foi o único sujeito que não mencionou abertamente a violência cometida, entretanto, percebemos que as violências psicológica e física eram presentes em

suas falas. O casal permanece junto; passou por atendimento psicológico, mas abandonou o acompanhamento.

É possível perceber que, de modo geral, todos têm consciência das ações violentas que praticaram, mas demonstram uma visão simplista e naturalizada de seus atos, às vezes minimizando seus efeitos. A condição “homem de verdade”, como cultura de imposição do poder, e o “desconto” pelos próprios fracassos aparecem como estigma causado pela fragilidade de recursos para conter e lidar com suas emoções e sentimentos.

• FAMÍLIA

Nessa categoria as análises são pautadas na construção do conceito de família, no patriarcado presente no eixo das microrrelações, na cultura machista, as violências sofridas, (re)produção e seus impactos nos relacionamentos familiares.

A família é a primeira instituição de socialização humana, que tem em suas bases históricas a manutenção do poder, sobre as microrrelações (relações de afeto) e sobre as macrorrelações (Estado, Territórios, entre outros). A família, como instituição social, constitui-se eixo de organização social, religiosa, econômica, política e cultural civilizatória. Ao longo do tempo, foi se desenhando e servindo aos interesses de cada época, como núcleo de difusão de crenças religiosas, de circulação patrimonial, de mão de obra, divisão sexual do trabalho, legitimação e propagação do poder. Nos relatos, a referência da família como “tradicional” e “nuclear” são recorrentes, inclusive como modelo “perfeito” de relação, sendo esse o “ideal” construído pelos séculos.

O “pater famílias”, que confere ao homem o poder sobre sua casa, sua esposa e seus filhos, é um conceito vem sendo difundido há séculos, como célula única de família tradicional.

Minha família é tradicional, minha mãe, não sai de casa para nada, mal vai ao mercado e na feira, ela é do lar. Meu pai sempre foi o provedor da casa, essa era minha referência de família. (INÁCIO)

Inácio e Francisco destacam o exemplo obtido em casa de homem-dominador, macho, viril e provedor; e a mulher submissa às tarefas domésticas e de cuidado. Percebemos essa reprodução nas falas:

Hoje é impossível ter família, a esposa tem igualdade, tem que trabalhar e cuidar dos filhos, essa é sua obrigação. (AGOSTINHO)

Ela posta fotos nas redes sociais e faz lives, o tempo todo, e não fica com a família, esse distanciamento da casa, dos procedimentos domésticos e o abandono. (JOÃO)

Nesse modelo de família, o poder conferido ao homem dá-lhe o “direito” de fazer tudo o que lhe convém, desde que cumpra seu papel de provedor da casa.

Apesar do meu uso constante de crack, eu nunca deixava faltar nada dentro de casa, achava que eu sendo o provedor do lar eu tinha o direito de usar drogas. (INÁCIO)

Desde 16 anos eu fumo cigarro e bebo, aos 19 anos eu comecei usar drogas, cocaína, só que era normal, porque eu não deixava de trabalhar, pagava o aluguel, fazia as coisas em casa, nada faltava em casa. (FRANCISCO)

Os relatos reforçam os argumentos produzidos e legitimados pelo patriarcado, garantindo a posição dominante do homem e a subordinação da mulher como ideal hegemônico de masculinidade. (CONNELL, 1995)

(...) ela não foi criada pela família dela. (ANSELMO)

Agora a família dela os pais são separados e os irmãos são divorciados, eu acho que isso é coisa de família. (AGOSTINHO)

As falas evidenciam o poder e a presença, ainda, da instituição familiar patriarcal, que justifica o uso da violência como forma de correção e manutenção desse modelo familiar. Significa que, em pleno século XIX, o modelo de família patriarcal está arraigado em nossas vidas e na sociedade.

É sabido que, nas últimas décadas, a família foi se organizando de diversas maneiras, com algumas configurações mais igualitárias e justas, em relação à posição e ao poder conferido a seus membros. Todavia, não podemos considerá-la como única responsável pela violência ou como uma unidade isolada do contexto. Ao contrário, outras instituições e outras experiências são formadas ao longo da vida, e também utilizam a violência como instrumento. Por exemplo, marcas deixadas pelo trabalho infantil e pela violência dos próprios pais, na criação de seus filhos:

Eu não tive infância, porque comecei a trabalhar aos 11 anos de idade na carvoaria. (ANSELMO)

Na roça desde pequeno a gente já começa a ajudar os pais. (CIRILO)

Eu sou de uma família de cinco irmãos, tivemos vários problemas na infância, meu pai bebia e minha mãe teve muitos momentos difíceis para nos criar. Tivemos algumas sequelas. (JOÃO)

Minha infância foi assim, minha mãe se separou do meu pai, porque meu pai era alcoólatra crônico, ele chegou agredir minha mãe e não levava nada para dentro de casa, minha mãe acabou largando dele e casou com outro que é meu pai (padrasto). (FRANCISCO)

A violência sofrida e aprendida de algum modo acarretou marcas profundas e suficientes para esquecer a dor sentida e reproduzi-las com outros, com suas companheiras. O casamento é apontado, também, como um contrato que autoriza o poder masculino *“porque para mim casamento é para sempre”* (AGOSTINHO), e legitima a construção da família. Atualmente, João mantém-se no primeiro casamento; Inácio, Francisco e Ambrósio estão no segundo casamento; os outros não mencionaram seu estado civil.

Notamos nos relatos que a família, o casamento e o trabalho feminino são interpretados como mecanismos de dominação e poder; contudo, são utilizados como meio para justificar as violências e esconder as inseguranças geradas pela perda do controle, pela carência de afeto desde de muito cedo. Como consequência, seguem a descrença em si mesmos, a perda de autoestima, a desvalorização da família, o abandono efetivo.

Eu acabei perdendo tudo, perdendo a razão, perdendo minha liberdade, perdendo amizades, perdendo meu lar e o mais importante, ficando longe da minha filha. (ANSELMO)

Acabar com a família dela para ter outro relacionamento e abandonar a família. (ANTÔNIO)

(...) ela saiu de casa com os meus filhos e eu não posso vê-los, eu perdi tudo. (AGOSTINHO)

Em outras palavras, a família perfeita, apontada e perseguida pelos sujeitos como um modelo de representação social, de poder e de masculinidade, e reconhecida por eles como inatingível se desfaz, deixa de ter sentido.

Ressaltamos que em nenhum momento os atos e a violência se justificam, mas, nos depoimentos, evidenciamos que as marcas causadas pela violência (re)produzida em suas famílias geraram inseguranças que os afetaram em sua relação conjugal e de afetos. Como sujeitos, mas também como construtores de suas próprias histórias, esses homens são resultado de um contexto e do conjunto de relações que se tramam nessa trajetória, que articulam trabalho, responsabilidades, respeito, valores, entre outros. Se essa trama relacional e de socialização consistir em dominação e violência, provavelmente pode significar o aniquilamento dos afetos, gerando uma ausência de conhecimento e de recurso

para conter suas emoções e sentimentos. Novamente lembramos que nada justifica atos de violência, mas é imprescindível estudar e analisar tal fenômeno de modo multifacetado, presente na dinâmica da vida coletiva e individual, nos espaços privados e públicos, nas relações de afetos e na sociedade.

- **MOTIVOS**

Os motivos mais apontados pelos sujeitos referem-se ao álcool e drogas, às agressões sofridas, dificuldades financeiras, falta de alto controle, seguidos de arrependimentos.

Entender as motivações das violências cometidas pelos homens contra as mulheres é uma tarefa difícil e complexa, pois envolve relações de afetos (subjetivas) e relações sócio estruturais (objetivas). As conexões entre elas potencializam ou podem intensificar a violência, e falar sobre isso expõe os sujeitos a mostrar inseguranças geradas na intimidade familiar, às quais que nem sempre gostariam de dar visibilidade ou demonstrar.

Os sujeitos desenharam o caminho das ações violentas, falando sobre a agressividade, o poder a eles atribuídos, o reconhecimento como autor dos fatos e, imediatamente, a tentativa de justificação, o arrependimento e as marcas ocasionadas pelo ocorrido.

- **Cultura Machista**

As relações entre homem e mulher são permeadas pela construção social e cultural do que é ser homem e ser mulher; imprimem valores e atribuições relativo aos lugares ocupados no campo do privado (doméstico e do cuidado atribuído à mulher) e do público (espaço externo a casa e conferido aos homens). Essa divisão produtora da desigualdade de gênero em si mesma já motiva as práticas violentas, uma vez que se coloca como forma de coerção e perpetuação desse modelo. Essa concepção ampla e determinante da cultura machista é presente no relato do Inácio.

(...) mas eu vejo muito a culpa da criação que a gente tem, não por pai e mãe, mas da sociedade, porque ela dita o comportamento. O homem não pode ser submisso à mulher; homem tem que ser o machão em um relacionamento, isso é a sociedade. No meu caso ela tinha que aceitar o meu jeito, tinha que ser submissa a mim, então a agressão física foi a gota que faltava para transbordar o copo de água. Agora eu também vejo a religião, extremamente cruel. A bíblia é extremamente machista, eu acho que esse livro é tão arcaico que legitima os agressores. Eu já vi e ouvi

relatos de caras que batiam nas mulheres para tirar o demônio do corpo, tem muita coisa que precisa ser desconstruída desde a raiz, da criação dos nossos filhos ao respeito às mulheres. (INÁCIO)

A menção à religião como reprodutora da cultura machista reforça e revela a força do patriarcado, presente há milênios em nosso modelo de organização de social.

Talvez o machismo seja o problema principal em muitos dos casos, mas também não excluía outras coisas, como outros sentimentos e ações que nos rodeiam que precisam ser trabalhadas. (GREGÓRIO)

Importante destacar que Inácio e Gregório participaram do grupo para homens autores de violência, portanto, as faces da cultura machista e suas implicações foram discutidas e são presentes em suas reflexões.

Eu cresci em um mundo, onde homem pega 10 mulheres e é o garanhão, agora a mulher fica com 10 e é puta; idiota da minha parte pensar assim, mas esse é o meio em que eu cresci, não foram minha mãe e meu pai, eles não me ensinaram isso, foi o meio pessoal em que eu cresci, sei que foi uma atitude machista (violência cometida). (FRANCISCO)

Francisco não frequentou os grupos de reflexão, mas estava em acompanhamento psicológico. Percebe-se, em sua fala, uma compreensão do machismo e as repercussões em sua vida, mas ele é o único sujeito que reconhece o território e o meio social como influenciadores e propagadores de uma cultura que, consequentemente, desencadeia a violência.

Ela não cuidava da casa; fazia dois meses que estávamos brigando por causa disso, ela não fazia minha marmitta, ela não acordava mais cedo para arrumar o café para mim, não lavava as minhas roupas, a casa estava bagunçada, essa é obrigação dela. Eu não quero uma esposa assim, ela não se arrumava para mim. (AGOSTINHO)

No discurso de Agostinho percebemos forte relação de dominador e dominada, justificando a violência como punição pelo não cumprimento das atividades de “esposa”; o trabalho doméstico conferido às mulheres pode ser um desencadeador de práticas violentas. Percebemos certa frieza, certa necessidade de vingança na fala de Agostinho, que é boliviano e está no Brasil a trabalho, tornou-se empresário e fracassou; além disso, foi traído pela esposa. Ele busca apoio na violência, como forma de punir a mulher pelo seu fracasso como “homem de verdade” e provedor da casa. Ao mesmo tempo, revela sua dependência quase que total da esposa, pois não sabe preparar seu café sozinho e requer muita atenção. Observamos em sua fala que a dominação gerou a dependência, sendo imperceptível para Agostinho, mas evidente no discurso.

A falta de conhecimento sobre si e sobre o outro, e das possibilidades de estabelecer outras relações não violentas, foram levantadas como motivos, por entender que o acesso ao conhecimento sobre a relação de dominação e da cultura machista evitaria que os conflitos, inerente aos seres humanos, se tornassem palco de violência.

Influência do desemprego, da baixa da autoestima e de várias coisas que ocorre dentro de casa e que não temos instrução para mensurar, conhecimento e disposição para cuidar gera conflito, são pequenas coisas e foi isso que aconteceu, os conflitos viram violências. (JOÃO)

A questão do autocuidado e da saúde mental da relação são levantadas como estratégias de intervenções contra a violência. Nessa perspectiva, a educação de gênero nas escolas, as discussões sobre masculinidade e feminismo, são caminhos que poderiam incentivar a propagação de relações mais saudáveis e igualitárias.

- O ciúme e a traição

A infidelidade conjugal aparece nos relatos de Francisco, Ambrósio, Antônio e Agostinho como motivadores da violência cometida. Um relacionamento baseado em contrato de fidelidade apresenta dois ângulos: o direito exclusivo à propriedade do corpo da mulher, e os afetos necessários para estabelecer um “mínimo” de relação. A rescisão desse contrato pela mulher, com a “quebra” da fidelidade, expõe a virilidade do homem, sua autoridade e suas inseguranças na gerência da “sua propriedade”.

A imagem construída sobre o papel da mulher alimenta uma idealização do feminino, dividindo-as naquelas que são para casar e aquelas para a diversão. As mulheres casadas têm que ser “feias” esteticamente, para afastar predadores do seu território; assim, a gerência fica mais dócil. Esse ideal aparece nos relatos de João e de Agostinho: *“Ela não se arrumava para mim, agora para os homens ela se arrumava, passava batom e saía bonita para os outros, fiquei com raiva e ciúmes.”* (AGOSTINHO)

Minha companheira é uma menina muito vaidosa, desde quando eu conheci. Ela era uma pessoa gordinha, tomava remédios para emagrecer e até fez bariátrica, depois fez plásticas e as vaidades só aumentaram. Ela posta fotos nas redes sociais e faz lives o tempo todo, e não fica com a família, esse distanciamento da casa, dos procedimentos domésticos e o abandono, isso me pegou. (JOÃO)

O João não cita claramente as violências cometidas; entretanto, em suas falas percebemos que ele se sentiu traído pela companheira, porque a escolheu para casar e não para se divertir. Portanto, seu comportamento não condiz com o papel de esposa, do lar e não atraente para os outros. Sendo assim, o corpo exclusivo do seu “dono” precisa sofrer para entender qual é seu lugar na sociedade.

Pelo relato de Ambrósio notamos que em seu primeiro relacionamento a traição de sua companheira levou-o a perder o respeito por ela e o motivou a traí-la também, como forma de lhe causar dor, tal como ela causou para ele. A quebra do contrato de fidelidade, por ambos os lados, abre um caminho de dor, inseguranças, fúrias, que tendem à violência.

Peguei o celular e vi as mensagens do “cara falando queria transar com ela”. Começamos a brigar, depois eu fui falar com o cara que ela estava saindo, fiz besteira, devia não ter feito, o cara falou que não saiu com ela, mas eu não acreditei, mandei a minha sobrinha olhar eles e a minha sobrinha viu ela com o cara, fui tirar satisfação e percebi que não era o mesmo que eu tinha falado era outro. (AMBRÓSIO)

Uma ameaça ao homem viril pode ser uma declaração de guerra de “território”, sendo a mulher a propriedade em disputa. Entretanto, percebemos que o ameaçador – homem –, não é repreendido, somente recebe uma intimação de guerra, com as consequências caso ultrapasse os limites. Ao contrário da mulher, que recebe a condenação sem julgamento, e é declarada culpada, simplesmente porque rompeu os limites, “pulou a cerca”, sendo sua punição a correção psicológica, física e até pena de morte.

No relato do Antônio percebemos uma exagerada perseguição e controle total sobre a vida da sua companheira, estabelecendo até uma rotina para ela cumprir, como meio de vigiá-la para que não escapasse. A constatação do fato, por duas vezes, conduz ao “extremo” da humilhação permitida pela sociedade; então, as ações de correção entram em execução. Nesse caso, há um fator relevante: ele estava separado dela, portanto, seu posto dentro da hierarquia de poder não existia, podendo ser ocupado por outra pessoa. Mas, a fantasia do poder permanece intrínseca ao homem. Infelizmente, a não aceitação do rompimento intensificou a busca pela traição, como forma de justificar a saída do seu lugar de dominação, imaginando: “agora eu saio dessa relação porque ela me traiu e não porque ela acabou com a relação.”

No caso do Francisco, houve apenas uma fala suficiente para sua condenação.

No meu caso foi uma questão de orgulho ferido. Ela me chamou de corno na minha cara e falou que iria arrumar outro, acabei explodindo; as mulheres apanham por ciúmes ou pelo cara achar que ela está traindo isso é o que mais motiva e leva os caras a matar as mulheres. (FRANCISCO)

A fantasia da infidelidade pode ceifar uma vida real, em nome da manutenção do orgulho e da honra masculina, que são construções fantasiosas do “homem de verdade”, como ser único, perfeito, dono de tudo e de todos, com o poder, muitas vezes, de decidir quem vive e quem morre.

O segundo ponto, relativo aos afetos que circundam essa relação de dominação, é retratada direta e indiretamente pelos homens que foram traídos. O amor e o gostar de suas companheiras infiéis estão presentes em suas falas, quando se referem à perda irreparável e inconsciente, o sofrimento da desilusão e a dor, sentimentos expostos nos relatos como algo proibido, que precisa ser escondido, omitido, por desnudar suas fragilidades, que envolvem o sentir amor, sentir raiva, ódio e dor, sendo estes sentimentos conferidos a pessoas fracas. A traição dos afetos, realizada pela mulher, rompe com o contrato de dominação e do amor eterno. Em decorrências dessa traição, a violência torna-se o único recurso para impor e restabelecer o poder e a honra perdida. Ajuda, também, a mascarar a dor e as inseguranças de um dominador que fracassou em suas responsabilidades, e perdeu a luta para outro homem mais forte. Concluímos, então, que a perda do corpo, ou melhor, do corpo como propriedade, significa a perda da utilização de posse e do afeto. Para superar a dor e a perda do poder utilizam sempre práticas violentas, para esconder suas inseguranças e para legitimar seu poder na sociedade.

- A perda do controle no calor do momento

Quando o homem enfrenta monstros, luta e vence para salvar a donzela, sendo aclamado como herói, realiza a proteção legitimada pela sociedade. Mas, quando ocorre o inverso, o herói é o monstro que coloca em risco a proteção da donzela. O que fazer com esse herói que fracassou em sua missão? Esse herói que não controla sua raiva, seu ódio, sua força e suas ações? Esse homem que acredita e alimenta dentro de si ser um herói, aprende uma única matéria: dominar e provar que é bom para manter o poder sobre tudo e sobre todas, não havendo margem para o erro e o fracasso. *“Eu acho que não temos preparo, é um despreparo em lidar*

com algumas situações de conflitos.” (JOÃO). A ideia do macho perfeito esbarra na imperfeição dos seres humanos, que desnudam as deficiências da dominação nas relações sociais e afetivas.

Ela me levou ao extremo, foi um momento de destempero. (GREGÓRIO)

Cheguei num limite de humilhação, provocação, calunia e coisa que eu nem sei explicar. (ANSELMO)

Agressão verbal, tortura psicológica, pode até ser falta de conhecimento, agora agressão física é o calor do momento. (INÁCIO)

Ela poderia ter ficado quieta, eu podia ter me controlado. (AMBRÓSIO)

Às vezes a gente não age com a razão, age com a emoção e a emoção deixa você em uma temperatura alta a ponto de você não saber o que você está fazendo em um total descontrole. (JOÃO)

As pessoas falam que é uma doença eu acho que não é doença (cometer violência), na hora ali é falta de controle. (FRANCISCO)

(...) se a gente não tiver uma cabeça feita e não for positivo, acaba fazendo besteira. Quando você me pergunta o que leva ao homem a praticar a violência, há diversos motivos, mas eu acredito que há um descontrole. (CIRILO)

A negação do fracasso fragiliza os homens, levando-os a utilizar o único recurso permitido para impor sua força ou o seu poder: a prática da violência.

- O uso de substâncias psicoativas (SPA)

O uso de substâncias psicoativas (SPA) ocorre desde os primórdios da história da humanidade, sendo utilizadas de diversas maneiras, tanto para cura de doenças como para proporcionar alegria. Entretanto, o álcool e droga atuam no organismo como desinibidor, mas os estimulantes, como cocaína, crack e anfetaminas, reduzem a capacidade de controle dos impulsos, aumentando, assim, as sensações de persecutoriedade²⁵. Não podemos pensar no uso das SPA descolado da realidade; aliás, são o contexto e o momento, somados ao uso de SPA, que provocam as ações violentas. Percebemos que os sujeitos atribuem o uso

²⁵ MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. Cadernos Saúde Pública, Rio de Janeiro, 14(1):35-42, jan-mar, 1998. Disponível: <https://www.scielo.org/article/csp/1998.v14n1/35-42/> Acesso em: 14 de abr. de 2020. ROSA, Antonio Gomes. et al. A Violência Conjugal Contra a Mulher a Partir da Ótica do Homem Autor da Violência. Saúde Soc. São Paulo, v.17, n.3, p.152-160, 2008. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300015. Acesso em: 14 de abr. de 2020.

de substâncias psicoativas como um dos motivos para as violências cometidas, compreendendo que esse uso justificaria concretamente seus atos.

É sabido que o uso de SPA é algo concreto, facilmente aceito pela sociedade como “causa” da violência, porque gera, temporariamente, alterações físicas e psicológicas. Entretanto, observamos nos depoimentos que a citação do uso de SPA é utilizada como subterfúgio para esconder suas inseguranças, que não são visíveis, nem para eles, nem para a sociedade.

Eu tinha um abismo, que era o álcool, um abismo chama o outro.
(AMBRÓSIO)

(...) agressão, foi um episódio e eu estava drogado. (INÁCIO)

(...) aconteceu isso e eu estava consciente, imagina se eu estivesse bêbado, ou drogado. (FRANCISCO)

Constatamos que o uso de SPA está ligado a traumas vivenciados muitas vezes na infância, mas não podem ser manifestados, porque ninguém está interessado em ouvi-los; então, usar as drogas como pretexto é legítimo e aceitável para a sociedade, que trata as SPA como “únicas” causas da violência.

- Violência sofrida e reproduzida

“Quem é ferido com ferro, com ferro ferirá”, uma nova leitura do ditado popular “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”. Essa frase retrata as histórias de vida dos sujeitos, marcadas pelas experiências de violências sofridas, do abandono afetivo e material de outros homens, causando traumas e “abismos”. Esses traumas, nomeados por eles, acarretaram dificuldades de aprendizagem, de interação com os amigos e, principalmente, dificuldades para estabelecer vínculos afetivos com suas companheiras e seus filhos.

Quando ela (mãe) saiu, ele (pai) estava bêbado, pegou o canivete e cortou a perna dela, isso meio que me traumatizou, ele morreu eu não fui vê-lo porque estava com raiva e ele bebia. Eu comecei a beber e usar drogas logo depois. (FRANCISCO)

Tratam-se de experiências exercitadas por seus pais e padrastos violentos; o uso abusivo de álcool ocorre como “causa” desse sofrimento. O abandono material e afetivo forçou os sujeitos a deixarem suas casas e suas mães para caminharem sozinhos e formar suas próprias famílias. Mas, as marcas ficam e rasgam a vida desses homens, causando a repetição dos atos de violências e o uso abusivo de álcool e drogas. *“Eu tinha me tornado o que o meu pai era.”* (FRANCISCO)

Meu pai bebia, saía com outras mulheres, brigava e tinha muitos ciúmes da minha mãe. (...) eu bebia, cheguei a usar drogas, trai e tenho muitos ciúmes. (AMBRÓSIO)

Meu pai bebia e minha mãe teve muitos momentos difíceis para nos criar, tivemos algumas sequelas. (...) minha companheira é vaidosa e não fica com a família, esse distanciamento da casa, dos procedimentos domésticos e o abandono me pegaram. (JOÃO)

Como sabemos,

(...) o cotidiano dos homens não é constituído de estimulação, contato e expressão imediata do que sentem mas, ao contrário, da disciplinarização do sentir e do condicionamento a comportamentos estereotipados viris e agressivos. Este aprendizado de postura diante da vida começa na infância, determinando para um homem adulto sua incapacidade em contatar as próprias emoções e demandas afetivas. Parte dessa incapacidade é por nós conhecida sob o aspecto da violência e da agressividade masculina. (NOLASCO, 1993, p. 46)

- **Do outro lado da razão**

Essa categoria refere-se aos sentimentos dos sujeitos frente às violências cometidas, e as possibilidades de refletirem sobre suas ações, pensando na reconstrução de suas histórias.

Nasceu das respostas dos entrevistados sobre o sentimento que tiveram ao contar a sua versão da história. O espanto e a surpresa com tal questão foi unânime. Perguntaram: Porque você quer saber sobre mim? Ninguém nunca me perguntou isso! Você está perguntando para um homem que é agressor o que ele está sentindo, isso é novo! Não sei como começar, nunca pensei nisso! Você quer me ouvir? Ninguém quis me ouvir, ninguém se importa comigo! Essas colocações e questões foram realizadas com muito espanto e estranheza; entretanto, quando confirmávamos que queríamos ouvi-los, a postura deles mudava, o tom da voz se amansava, ficavam mais tranquilos e a conversa fluía melhor.

Hoje eu posso expor a minha verdade, porque as pessoas passam por essas situações e não tem oportunidade de falar, e às vezes eles não cometeram esse erro. (CIRILO)

Eu nunca tinha parado para falar sobre isso, não me sentia a vontade em me expor eu tinha vergonha. Alivia falar e, além disso, ajuda outros caras, para não fazer nada, porque não é legal. (FRANCISCO)

Falar sobre isso e como tentar explicar para mim mesmo o que eu fiz. (ANSELMO)

É muito ruim falar sobre isso, porque eu me arrependo de tudo, poderia muito bem ter virado as costas, saído de lá. (ANTÔNIO)

(...) não, preciso falar com ninguém sobre isso, dos conflitos e das violências, mas depois, busquei ajuda com profissionais para entender. (JOÃO)

Acho ruim que apenas esse tipo de assunto só tem debate, quando acontece o pior e é difícil. (INÁCIO)

O pior disso tudo foi ninguém me ouvir, fui totalmente excluído, ninguém quer ouvir o cara. (GREGÓRIO)

É evidente que a sociedade silencia os autores de violência, para não revelar as fissuras da masculinidade hegemônica e da subjetividade social.

Ao longo dos discursos, houveram momentos em que os sujeitos questionaram o modo de ser homem imposto pela sociedade que os abandonou na “dificuldade” e os excluíram. Passaram a ser vistos como monstros, psicopatas, doentes e feminicidas; deixaram o posto de “salvador” da donzela, quem caça o monstro, para ser o monstro que caça a donzela. Podemos fazer uma analogia com a lenda do lobisomem, homem que vira lobo.

É sabido que a lenda do lobisomem é muito antiga, presente na Grécia Antiga, no mito de Lycaon, que fixou a palavra “licantropo” como sinônimo de lobisomem e ajudou a espalhar a ideia do monstro meio humano. A lenda se intensificou no fim da Idade Média e início da Idade Moderna, com o advento da caça às bruxas, onde muitos homens foram executados por licantropia²⁶. A lenda é ligada a um homem que, em algumas noites determinadas, se transformava em uma mistura de humano com lobo, irracional e sanguinário. Logo, ao amanhecer, retorna a sua forma humana, mas não se lembra dos fatos cometidos durante a noite.

Correlacionando os relatos dos homens com a lenda do lobisomem, o lobo é um monstro com força física que impõe medo e espalha o pavor por meio das práticas violentas, sendo temido por homens e mulheres. Essa dualidade é vivida pelos sujeitos que vão à caça e, para isso, precisam ser viris, fortes, valentes, destemidos, sem emoções e sentimentos. O caminho é conflituoso, estressante e desgastante, então os caçadores sentem medo, insegurança, raiva, ódio, e por não estarem preparados para lidar e controlar suas emoções, se transformam em lobisomens, que caçam os outros homens e mulheres que ousam cruzar a sua frente ou avançar em seu território, tornando-se, assim, temidos pelos outros.

²⁶ Licantropia: forma de loucura através da qual um indivíduo pensa transformar-se em lobo ou em outro animal selvagem. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/licantropia/>. Acesso em: 20 de abr. de 2020.

Ao retornar a forma humana, os lobisomens retomam a consciência e se arrependem dos atos cometidos. Todos os sujeitos, exceto o Agostinho, demonstram arrependimento pela violência; entretanto, buscaram justificativas para o injustificável. As justificativas passaram pelo resgate histórico de “bom” rapaz.

Se puxar meu histórico, de qualquer lugar e de qualquer situação, você vai ver que não tenho histórico de má convivência e nem de briga com ninguém, nem com a família, parente, amigo. Preciso desabafar, porque alguém que não me conhecia antes pode olhar o que aconteceu e me culpar sozinho, não é só minha culpa. Não estou falando isso, para me defender e jogar a culpa nela. Eu sei pelo o que eu tenho culpa, eu sei o que eu fiz, sou culpado sim. (ANSELMO)

Eu não tenho nenhum histórico de violência, muito pelo contrário, se você pegar todas as mulheres que se envolveram comigo elas vão dizer que é um absurdo essa situação, mas infelizmente aconteceu. (GREGÓRIO)

Também utilizaram exemplos de episódios de violência cometidos por outros homens para explicar os seus atos, ou para esconder suas inseguranças em se ver enquanto autores de violência.

Eu estava assistindo televisão e saiu no noticiário que um cara tinha matado uma estudante aqui no bairro, porque ele achou que ela estava traindo, eu fiz um comentário assim, “que cara babaca, porque ele vai atirar na mulher e depois se matar”. Era só ele ter largado dela e ter pego outra mulher, pegaria poucos anos de cadeia. Não sou feminicida só acho que ele deveria pagar sofrendo e não se matando. (AMBRÓSIO)

Eu vejo muita coisa, esses dias o homem espancou a mulher com fio e a criança também, por causa do ciúme, eu jamais teria coragem de fazer isso. Ela mesma falou que causou isso, porque ela não deveria ter falado que iria me trair. (FRANCISCO)

Nos relatos percebemos a dificuldade em se aceitar ou se reconhecer como autores de violência. O uso dos exemplos de outros homens “agressores” evita o contato consigo mesmo, pois os fatos narrados nos exemplos são suas próprias histórias, das quais são os protagonistas, os “agressores”, ou seja, o lobisomem. A dificuldade levou a maioria dos sujeitos a culpabilizar a mulher pela prática violenta, como maneira de esconder-se da autoria da violência. *“Ela foi errada, eu fui errado e me sinto culpado. Mas nada justifica o que eu fiz pra ela e nem o que ela fez para mim.”* (ANTÔNIO)

A reação ao ataque também é usada para justificar os atos de agressão.

(...) foi um momento de destempero, mesmo assim eu questiono a parte da agressão, eu apenas estava me defendendo, eu usei mais da minha força. (GREGÓRIO)

(...) falar a verdade, ela partia para o lado de ofensa, vinha com ofensas pessoais e familiares, isso era um dos motivos. (ANSELMO)

Eu perdoei uma vez e na segunda vez eu não aguentei só isso eu não agredi ela. (ANTÔNIO)

(...) ela poderia ter ficado quieta, eu podia ter me controlado, eu apanhei muito na cara, essas coisas a sociedade não enxerga, não que eu fui santo, mas fui agredido e a agressão foi para me defender e ninguém me ouviu. (AMBRÓSIO)

Aos poucos eu estou entendendo, que foi ela que me feriu, eu sou homem, tenho orgulho, eu não queria escutar aquilo, eu não sabia que ela poderia me ferir sem colocar a mão em mim. (FRANCISCO)

O conflito relacional sem conhecimento do seu limite e do limite do outro gera a violência como manifestação mais aprendida e rápida. “Ataco para me defender, uso e potencializo os recursos que tenho, transformando-os em armas de defesa.” O lobo (animal) só ataca quando é ameaçado e está com medo, exceto para a sua sobrevivência. O “homem de verdade” ataca quando tem o seu poder ameaçado, quando não sabe o que fazer e está com medo. O lobo aprende a se defender, assim como o homem. A diferença está em o lobo ser irracional e o homem racional; e sua defesa é aceita pela sociedade, que legitima o ataque animal e despreza o lado humano nessa relação.

Na relação conjugal violenta, tanto o homem como as mulheres, em medidas diferentes, sofrem suas consequências, pois são sujeitos históricos, sociais e culturais. Nessa esteira, a sociedade dos “homens de verdade” (dominadores) e das “mulheres de verdade” (submissas) desconsidera os homens como pessoas que sentem e agem, e os direciona a serem violentos e defenderem sua honra de “homem de verdade”. As “mulheres de verdade” são submissas a essa dominação, sem ter o poder de se defender do laço do caçador. As mulheres que ousam romper com essa lógica são as bruxas que pervertem o verdadeiro homem; já os “homens não verdadeiros” são os elos fracos, desprezados e excluídos do grupo verdadeiro.

A relação de afeto coloca em evidência que todas as pessoas são capazes de sentir, amar e cuidar. Esses sentimentos e emoções estão presentes nas relações conjugais, ou seja, existem nos homens e nas mulheres, mas a sociedade dos “homens de verdade” os destrói, coloca esses sentimentos em segundo plano, como algo inferior e descartável aos homens. Para isso, as práticas violentas são utilizadas como instrumento de retomada do poder e de ausência de recursos afetivos para lidar consigo e com os outros.

Como os afetos estão em segundo plano, Cirilo, Ambrósio e Antônio narraram que foram vítimas de violências em decorrência do desgaste da relação de afeto,

mas não foram ouvidos, em nenhum momento; pelo contrário, foram coagidos a voltar para o seu papel de dominador, utilizando-se da violência.

(...) deveria ter ido fazer um BO também, porque ela me agrediu com palavras, o homem erra, mas ele também é agredido, tem homens que não estudam e se sente envergonhado de ir na delegacia, porque não somos ouvidos e tem situações que a mulher força você encostar a mão nela, ninguém aguenta elas falando. (AMBRÓSIO)

(...) têm muitas mulheres que realmente sofrem violências, mas tem homens que também sofre violência das mulheres, mas que tem vergonha de ir lá fazer o boletim de ocorrência, ele sofre pressão psicológica, ele sofre violências. Eu fui fazer um boletim de ocorrência, contra a minha esposa que me agrediu, o delegado tirou sarro da minha cara. “O senhor está apanhando da mulher, o que é isso, homem apanhar de mulher”. A minha esposa pegou a faca para mim, colocou na minha barriga e queria me furar, eu poderia ter botado fogo nela. (CIRILO)

O medo da “condenação” levou alguns sujeitos a pontuarem as brechas e a negligência da Lei Maria da Penha, tais como a ausência da versão dos fatos pelo autor do crime e o abandono do Estado para prevenir novas ações de violências.

A Lei 11.340/2006 – Lei Maria da Penha – em seu artigo 35, inciso V, prevê que o Distrito Federal, os Estados e os Municípios poderão criar e promover serviços especializados, entre eles “*centros de educação e de reabilitação para agressores*”, alterando, assim, o artigo 152 da lei n. 7.210, de 11 de julho de 1984 (lei de execução penal), que passa a vigorar com a seguinte redação: Parágrafo único. “Nos casos de violência doméstica contra a mulher, o Juiz poderá determinar o comparecimento obrigatório do agressor a programas de recuperação e reeducação”. É previsto na lei o acompanhamento dos homens autores de violência; entretanto, não há o cumprimento deste artigo. Em alguns Estados existe a presença de grupos liderados pelo Ministério Público, e instituições do terceiro setor que atuam com esse público. Portanto, a queixa trazida pelos sujeitos da pesquisa é válida e desvela a ineficiência do Estado no cumprimento da lei e na prevenção à violência. Vale ressaltar que as poucas iniciativas existentes de trabalho com grupos de reflexão para homens autores de violência têm apresentado resultados excelentes na prevenção e na mudança de postura dos homens frente à masculinidade e a violência.

(...) fui convidado para participar do projeto tempo de despertar e hoje eu faço parte da equipe técnica. Eu acreditava sinceramente que eu cometi violência porque usava drogas, mas durante o grupo fui descobrindo que não era só o meu uso de droga, era o meu comportamento, porque eu era machista. (INÁCIO)

O curso foi muito importante, porque não focava somente nessa questão da violência, partia do machismo, talvez o machismo seja o problema principal

em muitos dos casos, mas também não excluía outras coisas, como outros sentimentos e ações que nos rodeiam que precisam ser trabalhadas. Passar pelo grupo foi importante, porque tem um movimento natural do homem e há um lugar meio misógino. (GREGÓRIO)

Esses dois sujeitos passaram pelos grupos previstos na Lei Maria da Penha: Inácio pelo programa “Tempo de Despertar”, executado pelo Tribunal de Justiça de Taboão da Serra/ SP; e Gregório pela OSC Coletivo Feminista, Sexualidade e Saúde, em São Paulo. Notamos a diferença nos discursos dos homens que passaram pelos grupos e nos relatos dos sujeitos que não passaram por atendimento. A principal diferença está na responsabilização pelos atos cometidos, presente em seus relatos, bem como na indicação de caminhos possíveis para a difusão do conhecimento sobre a perversidade da cultura machista e das subjetividades envolvidas nas relações, sendo esta uma estratégia de transformação de valores pautados na igualdade de gênero.

Os homens precisam de um espaço onde possam falar, homem com homem, falar sobre suas inseguranças, medos e das coisas que leva o homem a tomar atitudes como essa de violência, então não é só o machismo, porque só isso fica raso e não resolve o problema, mas é o todo, tudo que nos relaciona. (GREGÓRIO)

- **Caminho possível...**

Nos depoimentos existem contradições dos sujeitos: ora são narradores de uma história, ora são homens que julgam outros homens; ora percebem que são autores de violência, ora são vítimas, ora se arrependem da “besteira” feita; ora deixam vir à tona os medos e suas fragilidades, ora pedem ajuda; ora apontam caminhos para prevenir a violência, ora não enxergam alternativas.

As contradições perpassam pela reflexão dos atos de violência como possibilidade de autoconhecimento.

(...) não tem como eu apagar o que eu fiz, mas eu sei que eu posso mudar o meu jeito, minha forma de pensar, de agir, eu estou buscando ajuda para isso acontecer; Poderia ter evitado, mas aconteceu às vezes uma coisa acontece para você enxergar e compreender. (FRANCISCO)

Só que não me vejo assim, não me sinto assim, só quem já passou sabe o sentimento, eu estou arrependido. Tem umas pessoas que nasce para fazer o mau e tem outras que nasce para fazer o bem. Às vezes aquelas que a gente mais faz o bem são as que vão nos machucar. (ANSELMO)

O importante para mim seria eu me amar e faz tempo que eu estou lutando para isso, isso evitaria não passar mais por essas situações. Além disso, tinha uma competição entre mim e ela, ela só pensava nela e eu em mim, eu era totalmente dependente dela, peguei ela para ser minha mãe e cheguei a acreditar nisso. Eu não sou mais dependente dela. (AMBRÓSIO)

Os caminhos para a reconstrução dos novos relacionamentos precisam ser reconhecidos, para a esperança poder ressurgir.

Quando há uma tentativa de ambos os lados, de agressão, é um sinal amarelo, porque acontece uma vez, a segunda, a terceira, e vai aumentando; quando isso acontece é melhor cessar, cada um para um lado, cada vai cuidar da sua vida. Eu acho que não temos preparo, é um despreparo em lidar com algumas situações de conflitos. (JOÃO)

(...) acho que falta um pouco de abordagem, porque na rodinha de amigas-mulheres sempre tem um lado afetivo, desabafo, nas rodas de homens não, porque o cara nunca quer se diminuir e ele não fala do lado afetivo. O homem tem essa armadura e ele não pode tirar essa armadura, mesmo com os amigos ele não vai falar. (INÁCIO)

A crítica ao machismo, nas falas de Inácio, Gregório e Francisco, ratifica a perversidade da masculinidade hegemônica que os oprime e determina as relações. Contudo, Inácio indica a possibilidade de um caminho de transformação.

(...) homem não tem esse tipo de conversa, mas ele precisa desabafar e não tem ninguém. Acho ruim que apenas esse tipo de assunto só tem debate, quando acontece o pior e é difícil convencer um homem a participar dessa conversa. Hoje eu falo da minha experiência, por pior que tenha sido, posso tirar um proveito para melhorar a sociedade, pelo menos esses que estão ao meu redor e se estes aprender alguma coisa repassar para os outros. Nós temos que fazer alguma coisa antes da violência acontecer, esse é o caminho. (INÁCIO)

Ao longo dessas análises, construímos uma linha de pensamento que retira o homem – autor de violência –, do lugar “natural” de agressor, e os coloca no lugar de uma pessoa do gênero masculino que cometeu um ou vários atos de violência com agravos. Sem minimizar a violência e nem os traumas deixados nas vítimas de ambos os lados – homens e mulheres –, é necessário rever e valorizar um trabalho profissional com estes homens, visando o reaprendizado de valores sociais capazes de reconduzir atenção e cuidados com estes sujeitos. É possível reconstruir outros sentidos, outras masculinidades, outra socialização que não tenha a violência como único recurso possível para lidar com as questões objetivas e subjetivas do cotidiano da vida.

Referências Bibliográficas do Capítulo IV

BRASIL, Presidência da República. Lei 11.340/2006, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 10 de mar. de 2018.

BRASIL, Presidência da República. Lei n. 7.210 de 11 de julho de 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm . Acessado em:10 de mar. de 2020

CONNELL Robert W. **Políticas da Masculinidade**. Revista: Educação e Realidade, Porto Alegre, RS, jul- dez, 1995.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. Tradução: Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MARIOTTI, Humberto. **A razão do coração e o coração da razão (Blaise Pascal e o Pensamento Complexo)**. Disponível: www.humbertomariotti.com.br. Acesso em: 10 de jun. de 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. **A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência**. Cadernos Saúde Pública, Rio de Janeiro, 14(1):35-42, jan-mar, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/1998.v14n1/35-42/>. Acesso em: 14 de abr. de 2020.

NOLASCO, Socrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ROSA, Antonio Gomes. Et al. **A Violência Conjugal Contra a Mulher a Partir da Ótica do Homem Autor da Violência**. Saúde Soc. São Paulo, v.17, n.3, p.152-160, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300015. Acesso em: 14 de abr. de 2020.

CAPÍTULO V

OS PROFISSIONAIS E SUAS EXPERIÊNCIAS COM OS HOMENS

AUTORES DE VIOLÊNCIA

Neste capítulo focamos a análise e a interpretação dos dados obtidos a partir de entrevista com profissionais que atuam com os homens autores de violência e que se dispuseram a integrar a presente pesquisa. Com esses profissionais nossos objetivos consistiram em: refletir sobre os motivos pelos quais esses homens cometeram atos de violência; e conhecer suas experiências, modos de intervenção e o que vivenciaram com esses homens.

5.1. O caminho e os Sujeitos

A escolha dos participantes ocorreu de duas maneiras: nosso acesso e proximidade com alguns dos profissionais da rede de atenção, e por meio dos contatos realizados pelas instituições, para indicação dos homens autores de violência.

Todos os participantes aceitaram o convite, mas enfrentamos as mesmas barreiras relacionadas à distância e tempo que tivemos na etapa anterior, com os homens. Sendo assim, utilizamos da mesma estratégia, ou seja, o uso dos recursos tecnológicos para a realização das entrevistas. Contamos com a participação de cinco profissionais que atuam com homens autores de violência, de áreas do conhecimento diferentes e com exercícios de intervenção diversificados.

Para essa etapa, realizamos entrevistas narrativas, mantendo o caráter multidimensional da pesquisa. Utilizamos também um questionário com perguntas fechadas, para obtenção de certo perfil dos profissionais. Os dados foram organizados em um quadro, com a apresentação dos sujeitos; a modalidade em que a entrevista foi executada; suas profissões; o perfil dos atendimentos; tempo de trabalho com homens autores de violência; as instituições em que trabalham e a cidade. Para preservar o sigilo dos profissionais, os nomes utilizados são fictícios e por nós escolhidos.

O perfil dos profissionais será apresentado em formato de tabela.

Quadro 2: Profissionais entrevistados

	Entrevista	Profissão	Atendimento	Tempo	Instituição/ projeto	Cidade
Catarina	Face a face	Psicóloga	Individual e casal	10 anos	OSC SOS AMF	Campinas/ SP
Alberto	Face a face	Mediador de conflitos	Facilita grupo de reflexão	2 anos	Grupo de homens particular	Campinas/ SP
Lourenço	Skype	Psicólogo	Coordena os grupos de homens	8 anos	OSC Coletivo feminista Sexualidade e Saúde	São Paulo
Teresa	Face a face	Advogada e mediadora	Coordena o projeto e realiza atendimento individual e grupal	22 anos	Projeto Íntegra	São Paulo
Afonso	Skype	Psicólogo	Coordena grupos de homens e o programa	20 anos	Programa: E agora José?	Santo André/SP

Fonte: Elaborada pela autora.

A maioria das entrevistas foi realizada presencialmente, com duas profissionais do sexo feminino e três do masculino. Todos/as²⁷ reúnem anos de experiência com homens autores de violência (com uma exceção), e residem no Estado de São Paulo. Na dinâmica das entrevistas, destacamos duas categorias para análise:

- os motivos da violência cometida pelos homens;
- as ações desenvolvidas e a repercussão do trabalho com os HAV²⁸;

5.2. Análise das entrevistas

²⁷ Todos os participantes foram orientados sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), autorizando as entrevistas e as gravações em áudio (anexo).

²⁸ HAV – Homens Autores de Violência.

A maioria é da área da psicologia, pois tivemos dificuldades para encontrar profissionais de outras áreas do conhecimento que atuassem com HAV. Nos relatos, somente o profissional Afonso revelou que trabalhava com uma equipe formada por assistente social, sociólogo, advogado e educador social; os outros não deram essa informação. Um dos profissionais, Alberto, comentou a ausência de profissionais que trabalham na linha das “práticas integrativas e complementares, com renascimento, constelação familiar, com justiça restaurativa, com direito sistêmico, profissionais que trabalham em linhas terapêuticas”. Catarina e o profissional Lourenço também destacaram a carência de equipes interdisciplinares na atuação direta com os agentes de violência.

O relato da profissional Teresa nos surpreendeu, pela ênfase dada à ausência de profissional do Serviço Social em sua equipe de trabalho.

Nós tínhamos assistentes sociais e por incrível que pareça o assistente social é o primeiro profissional que sai na hora que o projeto não tem dinheiro. A primeira categoria que saiu do projeto foi o assistente social, passamos mais ou menos uns dez, doze anos trabalhando juntos, então a importância de rede, de fomento de rede, de construção, uma série de informações a gente acabou adquirindo. Conseguimos beber um pouco disso, desse saber e desse fazer do serviço social. (TERESA)

Esse relato soa como um alerta aos profissionais de Serviço Social. Compreendemos que nenhum saber é único e de domínio de uma única profissão; entretanto, essa ausência é preenchida por profissionais de outras áreas, mesmo quando é sabida a contribuição que os assistentes sociais podem oferecer.

Somente depois do término da entrevista com o profissional Afonso, quando descreveu a composição da sua equipe com um assistente social, tivemos conhecimento da existência desse profissional e acesso a seu contato. Ainda assim, por desencontros de agendas e pouco tempo para concluir a pesquisa, não tivemos a oportunidade de entrevistá-lo.

A carência de políticas públicas e de financiamento aos projetos e programas foi destacada por quatro profissionais entrevistados, que trabalhavam voluntariamente. Preocupante esse fato, uma vez que a Lei Maria da Penha e suas diferentes alterações propõe a criação de programas e de serviços especializados para, entre outros, coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Especialmente pelo fato, também, de que a lei nº 7.210 (execução penal), de 11 de julho de 1984, em seu artigo 152, parágrafo único, define: “Nos casos de violência

doméstica contra a mulher, o Juiz poderá determinar o comparecimento obrigatório do agressor a programas de recuperação e reeducação”.

O descumprimento das leis demonstra certo descaso, pré-conceito e pré-julgamento com essa população; mostra, também, a ausência de conhecimento sobre o fenômeno da violência, que em suas análises prevê a intervenção com as vítimas e seus autores, uma vez que esse autor estabelecerá uma nova relação e poderá perpetuar a violência.

Apresentaremos em seguida os motivos, que levam os homens a cometer violência, na percepção dos profissionais.

• Os motivos da violência cometida pelos homens, na percepção dos profissionais:

Nessa categoria, os sujeitos sobressaltaram os motivos relacionados às questões psiquiátricas, comportamentais e culturais. Todavia, teceram explicações sobre suas colocações e, em respeito, optamos em manter os relatos na íntegra, valorizando suas percepções.

Esses três relatos foram agrupados, pelo alinhamento no conteúdo expressado.

(...) eu acho que a questão da violência doméstica é muito permeada pelos aspectos culturais, que envolvem tanto o perpetrador da violência quanto quem sofre a violência, em relações continuadas. O boletim de ocorrência, é a fotografia de um momento escalado de violência e, só por ele não dá pra você perceber em que contexto essa violência aconteceu, então, você precisa entender o contexto, entender um pouco a história de vida das duas pessoas ou das três pessoas ou dessas pessoas que estão convivendo nesse contexto; Em violências as situações não são tão palpáveis, os perpetradores não entendem que aquilo seja violência, então, por exemplo, quando é, abuso de poder econômico, violências morais, psicológicas, eles não percebem, por outro lado, quando à violência física, tem duas situações que tendencialmente eu vejo, uma pessoa não lembra do que aconteceu e ou tem um remorso absoluto, que o faz tentar identificar uma causa para aquilo e muitas vezes um pedido absurdo de perdão, associando aquela violência a uma exceção, porque é uma pessoa honesta, uma pessoa trabalhadora, então isso é um corte na minha visão, por isso, precisa entender o contexto e a história de todos os envolvidos. Tem alguns fatores incidentes como: alcoolismo, adições à drogas, ansiedades, paixões; alguns aspectos de ordem psiquiátrica e existem também, os sentimentos, as paixões e outros fatores, mas esses fatores, não são para justificar a violência é para entender esses padrões. Não podemos ficar presos no boletim de ocorrência que é somente a ponta do iceberg, precisamos ter um panorama mais amplo do contexto que não seja só o ato da violência em si. (TERESA)

(...) se fosse no início, quando eu comecei a trabalhar, eu responderia que o motivo é o machismo, é óbvio que é, é, ainda é, mas hoje eu completo, são as intersecções. Penso que são essas articulações de todos esses campos da vida: raça, gênero, classe, dentre outros marcadores. Muitos nos perguntam assim "ah, qual é o perfil do homem que passa no grupo?" não existe um perfil, essa pergunta é bem ingênua, porque o que define os homens do grupo para os homens de fora do grupo é somente um boletim de ocorrência, as referências são as mesmas, entre os homens da minha família, dos homens que são meus amigos, em termos de referência, às vezes acaba não mudando muito do dos homens dentro do grupo. As referências de masculinidade, não acompanharam as mudanças do mundo, dos movimentos feministas, dos movimentos LGBT, as referências de masculinidade pararam no tempo. Então a gente entende a violência como uma tentativa de retomar esse poder, quando esse poder está sendo ameaçado é, à ameaça da hegemonia masculina. O homem não sabe conversar e com a falta de um repertório, é muito fácil passar para a violência. A violência que deveria ser um dos últimos recursos, acaba sendo como um dos primeiros, porque ele acaba não tendo outros recursos simbólicos para lidar com tudo que ele sente. (LOURENÇO)

(...) a gente tem percebido que nós, na nossa construção de homens, nessa sociedade que é machista e patriarcal, a gente é ensinado ao machismo, ensinado a violência desde muito novos, então o perfil daquilo que é esperado por um homem na sociedade é um perfil machista, isso que é considerado ser homem na nossa cultura é isso. O modelo é aquele homem forte, corajoso, que resolve tudo, que enfrenta riscos, espécie daquele guerreiro medieval. Nós homens somos preparados para exercer violência desde sempre, na nossa infância, nos jogos, nas brincadeiras infantis; modelos de brincadeira privilegia aquele homem que é mais esperto, que é mais falador, que é mais líder, as nossas brincadeiras são sempre de competição, tempo todo estimulado a exercer a violência e nós exercemos violência não é só contra mulher, em uma forma geral, um jeito de ser violento, a gente vê nas condutas do dia a dia. Todo o nosso contato é violento, então não é permitido para nós termos uma relação afetiva, de um afeto positivo, a meu ver é isso que causa violência contra a mulher, é esse machismo que está estabelecido entre as relações entre os homens. (AFONSO)

Esses três profissionais trabalham com HAV em grupos reflexivos e possuem larga experiência. Percebemos esse acúmulo em seus relatos acerca das relações violentas, bem como nos apontamentos dos motivos. Todos entendem o homem como fruto de uma cultura machista, e de mecanismos de socialização e de convivência que incentivam e privilegiam a violência.

A cultura machista foi apontada principalmente quanto aos recursos violentos para aprender a "ser homem", viril e macho. Referem-se ainda à ausência de recursos simbólicos afetivos como motivos impulsionadores dos atos violentos. Lembremos que os HAV também se manifestaram a esse respeito. Parece-nos que as condições objetivas do "homem de verdade" e dominador tem na ausência de recursos afetivos o disparador dos atos de violência. Esses apontamentos não colocam os homens como vítima de si e da sociedade, mas levantam os

aprisionamentos internos e externos que denotam o uso da violência como instrumento.

Nessa mesma linha, o uso de substâncias psicoativas foi levantado como um potencializador da violência, conforme afirmado pelos homens sujeitos da pesquisa Inácio, Ambrósio e Francisco.

Quando refletimos sobre essas narrativas percebemos com certa clareza as “causas” da violência, e as simplificamos. No entanto, e como mencionado pelos profissionais, o uso de SPA²⁹ é somente a ponta do *iceberg*, uma vez que esse uso está sempre associado às diversas situações históricas, sociais, culturais e afetivas. Concordamos com os profissionais quando afirmam que o uso de SPA é um potencializador para a violência.

Para a profissional Catarina, os motivos estão pautados nas frustrações do ego, no tipo de orientação que recebeu no convívio familiar e que é legitimada pela cultura.

Frustração, acho que esse seria talvez o maior dos motivos, frustração e ego frágil, essas duas coisas, a frustração é no sentido de que ele não é capaz de lidar com um “não”, ele não consegue lidar com isto e a resposta é muito regredida, regressiva, então, ele reage num nível instintivo, parece que essa parte do córtex cerebral não predomina, essa é a parte mais evoluída do ser humano, só que isso fica lá num cantinho e ele retoma a parte instintiva, os impulsos, ele explode de raiva, ele grita, ele berra, é mais ou menos parecido com isso. Sabe o argumento de que fulano matou porque estava sobre forte emoção, acho que ele tem base nesse tipo de coisa. A frustração meio que toma conta da pessoa e não consegue agir de outro jeito, mas ele tem algo que se soma a esse comportamento que é a cultura, Ele é um macho, ele é um homem, ele é que manda, ele é o dono da mulher, são conceitos que também são muito arraigados no psiquismo. (...) Ele cresceu se sentindo o centro do universo, o sol, não sendo favorável ao que ele pensa, ao que ele deseja, ele reage dessa maneira, reage agredindo, reage quebrando tudo, então eu acho que a cultura não ajudou a lapidar seus instintos, acho que a cultura favorece esse ego exaltado, dá muito valor para essa postura dominadora. (CATARINA)

Compreendemos que o ideal de masculinidade patriarcal exalta “o homem de verdade” como aquele que é dominador de si e dos outros, mas, quando essa masculinidade é ameaçada, ele – homem – reage muitas vezes com violência. Como destacou o profissional Lourenço “o homem não tem recursos” para lidar com fracasso e, como já mencionado, nossa cultura permite e legitima essa masculinidade, colocando-a como padrão a ser alcançado a qualquer preço. Contudo, não são todos os homens que seguem essa “cartilha”; existem outras

²⁹ SPA: Substância Psicoativas.

masculinidades e, ainda, outras que podem ser construídas fora dos padrões de masculinidade hegemônica. (Cf. CONNELL, 1995)

Muitas das motivações, dos homens autores de violência, que eu entendo, que eu observo é o que eu escuto deles está relacionada a uma dificuldade que eles tem de convívio familiar, anterior a famílias que eles constituíram, então estou falando de dificuldade de relacionamento com o pai, dificuldade de relacionamento com a mãe. Muitos deles sofreram abusos de todos os tipos com o pai ou com mãe, negligências de vários tipos, tem uma questão histórica anterior, que faz com que nesse momento eles ajam com violência, seja contra mulher, seja contra criança, adolescente ou qualquer outro tipo de pessoa, então está relacionado a questões familiares antigas e famílias bastante disfuncionais. (ALBERTO)

É sabido que a família é o primeiro núcleo de socialização, responsável pela organização e construção de sentidos e de experiências que afetam os processos da vida social. Inácio, Ambrósio e João sofreram e vivenciaram situações de violência, principalmente contra suas mães, e essas experiências deixaram marcas profundas, que o tempo não foi capaz de cicatrizar, pelo contrário: feridos que foram, feriram e deixaram marcas em outra pessoa; (re)produziram, assim, as experiências violentas.

Todavia, a família não pode ser considerada a única responsável por tudo, ou como uma unidade isolada do contexto; ao contrário, outras instituições e outras experiências se produzem ao longo da vida, capazes de reconstruir outros sentidos, outras masculinidades, outras socialidades que não projetem a violência como único recurso possível para lidar com os fracassos individuais e coletivos.

- **Repercussão do trabalho com os homens autores de violência:**

Os três relatos que se seguem foram agrupados pelo alinhamento do conteúdo que apresentam. Percebemos que existe, nos profissionais, uma perspectiva de positividade quanto ao trabalho que realizam, que podem melhorar muito, recriar alternativas. E, de certa forma, esse tipo de esperança profissional reforça a possibilidade do espírito humano, em um determinado lugar, em um determinado tempo, descobrir que pode regenerar-se, superando as forças de destruição. (Cf. Morin, 2003)

Eu sou mediador de conflitos, trabalho com a linha da psicologia, humanista, fenomenológica, existencial, trabalho com comunicação não violenta, costumo fazer trabalhos em grupos e crio um ambiente onde eles possam ser eles mesmos, trazer seus medos, traumas, preocupações do universo masculino, sendo esse universo hoje muito difícil onde possa ser homem, homem no sentido masculino mesmo, independente de orientação sexual. Eu consigo ver a repercussão, a partir da fala deles, eles chegam com uma baixa autoestima muito grande, com um nível de agressividade muito alto de raiva, mas ao final do grupo, sai com um nível de conscientização e

entendendo que pode ser um homem diferente e eu ouço falas deles de agradecimento, então é essa forma que eu tenho de retorno, um feedback. (ALBERTO)

A gente leva com a teoria de gênero, da Joan Scott, com a teoria de ideologia com John Thompson, trabalha um pouco com essa noção de construção social, então buscando entender de que forma que o machismo foi construído socialmente, de que forma que ele se reproduz e também com as análises de discurso. (...) a gente faz um curso de gênero e masculinidade para homens se tornarem multiplicadores, facilitadores desse trabalho, no "E agora José?" nós estamos em dez facilitadores, são homens replicando esse trabalho e modelo. Agora está bem interessante porque já faz mais de um ano que eu mesmo já não faço mais o grupo no "E agora José?" os facilitadores vão pra salas, eu fico recebendo os homens novos que chegam, fico entrevistando aqueles que já acabaram o processo, quando eu vou conversar com eles no final, quando ele passou já pelo processo, e aí fico vendo essa devolutiva deles, vendo as mudanças de discurso. (AFONSO)

A gente trabalha com a perspectiva de gênero, pensando em outros moldes de socialização masculina, divisões de mundo, de maneiras de ver o mundo. A gente tem uma formação em gênero, estudamos autores, autoras de gênero, feminismo e as teorias de masculinidade, não temos uma metodologia por si só, a gente é muito mais pautado em princípios e pressupostos, porque o homem, até como disse Simone Beauvoir "não se nasce mulher, se faz uma mulher" o homem é a mesma coisa, o homem é socializado para ser homem, tem referências, que são papéis, ele aprende a relação do trabalho, aprende a ser pai, aprende a reagir, a ser homem é ser violento, ser homem é ser viril. Pensamos como uma construção histórica, fugindo, do ideal patriarcal e do viés patológico, a gente vê como um viés estrutural, de uma socialização masculina, o nosso viés é: pensar outras formas da socialização masculina. Tem repercussão, sim, exemplo, quando o grupo acaba, os homens ficam do lado de fora conversando, olha são duas horas de grupo, e eles continuam conversando, a gente percebe que a linguagem muda, a maneira de ver os fenômenos muda, os comportamentos, as concepções, a narrativa muda, eles chegam vomitando "minha mulher e as mulheres não prestam", "a polícia não presta", "a justiça não presta", "Lei Maria da Penha, é a Lei mais absurda do mundo", "eu não fiz nada", essas falas são quase uma regra, mas depois eles vão se responsabilizando, porque eles passam a ter um espaço para falar, eles elaboram as questões, você vê que eles estão mais propensos ao diálogo, ao invés de partir logo para o ato, para a violência, você percebe que é uma tremenda falta de recurso. Não temos estatísticas oficiais, mas a juíza que encaminha os homens para o grupo, fez um levantamento e constatou que somente 6% dos nossos homens reincidiu, ou seja, eles tendem a reincidir menos. Tem muitos homens que entram machistas e saem machistas, sim, acho que todos, mas tem uns que ao menos fazem uso do instrumental do grupo, para pensar. (LOURENÇO)

Todos os profissionais são homens trabalhando com homens, que confirmam a possibilidade de construir outra socialização, outras masculinidades, outros "homens". Realizam grupos reflexivos de HAV com inquérito policial, procedimento de medidas protetivas e/ou processos criminais em andamento, que são encaminhados às instituições em parceria estabelecida com os Tribunais de Justiça. Apenas o profissional Alberto presta serviços a várias instituições.

Os profissionais mencionaram de maneira veemente que os espaços de escuta são importantes para trabalhar a desconstrução dos “padrões” estabelecidos pela sociedade, e gerar uma reflexão sobre si mesmo, os outros, o contexto e a sociedade. Essa necessidade nos faz lembrar do primeiro contato que tivemos com os homens autores de violência participantes desta pesquisa, quando inicialmente indagaram: “Ninguém quer nos ouvir, porque você quer?” “Posso falar a minha versão da história?”. A maioria afirmou que em nenhum momento, antes, durante e após aos fatos, eles foram ouvidos ou alguém perguntou a sua versão dos fatos, e quando isso foi possível, estavam em julgamento de condenação. Queixavam-se que os espaços de escuta são importantes não para justificar os fatos, mas para serem ouvidos como pessoas, e também para se ouvirem.

Embora a repercussão do trabalho ocorra através da discussão e reflexão em pequenos grupos, essa estratégia acaba se tornando importante, pois favorece a continuidade do diálogo entre eles mesmos. Como afirmou Lourenço, *“não se nasce mulher, se faz uma mulher; o homem é a mesma coisa, torna-se homem”* (Simone Beauvoir). Os espaços de formação, de escuta, de fala, de relação e de reflexão, baseados em outras possibilidades de conhecimentos e de comportamentos, constroem novos homens.

Estamos aprimorando a metodologia de trabalho em grupos, grupos reflexivos, justamente por conta dessa cultura e também, a psicoterapia breve. Eu atendi um caso por cinco anos, eu consegui, vislumbrar essa repercussão e mudanças na relação com o parceiro, a pessoa em questão, não tinha muito autocontrole, ele se exacerbava com facilidade, também eles tinham um problema de comunicação a parceira também era autoritária. Então eu pude observar mudanças na relação do casal e até nas tendências de personalidade dessa pessoa. Você (profissional) acaba tendo que se adaptar e tendo que aprender a olhar com os olhos deles. (CATARINA)

Mesmo com estratégia diferente dos demais entrevistados, Catarina afirma a importância do acompanhamento a longo prazo para vislumbrar mudanças, partindo da escuta, da comunicação e da reflexão.

No projeto eu trabalho com a mediação interdisciplinar, entendendo o sujeito no contexto social e na relação; entender o sujeito que sofre a violência, ele sujeito que pratica e todos atores é trabalhar esse todo. Fazemos grupos pré-mediação, separando o perpetrador, de quem sofreu, então fazemos grupos mistos, homens e mulheres, vítimas e agressores, supostamente vítimas e agressores; depois passamos para os grupos de psicoterapia breve individual e caso precise com a família. Trabalhamos com a mediação com suporte também jurídico, caminhamos para tentar, em um primeiro momento organizar, as questões de família, as questões empresariais, e outras questões que não são só da ordem do processo crime. São em média dez sessões de mediação de duas horas de duração, tirando as sessões de suporte psicoterapia que duram de três a quatro meses. O

processo todo dura no mínimo, de sete meses a um ano. Trabalhamos o processo de comunicação, de organização e o acompanhamento como um suporte para uma transformação. Temos várias pesquisas feitas, de mestrado e doutorado sobre o nosso trabalho. Um dos indicadores de mudança é que a gente acaba sendo referência para eles. (...) costumamos usar um método que chama termômetro de emoções, são reações físicas na hipótese de uma escalada, exemplo, você vai tratar de um assunto que é conflituoso, você mapeia suas reações em seu corpo, assim, você consegue perceber quando vai escalar, antes de chegar ao ponto de explodir e ter o episódio de violência, isso funciona super bem, mas isso é um contensor, mudança de primeira ordem, não é transformador. Os instrumentos reflexivos, instrumentos psicoterapêuticos, instrumentos de ordem social, onde as pessoas consigam se situar de uma maneira diferente no mundo e ver o mundo de uma maneira diferente, isso são mudanças de segunda ordem. (TERESA)

Teresa e Afonso descrevem brevemente a formação dos grupos, o processo e o tempo; ambos ressaltam o acompanhamento mais estendido, assim como Catarina, como fundamental para observar as mudanças.

Assim, como observado pelas diferentes narrativas dos profissionais, os homens autores de violência não podem ser reduzidos somente ao que consta dos boletins de ocorrência; é necessário menos preconceito, olhar além dos fatos, ouvi-los, considerar o contexto social e os recursos subjetivos que envolveram tais sujeitos desde a infância. Os motivos elucidados pelos profissionais dialogam com os levantados pelos homens, e as estratégias de intervenção contribuem, mas não bastam. A necessidade de políticas de atenção social e jurídica torna-se primordial; políticas e investimentos públicos, redes de atenção, meios de comunicação comprometidos com a desconstrução dos padrões e, principalmente, investimentos em educação igualitária.

Esse caminho corrobora com o traçado pelos profissionais e pontuado pelos homens sujeitos dessa pesquisa. Abre-se a possibilidade de sair do fatalismo e do pré-julgamento. O trabalho com esses homens é desafio constante, suscita um diferencial profissional porque exige que mudemos nossa maneira de conhecer e de pensar para poder agir. Ademais, exige uma ética de responsabilidade e de solidariedade, uma ética intersubjetiva direcionadas a outro patamar de compreensão sobre a condição humana.

Referências Bibliográficas do Capítulo V

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BRASIL, Presidência da República. Lei 11.340/2006, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 10 de mar. de 2018.

BRASIL, Presidência da República. Lei n. 7.210 de 11 de julho de 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm . Acessado em: 10 de mar. de 2020

CONNELL Robert W. Políticas da Masculinidade. **Revista: Educação e Realidade**, Porto Alegre, RS, jul- dez, 1995.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, RS. v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 1995.

MORIN Edgar. **Cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 8ªed.; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] a aventura científica é uma aventura complexa na qual a obstinação empírica das observações, questionamentos, experimentações, finalmente elevou ao primeiro plano o que ela havia banido por princípio: a complexidade.

(Edgar Morin)

O propósito inicial deste estudo, dirigido à compreensão dos motivos que conduziram homens a cometerem violências contra mulheres, nos projetou a um campo de conhecimentos maior do que pensávamos em princípio. Há anos estudamos a temática da violência vinculada a seus autores, e nessa trajetória, até o momento fomos percebendo que os motivos que geram violência nunca aparecem de modo isolado, mas sempre interligados e em interação com as condições objetivas e subjetivas da vida desses homens. Nessa perspectiva, procuramos referenciais teóricos que dialogassem com essas dimensões, no intuito de compreender a forte relação entre a parte e o todo.

A escolha da abordagem multidimensional para estudar a temática possibilitou maior aproximação à dinâmica da realidade e seus contextos sociais, e a reavaliar a complexidade humana na articulação entre objetivo e o subjetivo, entre o abstrato e o concreto, entre razão e emoção.

Compreendemos a violência como fenômeno multifacetado, ou seja, em sua pluralidade dimensional que se manifesta na vida coletiva e individual, nos espaços públicos e privados, nas macrorrelações e nas microrrelações, nas diversas configurações da vida humana. Para isso, fomos a Arendt (1999) que nos auxiliou a deslocar um pensamento arraigado de homem agressor como condição “natural” do “homem comum”. Socializado através das práticas masculinas, são elas que afirmam os padrões de masculinidade incorporados e legitimados pelo patriarcado, que garantem a posição de dominante do homem e a de subordinação da mulher (CONNELL, 1995). Nesse sentido, concordamos com Nolasco (1997), quando destaca a expressão “homem de verdade” para definir esse padrão hegemônico de homem, esperado e legitimado pela sociedade.

O sujeito não é só um produto do meio social, mas resulta da subjetividade construída e produzida no contexto das relações sociais, históricas, econômicas e

culturais (Cf. González Rey, 2003). O homem age como sujeito singular e coletivo, constrói, altera ou modifica determinado espaço, e é produto e produtor dessas relações. É nesse contexto complexo, diversificado e contraditório entre indivíduo e sociedade que vão se constituindo como sujeitos reais da história humana.

Vivenciamos, na realização desta pesquisa, um caminho desafiador e conflituoso; estudar o homem autor de violência não é fácil, pois chegar até eles, ouvir a pessoa que humilhou, ameaçou e “quase matou” sua companheira requer o exercício de desnudar-se de pré-conceitos e julgamentos, elevar a visão para uma dimensão que transcenda os fatos imediatos, para um maior contexto social, familiar, histórico, cultural, moral. Sofremos também nesse processo, pois a atividade investigativa e de trabalho gera efeitos subjetivos. Em nossa trajetória profissional estudávamos a violência contra mulher na perspectiva “única” da dominação e da submissão, da mulher como vítima e do homem como agressor. O tempo e as experiências adquiridas no decorrer dos quatro anos do doutorado colocaram em xeque nossos pontos de vista e conhecimentos, muitas vezes tomados como verdades, e nos projetaram a um outro patamar de compreensão sobre a realidade das relações sociais, humanas e afetivas. O homem é sujeito de uma cultura masculina hegemônica, socializado para dominar, e a violência vigora quando a agressão se torna um instrumento para lidar com o fracasso, com a fragilidade de poder. E, nesse contexto, a mulher é também produtora e reprodutora de violência e dos processos de subjetivação humana.

As desconstruções e novas construções de conhecimento não minimizam as violências cometidas pelos homens contra as mulheres, tampouco os colocam em um lugar de vítima da sociedade, mas nos alertam como profissionais, pesquisadores, pais, mães, filhas(os), amigas(os), etc., no sentido de questionar o modo vigente e construir novos padrões de comportamentos e de masculinidades, pautados na reconstrução da pessoa humana.

A cultura machista é levantada pelos homens sujeitos desta pesquisa e pelos profissionais como sendo um motivo para a violência. Concordamos com os dizeres do profissional Afonso quanto ao machismo:

(...) a sociedade que é machista e patriarcal, a gente é ensinado ao machismo, ensinado a violência desde muito novos, então o perfil daquilo que é esperado por um homem na sociedade é um perfil machista, isso que é considerado ser homem na nossa cultura é isso. O modelo é aquele homem forte, corajoso, que resolve tudo, que enfrenta riscos, espécie

daquele guerreiro medieval. Nós homens somos preparados para exercer violência desde sempre, na nossa infância, nos jogos, nas brincadeiras infantis; modelos de brincadeira privilegia aquele homem que é mais esperto, (...) tempo todo estimulado a exercer a violência e nós exercemos violência não é só contra mulher, em uma forma geral, um jeito de ser violento, a gente vê nas condutas do dia a dia. Todo o nosso contato é violento, então não é permitido para nós termos uma relação afetuosa.

É importante destacar que a família também é considerada como núcleo de reprodução da violência e de comportamento que privilegia o “ideal” patriarcal como natural e perfeito. A manutenção desse modelo ideal foi levada às últimas consequências, utilizando violências para a permanência ou correção da “desorganização” familiar, mantendo o casamento como um contrato de fidelidade para sempre. O modelo de família e a expressão “unidos para sempre” é colocada pelos homens autores de violência como modelo intangível.

O rompimento do contrato de fidelidade e o ciúme foram destacados como motivos significativos para a violência contra a mulher. Através dos depoimentos, percebemos que a traição é inaceitável e a simples suspeita ou fala que revele alguma ameaça desperta no homem a “raiva” por ter fracassado como “homem de verdade”, por ter perdido para outro homem, ter sido traído em seus sentimentos. Consequentemente, a “punição” para minimizar o sentimento de fracasso, corrigir o erro, retomar o poder como macho dominante, descontar suas emoções – tudo isso ocorreu junto e em uma fração de segundo –, gerou o descontrole e, na ausência de outros recursos, a violência foi usada como instrumento para punir as mulheres. Depois, quando tomam consciência, se arrependem e relatam que foi um momento de descontrole e de ausência de outras possibilidades para contornar a situação. Fica nítido que a dor gerada pela traição abalou sua masculinidade e motivou a violência.

A categoria “do outro lado da razão”, aqui trabalhada, trouxe aspectos únicos e reveladores; numa imagem simbólica, foi como tirar a casca de um tronco de árvore: no início é dura e impossível, mas em contato com o sol, a casca seca e se desprende da madeira. Mesmo assim, em alguns lugares a casca continua grossa e grudada, precisa ser arrancada e, às vezes, fere a madeira. Ao final desse trabalho, aquele pedaço de madeira, antes feio e inútil, revela seu verdadeiro conteúdo, com cor e formato diferentes, podendo, agora, ser usado de diversas formas, desde banco até peças de decoração. Essa imagem revela um pouco os homens sujeitos da pesquisa que, quando estimulados a falar das suas histórias, deixaram cair suas

cascas duras e revelaram a pessoa que sente, chora, se arrepende, faz coisas erradas, age sem pensar, machuca pessoas, se machuca, não sabe de tudo e não tem poder absoluto; uma pessoa do gênero masculino; um ser humano. Claro que a madeira nua apodrece em exposição ao tempo e ao clima, por isso, precisa ser envernizada com várias camadas para resistir. Podemos (homens, mulheres, profissionais, pesquisadores) desenvolver e construir vernizes de uma educação igualitária; novas masculinidades; relações de afetos pautadas no diálogo e em sentimentos verdadeiros.

Dentro dessa proposta, os profissionais mostraram que o grupo reflexivo (mesmo dentro de seus limites) pode ser uma estratégia de “remoção das cascas” e, em contato com outras possibilidades de “ser homem”, vão construindo novas relações, primeiramente entre eles (membros do grupo), depois entre os outros, externos ao grupo. Percebemos um início de mudança nas falas dos sujeitos que passaram pelos grupos. Seus discursos diferenciam-se, em alguns aspectos, dos outros, principalmente na compreensão da cultura machista e suas implicações; na leitura dos atos de violência como ato de descontrole; na ausência de conhecimento para lidar com as situações e nas possibilidades de “prevenção” à violência. Um dos sujeitos, inclusive, trabalha com outros homens autores de violência, depois que passou pelo grupo de reflexão, divulgando suas experiências ruins e como, a partir delas, aprendeu e adquiriu outros sentidos para a vida. Os sujeitos que não passaram por nenhum atendimento demonstram em seus discursos raiva, ódio e um sentimento de vingança; demonstram desespero frente à situação, ficando explícito em suas falas que “perderam tudo”, como derrota social e individual.

Percebemos, nos discursos, mesmo diferentes e em níveis de reflexão distintos, um resultado mínimo de mudança entre eles, reforçando o caminho trilhado pelos profissionais que atuam com intervenções pautadas no coletivo, como espaço de escuta e de fala na construção de novas masculinidades e de novas relações.

Não justificamos os atos de violência e nem colocamos os homens autores de violência como vítimas; não minimizamos as mulheres em situação de violência e nem as vidas ceifadas por alguns desses homens. A gravidade dessa questão põe em pauta a urgência das políticas de atenção às mulheres, tanto na proteção como

na prevenção. Não é admissível que 1.959 mulheres (2019)³⁰ continuem sendo assassinadas por crime de feminicídio, e 263.067 mulheres vítimas de lesão corporal dolosa (2018). Entre janeiro e julho de 2019, 844 homens foram presos em flagrante por violência doméstica, uma média de 4 prisões por dia (Secretaria Estadual de Segurança Pública de SP). Sabemos que somente o trabalho com as mulheres não é suficiente para previr e diminuir os impactos da violência, e observamos neste estudo que os homens também são acometidos de violências, e que o trabalho com eles é tão necessário quanto com as mulheres.

O trabalho com os autores de violência requer profissionais capacitados, que os enxerguem como sujeitos de direitos, que devem ser ouvidos e atendidos na esfera das políticas públicas de saúde, assistência social, educação, bem como por profissionais de Serviço Social, Psicologia, Direito e outras áreas que se fizerem necessárias. A ausência de políticas, serviços e programas de atendimento ao homem autor de violências e principalmente de profissionais de Serviço Social trabalhando com esses sujeitos causa estranhamento e surpresa, uma vez que se trata de uma profissão que atua nas expressões da questão social e na luta pelos direitos sociais e humanos.

Parece que o Serviço Social não se apropriou do debate sobre a masculinidade e as relações afetivas que envolvem a temática, tanto objetivas quanto subjetivas e familiares. É uma necessidade e um desafio que nos aproximemos de outros campos do saber que tenham acumulado experiências teóricas e práticas com essa população para, assim, construir mecanismos de intervenção junto aos homens autores de violência, uma vez que é ele sujeito de direitos.

Findamos este estudo com mais perguntas do que aquelas que o suscitaram em seu início, e com a sensação de que apenas arranhamos esse assunto. Trabalhar com essa questão exige mudanças, e mudanças trazem inseguranças, diferentes medos, como de reformular nossas relações; ver o outro como igual; mudar nosso cotidiano e nosso olhar; sentir amor e compaixão; relacionar-se com nossos monstros internos e externos. Estamos, sempre e ainda, muito presos à certezas e verdades absolutas.

³⁰ Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019. Fórum Brasileiro de Segurança Pública; pg.108-110. Disponível em: www.forumseguranca.org.br. Acesso em: 10 de fev. de 2020.

Superar dificuldades sociais e políticas que envolvem essa temática significa resistir ao que há de impiedoso também na política e nas relações entre os seres humanos. É preciso discernir hoje uma resistência mais profunda, primordial à crueldade do mundo. (Cf. Morin, 1997, p. 274).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do Mal.** Tradução: José Rubens Siqueira. 25ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência.** Tradução: André de Macedo Duarte. 10ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BARDIN. C. **Análise de Conteúdo.** Rio de Janeiro: Edições 70. 1977

BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo; NOGUEIRA, Joanna Ribeiro. **Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógica.** Revista Dimensões, v. 36, jan.-jun. 2016,p.12-30. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/13864/9817> Acesso em: 20 de março de 2020.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas.** 2ª ed. Natal, RN: EDUFRN, 2015.

BLAY, Eva Alterman. **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher (orgs).** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos.** Coleção ciências da educação, Porto Editora, Portugal, 1994.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas;** 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL, Presidência da República. **Lei 11.340/2006, de 7 de agosto de 2006.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 10 de mar. de 2018.

BRASIL, Presidência da República. **Lei n. 7.210 de 11 de julho de 1984.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm . Acessado em:10 de mar. de 2020

BUTLER, Judit. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução Renato Aguiar. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Sobre a violência.** ITOKAZU, Ericka Mari; BERLINCK, Luciana Chauí (orgs). 1ª edição. Belo Horizonte, MG: Autêntica editora, 2018.

CONNELL Robert W. **Políticas da Masculinidade**. Revista: Educação e Realidade, Porto Alegre, RS, jul- dez, 1995.

CONNELL, Robert. W. **Masculinities**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1995. Tradução: ARTIGAS. Irene Ma. Masculinidades. 1ºed. em espanhol. Universidad Nacional Autònoma de México, 2003.

CONNELL, Robert. W.; MESSERSCHMIDT James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 21, jan- abr, 2013.

COUTO, Márcia Thereza; SCHRAIBER, Lilia Blima; Homens, saúde e violência: novas questões de gênero no campo da saúde coletiva. In: MINAYO, C. S.; COIMBRA JR, CEA., (orgs). **Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005, p. 687-697. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/w5p4j/39>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 39ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8ªed. (org) Roberto Machado, Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e terra, 2018.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. Tradução: Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Revista Psicologia da Educação**, São Paulo, 24, 1º sem. de 2007, p. 155-179.

LEMO, Fernanda. Entrevista com Joan Scott. **Revista: Mandrágora**, v.19. n. 19, 2013, p. 161-164. Tradução: Emmanuel Ramalho de Sá Rocha.

MARIOTTI, Humberto. **A razão do coração e o coração da razão (Blaise Pascal e o Pensamento Complexo)**. Disponível: www.humbertomariotti.com.br. Acesso em: 10 de jun. de 2020.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. (1985/2012). **Acción y ideología: Psicología Social desde Centroamérica** (2ª ed.). San Salvador: UCA Editores.

MARTINS, Karina Oliveira.; LACERDA JR., Fernando. A Contribuição de Martín-Baró para o Estudo da Violência: uma apresentação. **Psicologia Política**. Vol. 14. Nº 31. p. 569-589. Set. – Dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300010 Acessado em: 10/10/2019

MEDRADO, Benedito.; LYRA, Jorge. Princípios ou simplesmente pontos de partida fundamentais para uma leitura feminista de gênero sobre os homens e as masculinidades. In: BLAY, Eva Alterman. **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher** (orgs). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 55-75.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa Social** – teoria, método e criatividade. Coleção Temas Sociais, 21ª edição. Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec. 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. **A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência**. Cadernos Saúde Pública, Rio de Janeiro, 14(1):35-42, jan-mar, 1998. Disponível: <https://www.scielo.org/article/csp/1998.v14n1/35-42/>. Acesso em: 14 de abr. de 2020.

MORIN Edgar. **Meus demônios**. São Paulo: Bertrand Brasil; 1997.

MORIN Edgar. **Cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8ªed.; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MUYLAERT C. J.; JÚNIOR V. S.; GALLO P. R.; NETO M. L. R.; REIS A. O. A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem Da USP**, 2014.p. 193-199. Disponível em: www.ee.usp.br/reeusp/. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

NASCIMENTO, Marcos Antonio Ferreira do. **Desaprendendo o silêncio: uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher**. Dissertação de Mestrado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2001.

NOLASCO, S. (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NOLASCO, S. Um homem de verdade. In: CALDAS, Dario. (org). **Homens**. São Paulo: Editora Senac, 1997, p. 13-31.

ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática 1993.

PERISSINOTTO, R. História, sociologia e análise do poder. **Revista: História Unisinos**, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 3, p.313-320, 2007.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: SIMSO, O. M. **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo, Editora Vértice, 1988.

RODRIGUES, Maria Lucia.; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. (orgs). **Metodologias multidimensionais em ciências humanas**. Brasília: Líber Livro, 2006.

ROSA, Antonio Gomes. et al. A Violência Conjugal Contra a Mulher a Partir da Ótica do Homem Autor da Violência. **Saúde Soc.** São Paulo, v.17, n.3, p.152-160, 2008. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300015. Acesso em: 14 de abr. de 2020.

ROSA, Tiago Barros. O poder em Bourdieu e Foucault: considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. **Revista: Sem Aspas**, Araraquara, SP, v.6, n.1, p. 3-12, jan./jun. 2017.

SANTOS, Maria do Carmo G; Soares, GOMES, Amanda Teresinha. Era uma vez: os contos de fadas e as relações de gênero na perspectiva das professoras. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, PE. Brasil, Ano 1, v.1, nº 3, set/dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/>. Acesso em: 20 de mar. de 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, RS. v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan. Entrevista com Joan Scott realizada por Fernanda Lemos. **Revista Mandrágora**, São Paulo, SP. v. 19, n. 19, p. 161-164, jan./dez. 2013.

SILVA, Carla da. **Uma realidade em preto e branco: as mulheres vítimas de violência doméstica**. Dissertação de Mestrado - PUC São Paulo, São Paulo, 2011.

SOARES, Barbara Musumeci. A Antropologia no executivo: limites e perspectivas. In: CORRÊA, Mariza, (org). **Gênero & Cidadania**. Coleção Encontros Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero UNICAMP, Campinas, 2002. p.31-46.

URRA, Flávio. Masculinidades: a construção social da masculinidade e o exercício da violência. In: BLAY, Eva Alterman. (orgs). **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p.117-139

ANEXOS

Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada/o como voluntário a participar da pesquisa: **práticas violentas contra mulheres e os motivos de seus autores.**

Este termo é um instrumento para obter seu consentimento de participar desta pesquisa, coordenada pela pesquisadora **Carla da Silva**, aluna do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP (Doutorado).

Como voluntário, você tem o direito de interromper sua participação a qualquer momento se assim o desejar. Na pesquisa trataremos de compreender as motivações que os conduziu às práticas de violência contra a mulher. Nesse processo garantimos o sigilo e fidelidade às suas informações.

As entrevistas serão gravadas em áudio se for de seu consentimento. Você não será identificado e uma cópia deste consentimento informado será arquivada e outra será fornecida a você.

Nosso propósito nesta investigação consiste em analisar e compreender as motivações que conduzem os homens às práticas de violência contra a mulher. Para tanto, definimos como objeto desta pesquisa, as motivações que conduzem os homens às práticas de violência contra a mulher.

Como procedimento para coleta de material utilizaremos a entrevista aprofundada, com o suporte de gravação de áudio para registro das informações. As entrevistas podem durar mais ou menos 1:30hs dependendo do protagonista e terão como estratégia para início do encontro entre pesquisador e entrevistado, alguns itens norteadores.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, não resultará em nenhum benefício valorativo e que é possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos como: invasão de privacidade; tomar o tempo do sujeito ao responder a entrevista; responder a questões sensíveis, tais como atos ilegais e violência. Dos quais

medidas serão tomadas para sua redução, tais como: minimizar desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras; estar atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto; e assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro.

Todos os procedimentos estão de acordo com os princípios éticos que regem atividades vinculadas a pesquisa, atendendo à Resolução 196/96 e 466/12 e complementares do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisa com seres humanos.

Eu, _____, RG.

_____, fui informada/o dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. A pesquisadora certifica-me que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa; caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, tais como transporte, alimentação entre outros, estes serão absorvidos e de inteira responsabilidade da pesquisadora. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Declaro ainda que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Campinas, ____ de _____ de 2019.

Nome: _____

Assinatura do Participante

Nome: Carla da Silva

Assinatura do Pesquisador

Anexo B – Parecer do Comitê Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Práticas Violentas Contra Mulheres e os Motivos de Seus Autores

Pesquisador: Carla da Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 06504918.8.0000.5482

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.171.317

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Tese de Doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social (PEPG em SSO), vinculado à Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Carla da Silva, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lucia Rodrigues.

A proposta visa "(...) analisar e compreender as motivações que conduzem os homens às práticas de violência contra a mulher. Levantando o seu contexto de realidade e os acontecimentos que podem gerar as motivações para a violência; perpassando pela análise das políticas sociais, públicas e do modo de intervenção dos profissionais que atuam com os homens autores de violência contra a mulher. A pesquisa que pretendemos realizar é de caráter multidimensional, com a intenção de estudar os homens autores de violência com processos julgados e/ou em fase de inquérito, condenados a participar do programa de responsabilização do Projeto "Tempo de despertar", executado pelo Tribunal de Justiça de Taboão da Serra/ SP. Para essa etapa, inicialmente, utilizaremos a observação cursiva em três encontros do programa Tempo de Despertar para posteriormente entrevistar sete homens autores de violência, utilizando-se da abordagem da micro-história. Será realizada entrevista aprofundada com três profissionais (assistentes sociais, psicólogos, psiquiatras, advogados e/ou promotores de justiça) que atuam

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 3.171.317

com os HAV no Estado de São Paulo. As análises dos dados se dar-se-ão por triangulação de métodos, pela possibilidade de abarcar diversas "combinações e cruzamento de múltiplos pontos de vista" (MINAYO, 2010, p. 28), adotando, assim, um comportamento reflexivo-conceitual e prático frente ao objeto de estudo, ampliando a compreensão macro e micro das relações de violência. Os resultados culminarão em tese de doutorado."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar e compreender as motivações que conduzem os homens às práticas de violência contra a mulher.

Objetivo Secundário:

- Estudar o contexto de realidade dos homens que praticam violência contra a mulher;
- Conhecer os acontecimentos que podem gerar as motivações para a violência;
- Refletir sobre o modo de intervenção dos profissionais que atuam com os homens autores de violência contra a mulher.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado nas Resoluções CNS/MS n. 466/12 e CNS/MS n. 510/2016 que tratam das pesquisas que envolvem seres humanos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo-se concluir que a pesquisa possui uma linha metodológica definida, base da qual será possível auferir conclusões consistentes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK;
2. TCLE - OK;
3. Ofício de Apresentação - OK;

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C			
Bairro: Perdizes		CEP: 05.015-001	
UF: SP	Município: SÃO PAULO		
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466	E-mail: cometica@pucsp.br	



Continuação do Parecer: 3.171.317

- 4. Projeto de Pesquisa - OK;
- 5. Autorização para realização da Pesquisa - OK;
- 6. Parecer de mérito acadêmico - OK;

Esta lista está disponível no site: www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sítio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou lista de inadequações, portanto, recomenda-se o encaminhamento da aprovação deste protocolo de pesquisa.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C		
Bairro: Perdizes		CEP: 05.015-001
UF: SP	Município: SAO PAULO	
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466	E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 3.171.317

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1278917.pdf	19/12/2018 12:06:29		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Carla_da_Silva.pdf	19/12/2018 12:05:56	Carla da Silva	Aceito
Outros	ata.pdf	19/12/2018 12:04:17	Carla da Silva	Aceito
Outros	parecer_2.pdf	19/12/2018 12:04:03	Carla da Silva	Aceito
Outros	parecer_1.pdf	19/12/2018 12:03:41	Carla da Silva	Aceito
Outros	oficio_apresentacao.docx	19/12/2018 12:00:17	Carla da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	19/12/2018 11:57:31	Carla da Silva	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	19/12/2018 11:56:29	Carla da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Avaliação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 26 de Fevereiro de 2019

Assinado por:
Antonio Carlos Alves dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br

Anexo C – Questionário (1)

Público Alvo: Homens Autores de Violência



**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM SERVIÇO SOCIAL
DOUTORADO EM SERVIÇO SOCIAL**

Pesquisa: **Práticas Violentas Contra Mulheres e os Motivos de Seus Autores**

Pesquisadora: Carla da Silva

Orientadora: Maria Lucia Rodrigues

Alguns dados:

Idade:

Profissão:

Escolaridade:

Quantos relacionamentos amorosos, vc teve? E o tempo de cada relacionamento (aproximadamente):

Violência cometida:

Respondeu ou responde judicialmente pelo ato de violência:

Anexo D – Roteiro (1)

Público Alvo: Homens Autores de Violência

Roteiro para orientar a entrevista:

Conte um pouco da sua família, da sua infância, dos seus pais e/ou cuidadores;

Como foram os primeiros relacionamentos;

Para você como é ser homem e ser mulher na nossa sociedade;

Quando você vê as pessoas que cometeram violência contra as mulheres o que você pensa?

Você consegue identificar os motivos?

Conte um pouco da sua história com a violência; como que foi; o que aconteceu; qual foi gota d'água; como você se sentiu;

Como foi para vc falar sobre tudo isso?

Anexo E – Questionário (2)

Público Alvo: Profissionais que atuam com Homens Autores de Violência



**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM SERVIÇO SOCIAL
DOUTORADO EM SERVIÇO SOCIAL**

Pesquisa: **Práticas Violentas Contra Mulheres e os Motivos de Seus Autores**

Pesquisadora: Carla da Silva

Orientadora: Maria Lucia Rodrigues

Alguns dados:

Gênero:

Idade:

Profissão:

Instituição e ou Local de trabalho:

Tempo de trabalho com Homens Autores de Violência:

O seu trabalho com os homens autores de violência é:

() individual () grupal () outros _____

Anexo F – Roteiro (2)

Público Alvo: Profissionais que atuam com Homens Autores de Violência

Roteiro para orientar a entrevista:

Do seu ponto de vista, como profissional que atende esse publico qual os motivos desses homens a praticar a violência?

Qual seria linha do seu trabalho?

Você consegue visualizar se há repercussão do seu trabalho, na vida dos homens atendidos?

Você sente falta de mais profissionais para trabalhar nessa área?

APÊNDICE

MEMORIAL

Relembrar a sua própria história é caminhar por trechos iluminados e escuros, coloridos e monocromáticos. Nesse breve percurso da minha vida, conheci pessoas em momentos escuros, sempre atenuados pela esperança, o que me ensinou a ter fé na vida e realizar o impossível. Destas pessoas, que são muitas, destaco uma costureira, humilde, semianalfabeta, que ampliou minha visão sobre como é formada a vida, ou melhor, como ela é tecida todos os dias, com a simplicidade da união de pequenos retalhos que, costurados juntos, formam uma colcha.

Minha costureira é uma mulher de 45 anos que sofria, há décadas, com a violência física, psicológica e sexual, de seu companheiro e seu filho. Em 2009 trabalhava como Assistente Social na ONG SOS Ação Mulher e Família³¹, e numa manhã a costureira chegou para o atendimento, machucada e chorando. A acolhi e ouvi sua história, desde a sua infância até aquele dia e, no final de seu relato, ela compartilhou sua sabedoria comigo: “sabe, a nossa vida é igual a uma colcha de retalhos; somos costureiras da nossa vida. Ora costuramos com linha forte, ora com linha fraca, porque não temos força para reforçar a linha. Ora colocamos retalhos estampados, coloridos, muitas vezes acinzentados e pretos; retalhos grandes e pequenos, porque é assim a vida, uma colcha de retalhos, costurada de acordo com a nossa passagem no mundo. Vivemos momentos felizes, sempre por um tempo curto, e muito tempo de momentos pretos e cinzas. Mas o mais importante é que eu quem decido o tamanho e a cor do retalho, então posso, no meio de uma sequência de tecidos pretos que a vida me deu, colocar um pedaço, mesmo que pequeno, de estampa. Este fará toda a diferença na colcha. Hoje criei coragem e reuni todos os pedaços estampados de esperança que restaram na minha vida e estou costurando ao lado de uma sequência de cores escuras e manchadas por dor, sangue e lágrimas. Hoje eu quero iniciar um novo pedaço da colcha de retalhos da minha vida,

³¹ OSC SOS Ação Mulher e Família – presta serviço às mulheres e suas famílias em situação de violência, desde 1982.

colorido e somente alinhavado³², porque se eu não gostar, eu desmancho e começo de novo”.

Não existem palavras para descrever tamanha sabedoria, somente constatar que a luta pelo tecido mais colorido é ter esperança com fé que tudo pode ser mudado ao longo do nosso caminho e que nada é para sempre. Tudo passa.

Posso assegurar que a costureira daquela manhã no SOS colocou um enorme retalho colorido na minha colcha, e eu alinhavei um pedacinho de estampa de listras na sua, porque são muitos os caminhos e todos nos unem no grande tecido da vida.

- **Os primeiros retalhos: família**

Meus pais são verdadeiros engenheiros da vida, realizaram e realizam o impossível para costurar a colcha de retalhos da nossa família. Sou a primogênita de dois irmãos. Meu pai trabalhou por 35 anos como motorista de ônibus, depois continuou trabalhando na construção civil, mas em dezembro de 2019 foi acometido com um tumor cerebral muito agressivo. No dia 18 de março de 2020, meu pai descansou na eternidade. Ele acompanhou até a etapa final desse trabalho, mas não viu sua conclusão. Ele deixou seu grande pedaço colorido em minha vida e uma saudade imensa, tenho certeza que lá do céu ele está feliz em ver sua filha concluindo o doutorado, em ver o impossível acontecer. Minha mãe foi costureira, doceira, confeitadeira e decoradora, hoje continua fazendo tudo isso e muito mais. Ambos possuem apenas o Ensino Fundamental incompleto, mas detêm uma sabedoria colorida esplendorosa. Ensinarão os filhos a lutar pelos sonhos e pela educação, que é o mais colorido dos retalhos da vida. Hoje, no lugar dos meus pais, tento repassar ao meu presente, meu filho de coração Richard que não podemos perder a fé em tempos de escuridão, porque é possível colorir o mundo e sermos agentes da transformação por meio da educação.

- **A aventura de aprender a costurar: educação**

³² Alinhavado: ponto falso na costura, que facilita o desmancho.

Com dois anos de idade, durante a educação infantil, comecei a alinhar a busca pelo saber, e até a 3ª série do Ensino Fundamental frequentei a escola pública. A partir da 4ª série fui transferida para o SESI - Serviço Social da Indústria - onde conclui o Ensino Fundamental.

Retornei à escola pública no Ensino Médio e, confesso, foi um desafio, principalmente estudar à noite e trabalhar durante o dia. Além disso, no último ano senti a necessidade de intensificar meus estudos, pois o desejo de cursar uma faculdade aumentava. Na época a UNICAMP ofertava cursinho pré-vestibular aos sábados. Embarquei nessa loucura e, para minha surpresa, deu certo! Passei no vestibular da Universidade do Estado de São Paulo – UNESP no curso de Relações Públicas. Mas o curso é ofertado em Bauru, há 280 Km da minha casa, para isso, necessitava sair da casa dos meus pais e morar sozinha, sendo uma adolescente. Além disso, não tínhamos recursos financeiros para arcar com todas as despesas, então meus pais decidiram não me matricular e buscar alternativas. Hoje admito que esse tecido cinza que meus pais costuraram na minha colcha harmonizou o conjunto todo.

Após um ano refleti e decidi prestar Serviço Social na PUC Campinas³³. Influenciada pela minha mãe, que é vicentina³⁴ e auxilia às famílias em situações de vulnerabilidade. Na época eu ajudava e acompanhava algumas situações, isso gerou vários questionamentos sem respostas coerentes, então resolvi buscá-las no Serviço Social.

Ingressei na faculdade em 2001, com muitos desafios, principalmente financeiros. Mesmo trabalhando, o salário não era suficiente para as mensalidades, transporte e alimentação. Mas naquele ano houve uma alteração na arrecadação e na isenção de impostos às instituições filantrópicas, obrigando-as a destinar parte dos seus recursos recebidos aos alunos, em forma de bolsas de estudos, incentivos à pesquisa e projetos de extensão. Como estava com dificuldades financeiras e prestes a desistir da faculdade, entrei para o programa de bolsa e permaneci até o final do curso.

³³ Pontifícia Universidade Católica de Campinas

³⁴ Vicentinos: A Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP) é uma organização civil de leigos, homens e mulheres, dedicada ao trabalho cristão de Caridade. Foi criada em 23 de abril de 1833, em Paris, na França, com o objetivo de aliviar o sofrimento das pessoas vulneráveis e fortalecer a fé de seus membros. Rapidamente a Sociedade espalhou-se pelo mundo e já está presente em 150 países. Internacionalmente, a Sociedade de São Vicente de Paulo é membro da Organização das Nações Unidas, participando do Conselho Econômico e Social (Ecosoc). Disponível em: <http://www.ssvpbrasil.org.br/a-ssvp/> Acessado: 26/07/2018

O desafio de conciliar a vida, o trabalho, os estudos e o estágio foi uma verdadeira montanha russa de descobertas, reflexões e de muitas concessões.

Meu primeiro estágio foi, aos sábados e domingos, no Comitê para Democratização da Informática (CDI), que tem como objetivo a inclusão digital, atrelada à educação social, para adolescentes e jovens. O segundo campo de estágio foi no projeto piloto de assistência às pessoas em situação de rua da cidade de Itatiba (interior de São Paulo), executado pela Secretaria de Ação Social. A experiência me proporcionou um entendimento do universo da rua: me ensinou a decodificar o emaranhado de linhas e tecidos de cada sujeito, e suas histórias de vida abriram uma janela na minha concepção de mundo “perfeito”. Aprendi a valorizar cada ser humano como indivíduo singular e coletivo.

Em janeiro de 2005 ingressei em um novo campo de estágio: Centro Comunitário da Capela, da Secretaria de Assistência Social, em Vinhedo/SP. Agora no atendimento às famílias beneficiadas pelos programas de transferência de renda. No último semestre da graduação, optei em terminar essa jornada na Pastoral Carcerária de Campinas.

Destaco duas experiências acadêmicas que trouxeram cores novas a minha colcha de retalhos: o movimento estudantil abriu um leque de cores vibrantes, com possibilidades e saberes desconhecidos. A segunda experiência foi participar da Iniciação Científica no projeto de pesquisa: Serviço Social e as Políticas Públicas na Área de Gênero: Formação Profissional, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Mirian Faury. As linhas se cruzaram entre as inquietações e as (possíveis) respostas. O cruzamento causou um encantamento pelo tema (gênero) e pela investigação, provocando uma costura nova, com a união dos retalhos de experiências: dos estágios, do movimento estudantil, da formação profissional e de gênero, o que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “Formação Profissional, Estágio e Gênero: aspecto da questão”.

Motivada com a conquista da graduação, resolvi continuar. Ingressei no Programa de Aprimoramento para Não Médicos da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no Hospital das Clínicas, com a especialidade em Violência Urbana, Saúde e Serviço Social. O mundo colorido começava a se mostrar em faixas cinza e pretas na vida das pessoas. No período de um ano, aprendi a lidar com vidas biológica, psicológica e socialmente fragilizadas. Aprendi, também, a lidar com o fim da colcha de retalhos de cada um, a

morte, muitas vezes ceifada por outras pessoas.. Essa aproximação com as vítimas de violência ocasionou mudanças na minha colcha de retalhos, despertando uma ânsia por repostas frente aos motivos da violência, da intolerância, do ódio, das histórias de vida das vítimas e dos agressores. A questão da violência começa a se cruzar com os retalhos da minha vida.

- **Os caminhos da pesquisa se entrelaçam com a vida profissional: o início da colcha de retalhos em preto e branco**

Com a finalização do aprimoramento, comecei a trabalhar em uma instituição de acolhimento de crianças e adolescentes – ONG Casa da Criança e do Adolescente. Nessa instituição trabalhei por dois anos, nos quais adquiri experiência e vivência no trato às consequências da violência na vida das crianças, dos adolescentes e das famílias. No início de 2008 conciliei o trabalho no abrigo e na ONG SOS Ação Mulher e Família, que atua no atendimento à mulher e famílias em situação de violências de gênero, doméstica e intrafamiliar.

Ao me aproximar das pessoas em situação de violência percebi que era constante a busca por respostas à dor gerada por aqueles de maior proximidade afetiva.

As mulheres chegavam ao SOS com suas colchas de retalhos na cor preta (sem saída) e branca (vazia). Conforme os atendimentos avançavam, aos poucos percebia que esse tecido ganhava cor e estampas; logo surgia um pedaço colorido, costurado com linhas frágeis, mas que se fortificava a cada dia. Apesar da dor, certa beleza surgia como resultado da intervenção profissional nos impactos e repercussões da violência na vida das mulheres. Os acompanhamentos possibilitavam a quebra do ciclo da violência? Essas inquietações levaram-me ao mestrado na PUC São Paulo, em 2009. Esse período foi o mais intenso e produtivo. Aprendi novos pontos de costura, realizados com muitas lágrimas e superação. O produto final mostrou um caminho possível para romper as amarras da violência. Alertou que precisamos abrir novos caminhos de cuidado para com os profissionais que atuam com essas situações e (re)pensar a organização da sociedade. O trabalho está intitulado: Uma Realidade em Preto e Branco: as mulheres vítimas de violência doméstica.

Este trabalho foi costurado pelas mãos das mulheres (sujeitas da pesquisa);

das profissionais; das professoras Maria Lucia Rodrigues (orientadora); Mirian Faury (co-orientadora); Maria Lucia Martinelli e das muitas amigas e amigos que deixaram um pedacinho de retalho colorido.

- **As linhas embaralhadas da estampa da docência**

No último semestre do mestrado apresentaram-me uma nova trilha: a docência. Esse caminho não foi meu objetivo; o mestrado era a busca pelas respostas, não o início de um novo jeito de costurar, mas aceitei o desafio. Iniciei a docência em 2010, no curso de Serviço Social da UNIFIA (Amparo/SP); depois passei pelas Faculdades de Serviço Social: Instituto Superior de Ciências Aplicadas ISCA (Limeira/SP); Universidade Paulista (UNIP) (Campinas/SP); e, atualmente, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC). Ministrei várias disciplinas e em diversos cursos e faculdades. Atualmente leciono: Administração e Gestão Social, Trabalho e Questão Social, Planejamento Social, e acompanho as práticas profissionais (estágio). No ano passado assumi uma das disciplinas mais polêmicas da faculdade, Gênero e Serviço Social, idealizada pela prof^a. Mirian Faury, em 1988, que iniciou uma luta contra o Conselho da Universidade, de base Católica, e com os professores moralistas. A vitória chegou em 1990, com a permissão para incluir a disciplina de gênero na grade curricular da Faculdade de Serviço Social da PUC. Durante 27 anos a Prof^a. Mirian ministrou a disciplina. Em meados de 2017 precisou se afastar da faculdade por motivos de doença, e faleceu em janeiro de 2018. A minha eterna professora Mirian Faury deixou muitos tecidos coloridos ao longo da minha vida. O primeiro pedaço foi mostrar que homens e mulheres são pessoas – iguais - e nada mais. Também me ensinou a escrever academicamente, me apresentou a pesquisa científica, o poder da militância estudantil e, depois, do movimento feminista; orientou meu TCC, co-orientou minha monografia do Aprimoramento, minha dissertação de mestrado, inclusive foi banca, e auxiliou com a construção desse projeto de doutorado. Por anos foi minha coordenadora no SOS, minha professora e minha amiga. Hoje assumo a disciplina de gênero, com medo e alegria em saber que sua idealizadora confiou a mim tal incumbência. Mirian Faury, sempre presente em minha vida.

- **O colorido da prática profissional: a busca por linhas de costura firmes**

Enquanto Assistente Social trabalhei na Casa da Criança e do Adolescente (acolhimento institucional), permaneci por 6 anos no SOS, passei pelo Centro de Reabilitação Lucy Montoro e, por fim, no Centro de Convivência Casa dos Sonhos. Esse último resgatou uma indagação que estava adormecida, iniciada no SOS em 2010. Durante a pesquisa da dissertação de mestrado, muitas sujeitas levantaram que os homens – autores de violência, não nascem para agredir ou matar, e que é necessário entender o que motivou as agressões para, assim, planejar mecanismos de atuação junto a esses homens. No Centro de Convivência acompanhei muitas situações de violência grave e os homens que as cometiam. Muitos frequentavam a instituição, acabavam expondo suas fragilidades e, muitas vezes, os adoecimentos causados pela pressão da sociedade. As usuárias que foram vítimas de violência evidenciavam as mesmas indagações que as mulheres atendidas no SOS em 2010: quais os motivos levavam os homens a cometerem atos violentos? Como eles enxergam a violência? Como podemos ajuda-los? Esses questionamentos novamente estavam sendo feitos para mim. Queria fugir dessas questões, mas como? Não havia outra solução que não encontrar respostas, porque as mulheres merecem saber os motivos que levam os príncipes, seres humanos, a virarem sapos e depois monstros.

- **A nova colcha de retalhos...**

Com essas indagações fervendo, peguei minha colcha de retalhos e embarquei no tecido do doutorado, em busca das respostas. A jornada iniciou-se no segundo semestre de 2016 e, ao longo de quatro anos, reunimos tecidos de texturas e cores diferentes, aprendemos pontos novos e ousamos costura-los, ao término, percebemos que a tese se transformou em uma nova colcha de retalhos com mais perguntas do que respostas, ou seja, a busca continua, pois sou uma eterna estudante da escola de costura da vida. Aprendendo que sou feita de retalhos e de:

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa. E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês, que

fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias. E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de 'nós'. (CRIS PIZZIMENT)³⁵

³⁵ Disponível em: https://www.pensador.com/autor/cris_pizzimenti/ acessado em: 01/08/2018